PAULO GREVEN

INSTITUIÇÕES PARA IDOSOS:
UMA NOVA CULTURA

Estudo de caso: Solar Ville Garaude

Mestrado em Gerontologia

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia

São Paulo
2006

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

PAULO GREVEN

INSTITUIÇÕES PARA IDOSOS:
UMA NOVA CULTURA

Estudo de caso: Solar Ville Garaude

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como um dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Gerontologia, sob a orientação da profª drª Beltrina Côrte.

Mestrado em Gerontologia

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia

São Paulo
2006

FOLHA DE APROVAÇÃO

A comissão examinadora, abaixo-assinada, aprova a dissertação intitulada **Instituições Para Idosos, Uma Nova Cultura – Estudo de Caso: Solar Ville Garaude.** Apresentada em sessão pública por Paulo Greven, aluno do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Orientador

Componente da Comissão

Componente da Comissão Convidado

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

Paulo Greven

São Paulo, 2006

AGRADECIMENTOS

À professora doutora Beltrina Côrte, orientadora desta dissertação, pela condução do processo de criação, paciência e dedicação. Pelo interesse que devota a todos, e rigor científico com que conduziu este trabalho.

Aos colegas, professores e funcionários da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que me apóiam neste esforço de aprendizado contínuo desde a graduação em Psicologia. Especialmente a professora Ruth Lopes e professor Paulo Renato Canineu.

Ao meu estimado amigo doutor Pedro Garaude Junior, um agradecimento muito especial pelo apoio sem o qual não seria possível a realização deste estudo.

A todos os moradores e funcionários do Solar Ville Garaude, pelo carinho e compreensão com que receberam minhas interferências de campo na formatação desta pesquisa.

Com amor, agradeço à minha esposa e amiga Sandra. E às minhas filhas, pela compreensão em deixar o pai dedicar-se a este trabalho.

RESUMO

GREVEN, Paulo. *Instituições Para Idosos, Uma Nova Cultura – Estudo de Caso: Solar Ville Garaude.* **Dissertação de mestrado, defendida no Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC/SP, 2006, 123 páginas.**

Quais os motivos que levam o idoso, por vontade própria a sair de casa para morar em uma instituição de longa permanência? Esta foi a pergunta guia da entrevista feita a um grupo de 10 idosos de condição sócio cultural de classe média e alta, com 60 anos ou mais, de ambos os sexos, hospedados em um empreendimento voltado para essa faixa etária, conferindo se a proposta de uma casa construída, administrada e voltada para os cidadãos mais velhos, é viável. Analisa como a instituição, Solar Ville Garaude, localizado no município de Barueri, estado de São Paulo, atende suas necessidades biopsicossociais, usando o método da observação participante.Entre os principais motivos que levam o idoso a sair de casa para morar em um hotel-residência, podemos elencar: solidão, sensação de insegurança, dificuldades quanto a acessibilidade, cansaço em relação à administração da casa, percepção de fragilidade e medo de não ter a quem recorrer, além de relatos de estados de depressão. A análise dos resultados se apóia em parâmetros definidos a partir de pesquisas bibliográficas e documentais sobre o processo de envelhecimento e é complementada pela experiência do trabalho diário do pesquisador na instituição. É relevante e significativo entender por que e como o idoso com poder aquisitivo de padrão classe média, decide sair de sua moradia e morar em um hotel-residência. Questão que se mostra válida em vista do constante aumento dessa população. A pesquisa reflete ainda sobre a importância do bom atendimento, criativo e inovador, a esse grupo social pelas instituições públicas e privadas. Ressaltando o respeito e a superação dos princípios básicos de atendimento ao idoso, frágil ou ativo, em sua singularidade, e com diferentes situações de dependência. A moradia fora da residência familiar possibilita boa qualidade de vida, permitindo ao idoso e à família novos laços relacionais e atendimento satisfatório. O caso estudado mostrou que a instituição é um local de inclusão, apresentando a possibilidade de uma nova cultura de acolhimento ao cidadão que envelhece, em que a sensação individual de bem-estar e felicidade seja o parâmetro principal. Um ensaio que abre espaço para a discussão de uma nova visão sobre o morar no século XXI.

Palavras-Chave: Idoso – Nova cultura – Instituição de Longa Permanência – Nova Cultura – Morar.

ABSTRACT

This essay handles the discussion on the process of human aging. The attendance offer is respectful and shows dignity towards the elderly. It is a theme that seeks to open up space for a debate on a new vision other than what is aging in the 21st century. It is a case study, whose hypothesis is tested by means of a qualitative research done on elders which are hosted in an enterprise that is specifically designed for this age cluster. This research attempts to comprehend why and how the elder decides to venture out of his establishment to live in a hotel-residence, using the interviews with a group of elders living in the Solar Ville Garaude institution, located in Alphaville, district of Barueri, state of Sao Paulo, as backbone for the research. It analyses how the institution ministers to their bio psychosocial needs, using the method of participative observation. The analysis of the results consolidates itself within parameters defined by bibliographic researches and documentaries on the matter of aging and is complemented by the daily work experience of the researcher in institutions that are concentred on this segment. It discusses a question that shows itself to be valid in view of the constant increase of this population. It still reflects the importance of caring, creative and innovative attendance to this social group by the public and private institutions, avowing the value of respecting and even surpassing the basic principles of caring for elderly, fragile or active, in his moment in live and in his singularity. It is a calling towards a new culture, one in which the individual awareness of eudaemonia is the main parameter.

Key-Words: Human-Aging – Hotel-Residence – Bio psychosocial needs – New Culture.

RESUMEN

Este trabajo trata a cerca de la discusión del proceso de envejecimiento humano. La oferta de atención respetuosa y digna a nuestros mayores. Tratase de un ensayo que busca abrir espacio para la discusión de una nueva visión de lo que es envejecer en el siglo XXI. Este estudio que tiene su hipótesis probada por el intermedio de una encuesta cualitativa con los habitantes de un emprendimiento dedicado a los mayores. Dicha encuesta busca conferir si la propuesta de una casa construida, administrada y volcada a los ciudadanos mayores de una comunidad es viable. Es relevante y significativo entender porque y como una persona mayor decide salir de su hogar para vivir en una instituicion de longa permanencia. El método utilizado es lo de las entrevistas con grupos de personas que viven en la institución – Solar Ville Garaude, ubicada en Alphaville, ciudad Barueri, estado de São Paulo. Analiza como la institución realiza sus necesidades biopsicosociales, usando el método de observación participante. El análisis de los resultados se apoya en parámetros definidos con base en encuestas bibliográficas y documentales a cerca de la cuestión del envejecimiento y es complementada por la experiencia del trabajo diario del encuestador en dicha institución volcada a este segmento. Discute una cuestión que se mostra valida en vista al constante incremento de esta población. Refleja también a cerca de la importancia de la atención a los clientes de manera creativa e innovadora a este grupo social hecha por instituciones públicas y privadas, resaltando el valor de respetar y superar los principios básicos de acogimiento de los mayores, frágiles o activos, en un momento singular de sus vidas. La propuesta se justifica por ser un llamado a una nueva cultura de acogimiento de un ciudadano que envejece y que la sensación individual de bien estar y felicidad sea el parámetro principal.

Palabras-Clave: Mayores – Ancianos – Istituiciones de longa permanencia – Necesidades biopsicosociales – Nueva Cultura.

ÍNDICE

ATO I

Saguão de Entrada 12
A transformação do personagem 16
Apresentação dos atores 19
Cenário 20
Cenário do envelhecimento 21
Percurso 23

ATO II

O Ensaio 29
Ensaio para a quarta idade 37

ATO III

A Cena..... 39
Cena das complexidades 40
A bilheteria 45

ATO IV

O Palco 48
O enredo 49
Detalhes artísticos 55
Os diretores de cena 57
Os personagens principais..... 60

ATO V

Os textos 67
As falas 68

ATO VI

Cena final 80
Considerações finais 84
Notas do autor 85
Bibliografia 87
Anexos..... 91
Fotos 102

A velhice é o coroamento das etapas da vida, reunindo tudo o que aprendeu e foi vivido, quanto fez e como foi alcançado, o que sofreu e o que foi suportado. E, como ao final de uma sinfonia, retornarão os temas dominantes da vida para uma potente síntese sonora. E essa ressonância conclusivamente conferirá sabedoria, bondade, paciência, compreensão e o precioso coroamento da velhice: o amor!

João Paulo II

Saguão de entrada

Acredito que todos somos autores e atores do nosso destino. Não somos platéia na vida. Não é nosso papel assistir ao desenrolar do destino, sem esperança ou capacidade de mudança. Somos os autores do texto que nos conduz. Atores de seu desenrolar. Por acreditar que somos os construtores do teatro que acolhe nossas emoções e atuações, e que estamos sempre no palco dos acontecimentos de nossa existência, me lanço ao desafio de buscar o novo e apresentar este trabalho, cuja intenção é simples: explicar ao leitor o que significa para mim, essa nova cultura. Se o leitor permitir, pontuaremos todo o ensaio com terminologia "teatral".

Ensolarada tarde de outono. Eu e minha esposa, Sandra, médica cardiologista, estávamos tensos, pois naquela tarde muita coisa iria mudar em nossa vida, e pressentíamos isso. Tínhamos em mãos, após intensa pesquisa e anos de estudo, o projeto de uma pequena instituição para pessoas na maturidade, meio utópica, que tentamos tornar plausível para alguém exigente e objetivo como meu sogro.

À época, 1995, fizemos pesquisa de campo nas instituições de São Paulo e Rio de Janeiro, interessados na questão da moradia para o grande grupo etário que abrange indivíduos com sessenta anos ou mais. Hoje esse grupo já chega a 9% da população brasileira, somando 16,8 milhões de pessoas, e tende a ter cada vez mais dificuldades para lidar com as atividades da vida diária – o cotidiano de cozinhar, cuidar do próprio asseio, da casa, das finanças. A pesquisa feita na época tinha a intenção de formatar novas possibilidades de acolhimento, permitindo ao indivíduo que envelhece viver com menos compromissos relativos ao cotidiano cada vez mais pesado. Procurávamos um ambiente que oferecesse mais liberdade, prazer e realizações, dentro das possibilidades de cada pessoa.

Percebemos após a pesquisa que não havia parâmetros: a realidade das casas visitadas não nos remetia em nada ao futuro no qual acreditávamos. O levantamento serviu para percebermos com clareza o que não queríamos, e perseguir outros caminhos para encontrar nova filosofia de atendimento, que viesse ao encontro dos anseios dessa faixa etária, os idosos, também chamados hoje de pessoas da "terceira idade".

Nós três, eu minha mulher e meu sogro, vínhamos conversando sobre o assunto havia vários meses, e ele mostrava interesse em nos ajudar com sua capacidade administrativa e capital. Mas naquele

dia, tudo mudou. O pequeno ideal se tornou um grande empreendimento. Convicto de que era um projeto viável, com seu jeito firme, o doutor Pedro assumiu a proposta e inverteram-se os papéis. De criadores passamos a colaboradores na busca em direção ao futuro. Era o ano de 1995. A utopia começava a se tornar sonho possível.

Isso nos impulsionou a tomar uma atitude: ao invés de passivos e perplexos com a situação da maioria da população que envelhece sem atendimento e dignidade merecidos, poderíamos atuar para melhorar a lenta seqüência de perdas físicas e sociais ao longo da vida, que tende a transformar pessoas sempre respeitadas e consideradas importantes, em estorvo para a família e a comunidade quando ficam mais velhas.

Esse comportamento não é novo, nem fruto apenas de nossa sociedade industrial. Ao contrário, acompanha a humanidade há milênios. Os povos nômades abandonavam seus idosos para que não continuassem a competir pelo pouco alimento que o grupo tinha; os animais velhos da savana, assim como os filhotes, são os alvos preferenciais dos predadores. Parece ser "natural" o abandono, mesmo simbólico, dos indivíduos que envelhecem.

Exemplo tirado da tradição japonesa é o conto "a balada de Narayama", o qual dá a medida das relações entre as comunidades antigas e seus idosos. Em certos lugares do Japão os moradores das aldeias sacrificavam seus velhos para sobreviverem diante da realidade da fome e da pobreza. As pessoas que passassem de certa idade, demonstrassem pouca capacidade para o trabalho, e já não tivessem dentes, eram transportados para a "montanha da morte", e lá abandonadas. A velha Orin ouve o canto de Narayama anunciando o início da peregrinação anual à montanha. Orin é uma senhora forte, que ainda trabalha, e principalmente tem todos os dentes. Mesmo assim decide partir naquele ano, para tristeza de seu filho Tappei, que a ama muito. Ela sabe que não pode ir contra a tradição, e é vergonha disputar o pouco que a aldeia tem. Para provar sua determinação, quebra dois dentes com uma pedra. Seu filho chora quando ela anuncia sua decisão. Cumprindo a vontade da mãe, Tappei a carrega nas costas até o alto e a pousa no solo. Ela gesticula para que ele parta. Enquanto ele desce a montanha, começa a nevar. Ele volta, quer dizer à mãe que a neve era sinal de boa sorte. Ela o manda embora de modo insistente. Tappei se afasta chorando. Ele demonstra seu amor e respeito filial transportando a mãe ao alto da montanha.

Por outro lado, o idoso Matayan não prepara sua partida, não quer partir. No dia da peregrinação, seu filho, que quer se livrar dele, o amarra. Matayan corta a corda com os dentes e foge. O filho o alcança, amarra firmemente seu pai, e o lança ao precipício. Assassinando o pai, cumpre a tradição e não tem do que se culpar.

Na literatura histórica encontramos muitos exemplos semelhantes. O que para nós soa como crueldade, pode ser entendido como Leonard Hayflick esclarece:

> Em ambientes onde falta alimento, quem já passou da idade fértil representa uma competição extra. Aos poucos, a natureza privilegiou as espécies cujos integrantes deixavam o palco assim que seu papel acabasse.
> A espécie humana foi a primeira a reverter esse estado de coisas. Nosso corpo foi forjado há cento e trinta mil anos, época em que os humanos, por mais saudáveis que fossem, morriam todos antes dos trinta, vítimas de acidentes, predadores ou doenças. Mas nós domamos essas adversidades elevando nossa expectativa de vida para muito além da idade reprodutiva. (1996, p. 65).

A lenta seqüência de perdas enfrentada ao longo da vida, que se acentua a partir de, mais ou menos, 30 anos é a entrada em um período da vida para o qual a seleção natural não nos preparou. Temos que aprender a lidar com isso – a velhice é produto da civilização. Só ocorre com intensidade nos seres humanos, nos animais domésticos e nos mantidos em zoológicos ou laboratórios. E mais, a capacidade da humanidade de prolongar a vida chegou a um patamar no terceiro milênio em que o espaço para o surgimento de uma nova cultura se abre, e mais do que isso, se torna imprescindível.

A sociedade brasileira está acordando muito lentamente para a nova realidade demográfica que se instalou no país. Para dar bem-estar e dignidade a essa população é preciso entender o que com ela ocorre.

A preocupação com as questões do envelhecimento da humanidade, e as formas possíveis de participar de suas soluções, se ampliaram e ficaram mais claras no curso de Psicologia, que fiz na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Por outro lado, a fé na grande conquista da humanidade - a longevidade, tem suas raízes na infância, na convivência com os idosos da família.

"Seu" Tranquilino Castelli e "dona" Geny eram meus avós maternos. Foram figuras centrais na minha criação, e secreta motivação por andar pelas estradas da gerontologia. As lembranças de infância

são muito ligadas a eles e à fazenda onde eu adorava ir - e sempre queria ficar por lá mesmo. Eram, também, meus padrinhos de batizado, e as primeiras pessoas que me visitavam, com um brinquedo novo, sempre que eu ficava doente. Havia também uma relação de mistério infantil – o lugar era lindo, em Passo Fundo, município do interior do Rio Grande do Sul. A casa da fazenda me parecia enorme. O porão cheio de objetos antigos, sótão onde entravam passarinhos para se proteger do frio, muitos animais e muita aventura, histórias contadas em volta do fogão à lenha, e muito companheirismo entre primos. Havia também os vizinhos que iam tomar chimarrão, rir e jogar truco, de forma muito animada, quase todas as noites. Enfim, mundo rico de sentimentos e descobertas. Ambiente bem diferente da vida na cidade grande, Porto Alegre, onde morava com minha mãe em um apartamento, com a obrigação de ir todos os dias para a escola.

Minha mãe era atriz de teatro e televisão. Tinha de se afastar periodicamente por motivos profissionais. Nessas fases, costumava ficar com meus avós. A longa e íntima convivência durante minha infância, as dificuldades pelas quais passaram ao chegar à idade mais avançada, despertou em mim, desde cedo, a preocupação com o envelhecimento. Como não se tornar, de pessoa querida e respeitada em alguém que atrapalha a dinâmica familiar.

Aos 18 anos entrei no curso de Administração de Empresas, com o objetivo de dar continuidade à administração da empresa familiar fundada por meu avô paterno e gerida por meu pai. Não me senti identificado, não era aluno dedicado e atento. Após um ano abandonei a faculdade para seguir a carreira artística, seguindo os passos de minha mãe. Deixei a responsabilidade de cuidar da empresa para meu irmão mais velho.

Após algumas experiências em teatro, senti necessidade de aprender mais profundamente a profissão que estava assumindo. Entrei na escola de Comunicações e Artes da USP, à época dirigida pelo professor Miroel Silveira. Trabalhei na área artística por quase 20 anos. Neste período fiz trabalhos em teatro, cinema e televisão.

A transformação do personagem. Durante o período como ator profissional, fui me interessando pela área da psicologia. O interesse foi crescendo e, alguns anos mais tarde, cursei a faculdade. Passei a dividir a profissão de ator com a de psicólogo, até me decidir a dedicar todo o tempo ao consultório psicológico e à gerontologia, abandonando completamente minha profissão anterior.

Sou formado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Na graduação amadureceu em mim o interesse pelos estudos do envelhecimento humano. Interesse que teve grande impulso com o curso eletivo ministrado pela professora Ruth Lopes. Tive a oportunidade de entrar em contato mais intenso com o assunto e com algumas instituições de atendimento e apoio a idosos. Fiz, no último ano do curso de psicologia, o estágio obrigatório em Psicologia Hospitalar no Serviço de Geriatria do Hospital do Servidor Público Estadual, e apresentei meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre o tema – "Psicoterapia com idosos" - sob a orientação do professor Sidnei José Gazeto.

Desde então passei a me aprofundar na questão. Comecei a ser convidado a fazer palestras e ministrar alguns cursos sobre o assunto. Hoje dou um curso de psicologia hospitalar, sobre o tema "envelhecimento humano". Participo praticamente de todos os Congressos Brasileiros de Geriatria e Gerontologia, que ocorrem bienalmente em várias capitais do país. Sentindo falta de embasamento mais científico para continuar a oferecer meus serviços à comunidade, busquei os cursos de Pós-Graduação em Gerontologia oferecidos. Interessei-me especialmente pelo curso da PUC de São Paulo, por ter abrangência maior que os demais e ser mais voltado à gerontologia social, e não tão "médico patológico", mais próximo da minha formação de psicólogo.

Outro fator relevante para meu desejo de participar do grupo que desenvolve as pesquisas na pós-graduação da PUC é lidar com a necessidade de criar algo novo na área. Desde 1998, trabalho diariamente no hotel residência para idosos que criamos. Organizo a área social - de bem-estar e atividades culturais e de lazer - além de participar de sua administração. E o conhecimento que essa instituição de ensino está me disponibilizando é, certamente, diferencial para meu progresso profissional, e também pessoal.

Atualmente, além de dividir o consultório de psicologia clínica e o cargo de diretor social no hotel residência para idosos, faço o atendimento psicológico de uma casa de crianças abandonadas, com 15 crianças, mantida pelo hotel, em caráter voluntário. No consultório atendo adolescentes e adultos, que além de suas dificuldades atuais, também não têm nenhum preparo para lidar com as fases seguintes da vida. Os adolescentes sentem as dificuldades comuns desta fase do processo de desenvolvimento em direção à idade adulta. Seus pais lhes dão algum respaldo e eles vão seguindo, com algum sofrimento. Mas nenhum jovem demonstra conhecimento sobre seu processo de envelhecimento. Agem como se

nunca fossem chegar a ser velhos. O drama é que a velhice e a morte estão instalados somente no outro. O adolescente e o adulto jovem tem dificuldade de se identificar com o idoso. As escolas e a família não contam com instrumentos para conscientizar os jovens como esse processo natural se dá, e nem conseguem prepará-los para lidar com o próprio envelhecimento e o da comunidade que o cerca.

Por isso me dedico preferencialmente a pessoas com dificuldades e distúrbios do envelhecimento. Atendo a vários idosos que respondem, em geral, muito bem à psicoterapia. Têm uma história de vida muito rica e diversificada, excelente material de trabalho psicoterapêutico. Trabalhar com as dificuldades das pessoas em aceitar o processo natural de envelhecimento abriu campo de atuação amplo e pouco ocupado pelos profissionais da psicologia.

No esforço de esclarecer e entender as questões com as quais se depara o profissional que lida com pessoas na faixa etária dos 60 anos ou mais, tanto no consultório quanto no dia a dia de uma instituição, entrei no programa de gerontologia da PUCSP. No curso de pós-graduação recebi ensinamentos essenciais para o meu crescimento e entendimento da gerontologia.

Esse entendimento deve começar pela percepção de que todo saber é provisório. Estamos na época da incerteza. As interpretações e conclusões deste ensaio podem ser criticadas, aprofundadas ou descartadas. O que é aqui proposto está localizado no tempo e espaço específicos da produção da pesquisa, podendo ser generalizado e replicado.

Portanto, este trabalho pesquisa a geração de idosos atual, que vive e pensa de modo diverso ao de outras gerações por ter sido criada dentro de um contexto histórico específico. Seus valores e crenças se constituíram ainda na primeira metade do século XX, e nesse ínterim, a sociedade passou por grandes mudanças. Apesar do processo de adaptação e renovação inerente ao ser humano, seu modo de estar no mundo mantém muitos valores de épocas passadas. Quando jovens, aprenderam a encontrar soluções para as questões da vida. E agora não é fácil abandonar atitudes bem-sucedidas, mesmo percebendo que as condições sociais são outras e novas soluções são exigidas. O conflito de comportamentos e valores se dá porque a sociedade não é estática, e a cultura está em constante mutação. Estamos sempre sendo atores de uma nova cultura, não importam nossa profissão, experiência ou idade.

As gerações que estão envelhecendo hoje se deparam, e criam, uma nova concepção do que é

envelhecer, vendo de um ângulo diferente o próprio processo. É possível que a um certo momento de sua vida possam desejar transferir-se para uma instituição, ou um hotel residência, com uma percepção diferente da atual, sem a impressão que ainda se mantém de estar indo para o fim, para um lugar de abandono e perda do poder de decisão e vontade.

Grande parte do entendimento do que é o morar passa pelo subjetivo, sensação de acolhimento, identidade e afeto. Fatores importantes que se desenrolam além do ato material de mudar-se. Muito pensamento mágico e fantasias se associam ao ato de abandonar a moradia na qual, provavelmente, se viveu por anos. E se há a cultura de que ir para uma instituição é aproximar-se da morte e se afastar do fazer cotidiano, pode-se imaginar a angústia que essa atitude evoca. Por outro lado, se o movimento tem por base a tomada de decisão, se liberta da conotação de interdição, e toma nova forma de liberdade e facilidades no dia-a-dia, toda a visão subjetiva do novo morar tende a se transformar.

Apresentação dos atores. Para melhor compreender o caminho a se percorrer em busca da transformação no modo de pensar as instituições, foram convidados dez moradores do hotel, de ambos os sexos, a fim de que se possa analisar os motivos que os levaram a sair de suas casas e morar em um hotel residência, e como se sentem na nova moradia. Para alcançar, tanto o conhecimento objetivo desse querer, quanto o entendimento da parte mágica, subjetiva dessa tomada de decisão, pretendemos discutir no desenrolar deste trabalho os aspectos gerais e específicos do envelhecimento. E também os métodos usados pelo hotel para o acolhimento e bem-estar de seus hóspedes. A pesquisa dará voz aos hóspedes que se expressarão por meio de uma pesquisa de campo, com entrevistas abertas a dez moradores escolhidos, lúcidos e autônomos, que representarão a comunidade de moradores do hotel. Não há caminho mais seguro para a transformação de uma cultura do que ouvindo e valorizando seus atores.

Indo à frente do palco faço grande mesura, agradeço vossa paciência e dou início ao espetáculo.

Cenário

Cenário do envelhecimento. A população mundial está envelhecendo. Alguns países mais desenvolvidos conseguem dar boas condições de vida à população que envelhece a cada dia, enquanto países mais pobres e periféricos da economia global têm dificuldade em atender aos cidadãos idosos sem ainda ter resolvido problemas como a mortalidade infantil alta e grande número de doenças infectocontagiosas. O Brasil é um deles, e está em momento delicado, de transformação demográfica, e precisa se preocupar com esta mudança, pois já não é mais um país jovem. A idade média da população está aumentando. Segundo dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), há forte tendência ao envelhecimento da população.

Uma das conseqüências do processo de envelhecimento populacional é a questão da moradia. Estudos estatísticos norte-americanos registram o fato de que só 5% da população idosa utiliza instituições como moradia. Com foco nas "*nursing homes"*- instituições que oferecem atendimento mais amplo, serviços de saúde, lazer e reinserção social (CHIMOWICZ, 1998).

No Brasil, não há estudos sistematizados e de abrangência nacional sobre o número e as condições dos idosos institucionalizados; a resistência é muito grande por conta da filosofia de atendimento ainda encontrada na maioria das casas para idosos, em geral sem qualquer estímulo ao lazer e à ressocialização.

É importante perceber que, quando se classifica uma pessoa como "idosa", retira-se dela a história, o fluxo natural que a levou até aquele momento específico de vida. Cria-se um rótulo. O incômodo é expresso por Tótora:

> Todo poder é uma relação e, como tal, implica resistência. Os idosos e os estudos sobre o envelhecimento tentam afirmar seu poder, resistindo às atitudes e ações negativas em relação ao velho. Por um lado, procura-se denunciar os estigmas explícitos na modelação de um ser velho, que em nada corresponde à realidade, e, por outro, busca-se a afirmação dos direitos dos idosos traduzidos em uma legislação. Seja na formalização jurídica dos direitos, seja nas reações à discriminação, o envelhecimento tem sido tratado na sociedade contemporânea como um problema que requer solução. Um fato indiscutível é que a população de idosos vem aumentando vertiginosamente.
> O que fazer com os velhos?
> Colocar a questão desta forma produz um efeito perverso, pois, visto assim, o envelhecimento se reduz a uma faixa etária e o idoso se constitui em um segmento, objeto de saber e de investimento de poder. Situar o

> envelhecimento na perspectiva da vida exige uma nova atitude, diferente daquela que pretende eternizar os valores atribuídos em um dado período do vivente; mais que isso, implica uma ruptura com a servidão aos valores vigentes. Tal concepção baseia-se, por um lado, em uma compreensão de tempo como uma sucessão cronológica, em que a vida se reparte em fatias representadas por períodos bem definidos – infância, juventude, vida adulta e velhice – e, por outro, no fato de que os valores de uma representação da juventude constituem modelos para os demais.
> A vida é um fluxo em devir, que não tem princípio nem fim. Na perspectiva da vida, o tempo vivido não se subdivide em fases e o espaço não se reduz ao das relações sociais instituídas.(2006, p. 26).

No simpósio sobre "Instituições de Longa Permanência para Idosos", realizado em maio de 2005, em São Paulo, foi apresentada uma panorâmica das ILPIs[1] no Brasil, sobre as dificuldades, maus-tratos e a forma subumana que os idosos vivem, situando o envelhecimento não na perspectiva da vida, mas produzindo efeito cada vez mais perverso. Lança-se um olhar distante, de objeto, que se cataloga e busca conhecer dominar e controlar. O idoso passa a ser cada vez mais objeto de investimento de poder.

Segundo Born (2002), nos asilos os idosos não são reconhecidos como cidadãos. São resquícios, lembranças avulsas, lamentos. Pessoas tratadas como absolutamente incapazes, mesmo quando no gozo pleno das faculdades mentais, e independentes fisicamente. Não podem decidir o que querem, devem responder prontamente às normas internas, definidas sempre por outros, comer o que outros preparam, dormir e acordar nas horas de praxe. Devem tomar a medicação e aguardar... aguardar indefinidamente por nada. Em várias instituições, aqueles que interagem com eles não sabem sequer seu nome. O espaço que habitam não é reconhecido como espaço próprio. Em geral, não possuem privacidade, nem têm mobiliário próprio onde guardar seus pertences e ter acesso a eles. Não contam, em regra, com estrutura física adaptada à sua condição, e têm dificuldades de locomoção e outras atividades da vida diária. (V CARAVANA NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS, 2002).

Segundo a professora Maria Auxiliadora Ferrari, do Hospital das Clínicas de São Paulo, o termo asilo pode ser entendido como estabelecimento social que abriga, em regime de internato, por um tempo indeterminado, idosos de ambos os sexos, com diferentes graus de dependência física, mental e social, impossibilitados de se manter ou de serem mantidos junto à família e à comunidade (1991, p. 86).

[1] Estabelecimentos com denominações diversas (abrigos, asilo, lar, casa de repouso, clínica geriátrica), equipados para atender a pessoas de 60 anos ou mais, em regime de internato, mediante remuneração ou não, por período indeterminado. Deve dispor de quadro de pessoal para atender às necessidades de cuidados de assistência, saúde, alimentação, higiene, repouso e lazer dos usuários, e de atividades que garantam qualidade de vida (BORN, 2002).

Atualmente, casas a exemplo das descritas, são vistas como ambientes de interdição. Conforme Foucault (1998, p. 148), "seqüestra o corpo para vigiar, corrigir, classificar". Um atendimento não individualizado que não leva em conta o desejo, mas sim as condições existentes, que determinam as vivências, as formas de relação social do idoso com a estrutura na qual está envolvido e com os outros idosos. Segundo Goffman (1974, p. 112), "todo indivíduo tende a dormir, brincar e trabalhar em diferentes lugares, com diferentes participantes, sob diferentes autoridades e sem um plano racional geral".

Percurso. Durante a pesquisa preliminar, para desenvolver o projeto da nova instituição, foram visitadas vinte instituições de vários níveis. As áreas físicas não eram adequadas, prédios construídos para outras finalidades e adaptados, com portas estreitas, degraus e outros bloqueios físicos. Algumas tinham bom programa de atendimento de saúde, mas poucas se preocupavam com atividades, lazer, ou a questão emocional dos moradores. Nessas instituições não se encontravam as características descritas por Goffman. Pelo contrário, o sujeito vivia em espaço fechado, realizando as mesmas atividades com o mesmo grupo, sempre nos mesmos horários. É o velho – o objeto do atendimento, sem direito à autonomia[2] ou opinião.

Era essencial esforço para mudar. O fato de o idoso ir para uma nova moradia com a intenção de melhorar sua condição geral – biopsicossocial – e também da família, é assunto que não tem sido examinado com o merecido distanciamento. As instituições atualmente não estão preparadas para atender ao "ser desejante", o ser humano que os procura. Torna-se tabu[3] sair de sua casa, ou da casa da família, para morar numa instituição.

Há valores culturais tradicionais, tidos como certos, não discutidos - o idoso deve ficar com a família, ou na sua casa, o máximo de tempo possível. Não se questionam as condições em que ele está, e se está sendo bem atendido em suas necessidades, se ainda há família, e se esta tem estrutura para mantê-lo.

Será que há condições de dar vida digna e esperança de satisfação física, mental e social ao grupo que envelhece e que já é, no Brasil, segundo o IBGE, nove por cento da população - percentual que só tende a crescer?

ATO I - *Cenário*

[2] Habilidade de controlar, enfrentar e tomar decisões sobre como cada um vive o seu cotidiano, de acordo com suas próprias regras e preferências (ACTIVE AGEING, 2006).

[3] Objetos, pessoas, maneiras de falar, atos, que se julgam perigosos e que devemos evitar para não sermos castigados. Os tabus são os freios de todas as sociedades.

É possível transformar esse objeto de preocupações em sujeito de si mesmo? Ator, e não espectador de sua própria vida.

Durante a pesquisa em casas e instituições, e estudando a condição de moradia do idoso brasileiro, ampliou-se o interesse pelo desafio: dar alternativa viável para a família se sentir confortável em deixar seu idoso em espaço onde possa viver esta fase de vida de modo agradável e satisfatório, desmontando a visão negativa das instituições de longa permanência.

Na busca por novas opções, descobriu-se que a possibilidade existe em vários países. Não há por que o Brasil se manter sem estrutura de atendimento adequada e digna, com todo o acolhimento, sem custo muito elevado. E esse é um ponto muito importante da proposta inicial - criar filosofia de acolhimento e moradia que privilegie o indivíduo, o desenvolvimento pessoal, sem elitizar. Os custos não precisam ser altos. No caso da instituição foco deste trabalho, o custo mensal é compatível com a renda da classe média brasileira.

O pressuposto de que é possível a transformação do modo de pensar e vivenciar o envelhecimento, social e pessoal, foi assumido para esta investigação. Também foram levadas em conta as mudanças culturais em curso, e que vêm ocorrendo ao longo do último século. Entra no palco a necessidade de buscar soluções que ofereçam vida melhor para o idoso e tranqüilidade para a família.

Não se pode ignorar que a configuração da família atual não permite mais que essa assuma todas as funções que tinha no passado.

Há, atualmente, maiores dificuldades em atender as necessidades específicas de um parente idoso em casa, pois homens e mulheres, em geral, trabalham fora, e os espaços residenciais são, via de regra, reduzidos. A solução pode estar em transferir a hospitalidade doméstica para a institucional, e essa tendência pode ser observada em vários países onde não se percebe qualquer incompatibilidade em abandonar a residência anterior e morar em uma nova casa, do tipo hotel residência, e se sentir satisfeito e acolhido.

O ser humano hoje está vivendo por mais tempo do que em qualquer outra época. Precisa de atendimento que ofereça soluções inovadoras e eficazes às necessidades específicas.

Esta pesquisa questiona o saber historicamente estabelecido. Confronta-o com soluções inovadoras, desenvolvidas e discutidas ao longo do trabalho. Manteremos a polêmica entre as duas idéias, trazendo opiniões de outros pensadores para tentar esgotá-las.

Forma esclarecedora de ser observado o processo e aumentada a compreensão do envelhecimento na história é a visão de Julia Leite, no texto "O sujeito na velhice: corpo, imagem e desejo":

> A consideração da velhice como fenômeno natural, apoiado em bases biológicas tem uma sustentação historicamente localizável entre os séculos XVIII e XIX, com a teoria de Darwin. A existência humana, representada como desenvolvimento vital, é o aval para a divisão do ciclo de vida, onde a velhice, tendo realizado seu potencial evolutivo, se liga a uma fase de decadência. No interior do discurso da medicina, a velhice não diz respeito somente aos efeitos deletérios da passagem do tempo sobre o corpo (às vezes circunscritos à involução cerebral), mas à promessa de seu adiamento na via da ilusão de uma "juventude eterna". Já no terreno social, procedeu-se nos últimos anos, uma renovação da idéia de velhice, que passou a se apoiar em ideais expressos em termos de uma "velhice saudável, ativa, feliz, com qualidade de vida". No campo das práticas prevalece a profusão de enunciados pedagógicos que, visando a uma melhor adaptação às chamadas perdas da velhice, acabam por ressaltá-las. Aprisionando o sujeito em ideais, também supõem um caminho generalizável, onde a singularidade do desejo não comparece. Aos velhos cansados, doentes, em sofrimento, muitas vezes resta a resposta "é da velhice..." que faz calar a diferença. (Leite, 2006 p. 64).

Encontramos neste breve recorte ressonâncias do discurso que, operando pela sugestão, recalca a subjetividade e promove uma visão universalizante e normativa. Visão negativa da velhice.

Há a percepção de que o idoso pode ser visto como ser sem desejo. Recolhido ao asilo que lhe tolherá a esperança, a disposição de agir, e propiciará seu desaparecimento como sujeito, com possível agravamento de processos demenciais. Em contraposição ao potencial de uma existência com pleno exercício de seu ciclo vital, para quem o cotidiano pode ser pessoal e criativo. O idoso deve receber efetivo apoio para sua luta contra dificuldades específicas da idade. Essas dificuldades, mesmo mudando

o perfil, o acompanham por toda a vida, pois cada fase -infância, adolescência, fase adulta, maturidade – traz seus desafios. Um projeto de moradia que dê ao idoso o apoio de que tanto necessita justifica-se e é relevante. Tem a possibilidade de contribuir para a compreensão da relação do idoso com o morar, modificação dos valores sociais e do esforço que precisa ser despendido para a revalorização desta etapa. Tal questão nos leva a repensar nosso próprio envelhecimento, é importante em alguns momentos da apresentação, sair do embate teórico e dar atenção ao nosso processo. Afinal, o envelhecimento não está só no "outro"; estamos todos nesse palco: "Quem cuidará de mim quando eu ficar velho", é a questão colocada por Tomiko Born (PORTAL DO ENVELHECIMENTO, n° 005 - 2005).

O Brasil está profundamente envolvido no desafio do envelhecimento da população. Precisa ser estudado, pesquisado, compreendido. A transformação demográfica não deve ser no futuro uma má notícia, como o fato já é sentido hoje por grande parte da população. A iniciativa privada também precisa fazer sua parte e não deixar o compromisso de acolher o cidadão que envelhece só por conta dos órgãos públicos e das famílias.

Para fazer contraponto às idéias gerais e normativas e trazer a discussão para o campo da prática, pode-se lançar mão da experiência do pesquisador, adquirida em oito anos trabalhando em instituição privada de longa permanência para idosos. A impressão que se desenvolveu nesse período é que a transferência de residência para uma instituição adequada pode ser oportunidade singular de redescoberta e crescimento pessoal, com bom grau de satisfação e bem-estar. A percepção do idoso de ser bem atendido e conseguir manter sua autonomia possível cria espaço subjetivo de pertencimento a alguma comunidade, o que pode lhe dar chance de reabrir vias de acesso social.

É deturpação, e perspectiva parcial da realidade, a visão de que o envelhecimento humano seja um problema. Em termos de espécie, a humanidade poder viver por mais tempo, com boa qualidade, é uma enorme conquista!

O investimento no cidadão que envelhece não pode mais ser lançado no futuro. A sociedade brasileira está atrasada na tomada de atitude, e precisa começar imediatamente. O ser humano sempre quis conquistar mais tempo de vida, e envidou muitos esforços para isso. Como atualmente vivemos mais do que em qualquer época da história da humanidade, precisamos agora, no século XXI, atentar para formas de viver cada vez melhor essa fase da vida.

Considerando o que foi até agora apresentado, e a necessidade de oferecer novos paradigmas para a questão do morar na velhice, surge a necessidade desta pesquisa, cuja proposta é compreender quais motivos podem levar o idoso a optar por morar em instituição de longa permanência para idosos. Quais são as conveniências e desvantagens desta decisão.

Com o intuito de ampliar a discussão sobre moradia, é importante retomar o sentido subjetivo do morar, como abrigo e intimidade. Sensação de segurança, proteção e toda carga de imaginário e afetividade. Não só ver a mudança de moradia pelo seu aspecto mais visível, de um ponto de vista externo e pouco sensível de alguém que não viveu a experiência de morar às vezes por muitos anos no mesmo lugar - e ver chegar a hora de mudar para um lugar desconhecido, ou pouco conhecido. Quantas fantasias e medo!

Em atenção a esse aspecto se investigou os fatores que levam o idoso a sair de casa para morar em instituição de longa permanência, por decisão própria e em plena saúde, ou com perdas decorrentes da idade que, todavia, não o impeçam de ter suficiente autonomia em suas decisões. Investigou-se também se a instituição atende às necessidades biopsicossociais, acolhendo e lidando com as fantasias e medos decorrentes da decisão e do ato da mudança. Este ensaio se propõe inclusive a abrir espaço para discussão mais ampla de uma nova visão do que é envelhecer no século XXI.

Relevante e significativo conferir se é viável a proposta, anteriormente considerada utópica, de uma casa construída, administrada e voltada para os cidadãos mais velhos da comunidade. Interessa investigar se há viabilidade tanto do ponto de vista econômico como social nesse tipo de moradia, pois não se tem a informação clara de que a pessoa desejará se hospedar em um hotel para idosos.

Como nos esclarece Camargo, apesar da falta de marcadores confiáveis, arriscamos a busca de uma nova tradição, construindo projetos para o amanhã e introduzindo possibilidades de mudança no presente por meio de variações do cotidiano.

> Toda cidade, casa, hotel e até um restaurante, cria seu estilo, inventa uma tradição de hospitalidade e atendimento. O maior ou menor grau de consciência dessa "invenção de uma tradição" é a garantia de sua continuidade. (CAMARGO, 2003, p. 26).

Partindo de estudos de casas para idosos em países desenvolvidos, e como os idosos procedem a transferência da instância doméstica para hotéis e residências comerciais, desenvolveu-se a seguinte hipótese – a moradia fora da residência particular ou familiar possibilita vida de boa qualidade.

O envelhecimento não deve se restringir ao encerramento de um ciclo de vida, mas com a prestação de atendimento adequado, pode encaminhar para possibilidades reais de transformação. É desejo de toda a sociedade a valorização dos mais velhos e sua reinserção na vida social. Encontrar espaço confortável, e bom atendimento pode ser muito enriquecedor para o idoso e aceitável para a família.

Apesar de haver no Brasil grande população de idosos desassistidos e sem condições de realizar minimamente seu potencial e expectativas, as instituições de longa permanência para idosos não devem nem precisam se restringir a ser locais que só buscam satisfazer as necessidades básicas de teto e alimento. Pode-se, com poucos recursos, focar na dignidade e respeito ao indivíduo que envelhece, indo além do atendimento massificante.

Partindo dessas premissas é relevante, no âmbito da investigação em si, conhecer o perfil dos moradores, com uma análise geral e estudo mais específico dos idosos participantes da pesquisa. Analisar a percepção dos idosos que tomaram a decisão, como percebem sua vida antes e depois da mudança para a instituição. Contribuir para a discussão entre o pareamento que se faz com as historicamente combatidas instituições de exclusão social – prisões e hospícios – e o surgimento de instituições de longa permanência para idosos que fogem a esse padrão.

E, por fim, verificar se a experiência desenvolvida por essa instituição pode servir como modelo para a formatação de serviços similares, e se é capaz de criar uma nova cultura ao oferecer novas e criativas formas de morar.

O ensaio

"Lembro-me, que quando menina, todas as famílias cuidavam de seus idosos em casa. As famílias eram numerosas, havia vários irmãos para compartilhar o cuidar, além do fato que muitas mulheres não estavam inseridas no mercado de trabalho. Aprendíamos, através de exemplos, que cuidar dos pais idosos era a nossa obrigação moral; o zelo e o amor para com os mais velhos eram sinônimos de gratidão e referência àqueles que zelaram pela nossa existência.

Hoje, nos deparamos com uma realidade contraditória; as famílias não são numerosas, a maioria das mulheres está inserida no mercado de trabalho com jornadas duplas quando não triplas; o único vínculo com a realidade passada é o compromisso moral e ético que temos para com os nossos pais e avós. O amor e a gratidão são sentimentos inabaláveis pelo tempo.

Desejamos cuidar dos nossos pais, mas se não temos condições concretas para fazê-lo, como podemos agir para não sentirmos a "síndrome de irresponsabilidade?".

Verificamos que as nossas casas, apartamentos, edifícios, não são projetados para a doença, apenas para as pessoas saudáveis, em uma ilusão de que o infortúnio não vai alcançá-los... O tempo foi passando, a doença progredindo, e o nosso esquema dava sinais claros que ela necessitava de um atendimento mais especializado; a sua casa não era mais adequada, a qualidade de vida era sofrível.

À primeira vista, ficamos horrorizados com a possibilidade de levá-la para uma casa de repouso. O sentimento de abandono era intenso e, como quebrar o compromisso moral de apoiá-la até o último momento de sua vida? Durante quatro meses, visitamos inúmeras casa de repouso, enquanto buscávamos aceitar que a escolha seria a mais acertada para a ocasião. Foram meses de angústia, sofrimento e desespero.

Infelizmente a doença avançava e não havia sinais de melhora no atendimento doméstico. Após inúmeras visitas, encontramos a Casa de Repouso Divina Providência administrada pelas irmãs beneditinas. Sentíamos que essa seria a casa ideal para nossa mãe. Solicitamos aos netos que visitassem o local para ratificar a nossa escolha.

É chegado o dia da informação: como contar à nossa mãe o destino que havíamos traçado? Sentia dor no estômago, dormia mal e angustiada com a idéia. Tomada de uma força divina, olhei a minha mãe e calmamente afirmei que iríamos levá-la a um local mais apropriado para que ela fosse bem cuidada, que nós iríamos visitá-la com freqüência e que ela também poderia visitar-nos. A minha mãe estava lúcida e disse: "Sei que você procura o melhor para que eu possa sarar. Quero arrumar o cabelo e fazer as unhas. Pode me buscar amanhã!".

Faz-se necessário ressaltar que a minha mãe é inteligente e culta, portanto compreendeu perfeitamente o significado do nosso diálogo. Conforme o combinado, no dia seguinte, eu e meu marido fomos buscá-la: ela estava linda! Durante o trajeto eu engolia as lágrimas e a sofreguidão. Fomos recebidos pela irmã Nazaré e os enfermeiros. Eu estava em pânico, e a minha mãe disse: Pode ir filha. Deus te acompanhe!

Saí da clínica e chorei sentada no chão do jardim como se houvesse praticado um aborto. Sentia-me miserável pelo ato praticado, o nosso cordão umbilical fora rompido pelas mazelas da vida.

Nos primeiros dias, não conseguia dormir e ligava várias vezes para a Irmã Nazaré que sempre me tranqüilizava. Organizamos um calendário de visitas na família, de modo que ela tem visitas diariamente. Passados dois meses, vejo minha mãe feliz, bem cuidada, e agradecida pela nossa atitude. Após cada visita, ela se despede com serenidade e não pede para ir embora. No Natal ela veio para a nossa casa e após algumas horas, ela nos pediu para que a levássemos de volta à nova casa.

A doença, vilã invisível, continua a avançar, mas a qualidade de vida da minha mãe e de todos nós melhorou significativamente. Em tempo de modernidade não podemos abrir mão do nosso compromisso ético e moral de zelar pelos nossos pais, mas temos de cumpri-lo conforme o contexto sócio cultural em que vivemos. E a opção de levar os pais para uma clínica de repouso é uma opção que se reveste de um conceito cultural abrangendo nossas crenças, valores e preconceitos. Preconceitos que devem ser rompidos.

Certamente, os meus filhos não sofrerão tanto no momento da inevitável decisão. Este é o ciclo da vida..."

Lucia Gomes, em "Quem cuidará de nossos idosos?"
(PORTAL DO ENVELHECIMENTO, OUTUBRO, 2005).

O depoimento retrata a transformação pela qual está passando nossa cultura: de uma estrutura familiar ampla e com facilidade para acolher e cuidar do idoso, para estrutura familiar reduzida, inclusive em termos de espaço físico, sem as melhores condições de atender no seio da família os parentes que envelhecem.

Os brasileiros estão vivendo mais. Dia a dia, aumenta o número de filhos e filhas responsáveis pelos pais idosos que não podem mais caminhar sozinhos na trajetória da vida. Não raro, filhas e filhos cuidadores de parentes dependentes, já têm idade em torno dos sessenta anos, considerada a idade de passagem para a condição de idoso. No momento de angústia e transformação do cotidiano

familiar desponta o impasse: quem cuidará do idoso? Quem cuidará dessa geração que hoje tem 50 anos? Exigirão de seus filhos esse encargo, ou buscarão novas opções?

Uma das respostas atuais é: a cultura brasileira se constituiu com alguns dogmas que devem ser questionados. Por exemplo, o princípio de que o idoso deve ficar, sob quaisquer circunstâncias no seio da família, ou na sua casa, com todos os compromissos da manutenção da vida cotidiana. A família vista como sagrada e sempre amorosa, e as instituições como lugar de interdição e abandono.

Ocorre um importante processo de modificação do núcleo familiar brasileiro. Dado que muitas vezes passa desapercebido para quem mantém esta visão dogmática é a mudança de paradigmas e visão de mundo da família brasileira. Esta se modificou estrutural e fisicamente com a tendência do surgimento de famílias cada vez menores, casas e apartamentos com espaço limitado, e as mulheres - as cuidadoras – assumindo cada vez mais posições no mercado de trabalho, o que dificulta o acolhimento e atendimento aos idosos da família.

Além disso, a criação dos filhos não é tarefa simples. Se somarmos a ela o compromisso de cuidar dos parentes idosos, observaremos que o adulto, principalmente a mulher, fica responsável por duas gerações. Segundo o IBGE, dois milhões de lares brasileiros têm este padrão, número que dobrou nas duas últimas décadas devido ao aumento da longevidade no nosso país.

Portanto, se a pessoa, a certa altura da vida e em comum acordo com a família, decide morar em uma residência para idosos, sua atitude tende a ser bem recebida por todos. Sem os sentimentos ambíguos que costumam trazer sofrimento aos familiares.

Pode-se analisar a questão sob outros aspectos. É grande a pressão sobre o indivíduo adulto na sociedade atual. O mundo contemporâneo traz muitas e rápidas transformações, afetando o estilo de vida e concepção de mundo. É preciso estar aberto para criativas possibilidades de solução das angústias e compromissos assumidos com o familiar que envelhece. Ao ser afetado pelo novo é preciso dar novas respostas.

No mundo globalizado, são muitas as oportunidades que se abrem para o lazer, turismo, oportunidades de estudo, trabalho e moradia, face às inovações culturais e tecnológicas. Hoje estão

surgindo opções que oferecem conforto e ambiente adequado à população idosa com política justa de preços. A parcela da população não submetida a condições adversas, mas que conseguiu ao longo da vida conter recursos e reservas, e se mantém em condições de saúde satisfatórias, pode usufruir de um envelhecimento digno, em um espaço agradável. Onde são percebidos e respeitados em suas necessidades e limitações impostas pelo tempo.

A sociedade que nos cerca e na qual estamos envolvidos ativamente, foi definida por Cecil Helman de modo muito adequado:

> Sociedade é uma população marcada por relativo afastamento das populações circunvizinhas e por uma cultura distinta. As fronteiras entre as sociedades são vagas, embora possuam identidade própria. Ao estudar uma sociedade se investiga sua organização em grupos, hierarquia e papéis. Essa organização se revela em suas ideologias, religião dominante, sistemas políticos e econômicos, laços de parentesco, divisão de trabalho, residência, origens e gênero. As regras que sustentam a organização de uma sociedade e o modo como é simbolizada e transmitida, fazem parte da cultura dessa sociedade. (HELMAN, 2000, p. 12).

Em qualquer sociedade somos levados a fazer escolhas, não só de produtos e de consumo como também escolhas culturais. A evolução desse processo de decisão nos leva a mudanças de paradigma. Um exemplo das mudanças que estão influenciando de forma significativa a configuração da nossa sociedade começou de modo silencioso, ganha espaço na discussão das questões sociais e provoca reflexões - a contínua mudança do perfil demográfico da população.

Sobre a questão demográfica, importa fazer uma pausa na discussão específica e examinar algumas informações estatísticas que podem ajudar a entender a importância do tema.

Em 1980, a expectativa de vida no Brasil era de 62,6 anos. Hoje está em 71 anos, nove meses e doze dias – 68,2 anos para os homens e 75,8 para as mulheres (IBGE, 2006). Na contagem populacional realizada em 1996 pelo IBGE, foram encontrados 12,4 milhões de idosos no país. Em 2006, a população com 60 anos ou mais já gira em torno de 17 milhões de pessoas, 9% da população. Para 2025 o IBGE projeta uma população idosa de cerca de 33 milhões (15% da população), o que colocará o Brasil em sexto lugar mundial no número absoluto de idosos.

Outro aspecto relevante é que a população idosa está crescendo mais que a de crianças (IBGE, 2003). Nunca a humanidade viveu por tanto tempo. O cidadão dos Estados Unidos vive quase 78 anos, e o campeão mundial de longevidade, atualmente, é o morador do Principado de Andorra (pequeno país entre Espanha e França), que vive em média 83 anos.

> Matusalém viveu, segundo a Bíblia, 969 anos. Mas parece que só chegou lá graças a um erro de tradução. Sua idade correta, de acordo com alguns estudiosos, seria de 72 anos. Se isso for verdade, o brasileiro hoje vive em média tanto quanto Matusalém (ÉPOCA, 2006, p. 52).

O crescente e rápido envelhecimento da população vem mudando a configuração demográfica das sociedades, e deve ser preocupação de toda a população, governos e setor privado. Enquanto em outros países o processo de envelhecimento populacional ocorreu a partir do começo e ao longo do último século, no Brasil está ocorrendo de modo acelerado nas últimas gerações. Como conseqüência surge a pressão por novas formas de organização social que respondam às necessidades crescentes da parcela da população de idade avançada, com mais de sessenta anos, que vá além do atendimento tradicional pelo núcleo familiar.

Dando continuidade à discussão da mudança demográfica, é importante frizar que quando há grande número de crianças e jovens, é necessário investir em creches e escolas. Quando a população como um todo fica mais velha é necessário mudar o foco de atenção.

O Brasil não pode descuidar de seu atendimento social aos jovens e crianças. Mas não se pode esquecer que os cidadãos com mais de cinqüenta anos não têm sido considerados pela sociedade como deveriam. Conforme aponta o artigo da Folha de São Paulo, "Perfil do Consumidor do Futuro", Os consumidores com idade superior aos cinqüenta anos constituem o grupo que mais cresce no país, e aponta que a população com mais de cinqüenta anos passará de 17% em 1999 para 21% até 2007 (IBGE). A sociedade deverá sofrer as modificações necessárias para trabalhar não só com o jovem que consome e busca seu espaço no mercado, mas também com esse grupo que ingressa na maturidade.

Há vantagens em trabalhar com esse grupo etário, segundo o artigo citado. São clientes fiéis, menos suscetíveis a modismos e sabem reconhecer um serviço bem prestado. Porém conseguir destaque nesse segmento não é simples. São exigentes e cobram o prometido, e em geral são extremamente sensíveis ao preço, controlam gastos, mas aceitam preços competitivos (2002).

Voltando a observar os resultados das pesquisas do IBGE referentes à população com 60 anos ou mais, observa-se que, ainda em 1980, havia no Brasil 16 idosos para cada grupo de 100 crianças, em 2006 são 30 idosos para 100 crianças com menos de 14 anos - e a tendência é aumentar. Outro dado importante colhido das informações do IBGE é que há hoje, no Brasil, em torno de 24.500 centenários. O aumento médio anual do número de centenários gira em torno de 8% (BALTES, 2002, p. 13).

Um dos fatores explicativos do envelhecimento da população é a redução da taxa de fecundidade das brasileiras, com o intenso processo de urbanização ocorrido no Brasil durante as duas últimas décadas do século XX. Além da grande transição epidemiológica, em que a prevalência de doenças com grande potencial de morbidade passou de doenças infectocontagiosas para crônico-degenerativas, em decorrência do surgimento de vacinas, melhorias sanitárias, antibióticos e os avanços da medicina.

Com o envelhecimento da população tendem a aumentar as doenças específicas, que na verdade são decorrentes do movimento vital de toda a história biopsicossocial do indivíduo. Segundo Karsch (2000), 40% das pessoas com mais de 65 anos precisam de ajuda para realizar tarefas do dia-a-dia, e as famílias não estão preparadas. Os adolescentes e adultos jovens têm dificuldade de lidar com o parente idoso e surgem os conflitos intergeracionais. O adulto, cuidador, se sente impotente, cansado. Sofre a sensação de culpa por não conseguir dar conta dos compromissos assumidos, além de sentirem mais dores musculares, dor de cabeça, insônia, fadiga e problemas gastrointestinais (INTERNATIONAL STRESS MANAGEMENT ASSOCIATION, 2005).

Do ponto de vista do idoso o processo também é doloroso. Sofre a ferida narcísica do próprio envelhecimento, perdas e adaptações, além de perceber-se como estorvo, problema para a família. Corre o risco de se fechar, recusando a exprimir até seu potencial ainda preservado, desistindo e sucumbindo diante do confronto que o leva à perda de poder e atenção na família. Essa realidade pode levá-lo à desesperança e à depressão.

O conceito de "ferida narcísica" é uma evolução do estudo a respeito do narcisismo, de Sigmund Freud:

> O termo narcisismo foi escolhido em 1899 por P. Nacke para designar os casos em que o indivíduo toma como objeto sexual o seu próprio corpo e o contempla com prazer, acaricia-o, em completa satisfação. (FREUD, 1959, p. 245).

A ferida se dá quando o indivíduo "nascido rei", como escreve Freud, precisa se contrair; percebe que não é mais que parte do todo da sociedade que o cerca. No idoso, a perda dos papéis sociais antes exercidos, e o desinteresse por sua opinião em relação ao cotidiano familiar, geralmente demonstrado pelos mais jovens, somados às perdas físicas, leva à contração de sua expressão humana, que tende ao afastamento social.

Ou na concepção de Carl Gustav Jung:

> O desenvolvimento narcísico encerra um envolvimento e investimento positivos em si próprio, no indivíduo, o desenvolvimento e a manutenção da auto-estima, e a proposta e consecução de ambições e objetivos. Além disso, existe a questão da evolução de valores e ideais. Então, o desenvolvimento narcísico torna-se tarefa de uma vida inteira. (SAMUELS, 1988, p. 132).

A observação desses fenômenos coloca em pauta inquietações profundas em relação ao que é ser idoso em uma sociedade que valoriza a juventude, o status, a beleza física e o potencial produtivo. No imaginário popular, o idoso é aquele que tem a pele enrugada e doenças crônicas. O selo da velhice é o da inutilidade social. Não há a percepção de uma pessoa que está passando por uma fase da vida, natural, com acúmulo de experiências e possibilidades diferentes, fruto de uma longa experiência de vida (VERAS, 1999).

> Embora envelhecer seja parte integrante da vida de todos os indivíduos, são poucos os que se encontram preparados para enfrentar esta fase da vida. A velhice é uma experiência intrínseca à vida, e suas transformações são um fenômeno biológico, psicológico e social. (BEAUVOIR, 1990 p. 286).

A velhice é parte do processo evolutivo e dinâmico da vida. Não se pode culpar apenas a idade pela condição que vive o idoso hoje, pois o processo de envelhecimento de uma pessoa depende de muitos fatores, como herança genética, hábitos, alimentação, higiene, influências ambientais e da sua atitude em relação a si próprio e ao meio ambiente. Relevante também é o papel da ciência, seja por intermédio de novos medicamentos para antigas doenças, seja por meio de pesquisas que prolongam a

vida. Com isso ocorre o surgimento, ou o aumento da prevalência de outras doenças típicas da maturidade. Envelhecer é parte da vida, o importante é se preparar e viver bem essa fase.

Por ser mais uma etapa da vida, muitas características da velhice são conseqüência de como as fases anteriores foram vividas. A vida na verdade é uma linha contínua, existência única, sem interrupções.

Portanto, a definição de velhice, assim como as datas definidas para sua entrada, são artificiais. A variabilidade e a história de vida de cada indivíduo fazem com que esses marcos se tornem definições arbitrárias, pois desprezam o particular - estilo de vida, genética, as especificidades de cada um. Os estudos e definições que colocam no mesmo patamar de envelhecimento pessoas de 60 e 90 anos não podem se sustentar e estão sofrendo revisão.

Ensaio para a quarta idade: De acordo com Camargo, a expressão "terceira idade" é definição surgida na França e incorporada ao vocabulário brasileiro sem questionamento maior sobre seu significado inicial. Foi criado para definir os que se preparavam para a aposentadoria, por volta dos sessenta anos. Como o conceito de terceira idade está consolidado, surge a necessidade de uma subdivisão, que ocorre com o surgimento da teoria da quarta idade.

> Hoje o conceito de terceira idade identifica uma faixa etária intermediária entre a vida adulta e a velhice propriamente dita. Aos indivíduos de idade avançada, nos parâmetros atuais, cabe a denominação de quarta idade. Assim, a terceira idade abrange os indivíduos, geralmente aposentados, em boa forma física e mental. Ordinariamente acima dos sessenta anos, embora no Brasil os casos que se encaixam na definição, mas têm menor idade, sejam muitos. A quarta idade designa, então, a velhice propriamente dita, quando em geral já existe algum prejuízo de aspectos físicos ou mentais. (CAMARGO, 2005 p. 64).

Observa-se com o aumento das possibilidades de sobrevivência até idades avançadas que, em geral, o idoso de sessenta anos ainda mantém reservas físicas, capacidade de aprendizado e recuperação de perdas. Já o idoso mais velho tende a acumular perdas de difícil recuperação, diminuindo em muito a chance de envelhecimento com saúde e dignidade. O idoso, ao ingressar no que se pode chamar de quarta idade, fica no limite de sua capacidade funcional, entra em situação de dificuldades no cotidiano, necessitando de cuidados, apoios e ambiente de boa qualidade, tanto relacionais quanto sociais e físicos.

> A quarta idade (idoso velho) acarreta um nível de incompletude biocultural, vulnerabilidade e imprevisibilidade que a diferencia da Terceira Idade (velhice inicial), que é marcada por aspectos mais positivos. Os velhos-velhos estão no limite, o que acarreta restrições às intervenções das políticas sociais. São necessários novos esforços para lidar com os desafios representados pelo crescente número de velhos-velhos nas populações e pela crescente prevalência de fragilidade e de mortalidade psicológica representada por perda de identidade, autonomia e senso de controle. (BALTES, 2002, p. 02).

Em termos populacionais, o ponto que marca a transição da terceira para a quarta idade é quando 50% dos indivíduos pertencentes à mesma coorte de nascimento não se encontram mais vivos. Segundo Baltes (2002), esse ponto define a transição da terceira para a quarta idade e gira em torno dos setenta e cinco a oitenta anos. Porém, ressalta que esta é uma determinação cronológica. Em termos individuais a transição pode ocorrer em idade muito diferente para diferentes indivíduos.

O ciclo vital humano pode ser dividido em estágios, do nascimento à morte, com suas subculturas, visão de mundo e diferentes modos de se comportar diante dos estímulos oferecidos pela vida. Pode-se, também, olhar o ciclo vital humano sem divisões. Por mais que aprenda e se modifique o homem é em si próprio, único, ao longo de toda a vida.

O espetáculo da vida deve continuar - surpreendente e animado. Portanto, caro leitor, sigamos para a próxima cena!

A Cena

A cena das complex(idades): O ser humano é complexo e, como tudo o que diz respeito a ele, é fruto de sua história, experiências e vivências. Não é razoável reduzir o processo de envelhecimento a aspectos simples ou a um processo fisiológico. Existem as dimensões subjetivas e sociais. E há ainda outras, como a espiritual, se desejarmos ampliar o âmbito da discussão.

Para o processo não ser observado de modo reducionista, é necessário vê-lo como uma vivência que se relaciona ao biológico, ao cultural, social, religioso e psicológico.

No estudo sobre a epistemologia da complexidade, de Edgar Morin, tira-se o seguinte recorte:

> Pode-se dizer que há complexidade onde quer que se produza um emaranhamento de ações, de interações, de interrelações, de retroações. E este emaranhamento é tal que nem um computador seria capaz de captar todos os processos em curso. Cada indivíduo numa sociedade é uma parte de um todo, que é a sociedade, mas esta intervém, desde o nascimento do indivíduo, com sua linguagem, suas normas, suas proibições, sua cultura, seu saber. (MORIN, 1996, p. 275).

Atuar no palco da vida é ato complexo. Ainda mais no emaranhado de uma sociedade normativa, que nos assimila, tornando-nos parte do todo. Nossos valores, conceitos e preconceitos são reflexos disso. Daí a dificuldade de aceitar o próprio processo de envelhecimento – temos preconceito de nós mesmos!

Não somos reflexo simples do todo. Cada um conserva sua singularidade e individualidade. É preciso entender os complexos entrelaçamentos para melhor conviver com eles, explica Morin. A complexidade do ato de viver só pode ser alcançada por um pensamento aberto, abrangente e flexível. Configura-se a nova cultura – a visão de si mesmo e do mundo que nos cerca como algo em constante mudança. Cabe ao indivíduo aceitar e tentar compreender as mudanças e não tentar normatizar rigidamente o que é múltiplo, aleatório e incerto. Afinal, se somos, em grande parte, construídos pela cultura que nos cerca, também participamos da construção dessa cultura.

Helman fornece a definição de cultura como "um sistema de idéias compartilhadas, conceitos e regras, com significados que subjazem nos indivíduos. Sendo expressas nas maneiras como estes seres humanos vivem". A partir dessa definição é possível dizer que cultura é um conjunto de princípios explícitos e implícitos herdados pelos membros de uma sociedade.

> De modo geral a formação cultural de uma sociedade influencia muitos aspectos da vida das pessoas – crenças, comportamentos, percepções, emoções, linguagem, religião, estrutura familiar, dieta, modo de vestir, conceitos de tempo e espaço, e atitudes frente ao envelhecimento. Contudo, a estruturação de um indivíduo é complexa e a cultura onde ele nasce e vive não é a única influência importante. (HELMAN, 2000, p. 13).

Outra forma de lançar luz à questão da complexidade é a definição de Joel Martins sobre a influência importante que o tempo exerce sobre o processo de envelhecimento, e os diferentes ângulos pelos quais ele pode ser medido e observado.

O tempo - a diferença entre Cronos e Kairós.

Cronos, a referência do tempo cronológico, normatizado. Diferentemente do tempo vivido, é o tempo do relógio, da lógica. Já Kairós possui uma variedade de significados, termo que abarca "todas as estações do ano", tempo próprio, humano, que prossegue além da razão – o tempo vivido.

E nós, humanos, "não somos Cronos, somos Kairós":

> A idéia de velhice, terceira idade, ou ancião, tem-se resolvido em substantivos e até em adjetivos para afirmar a postura do humano numa sociedade que o vê de uma determinada forma, objetiva. Porém, há necessariamente uma diferença entre o humano e o objetivo. Este último está simplesmente presente em nosso aparelho perceptual. A existencialidade porém é que é, em si mesma, a estrutura essencial do ser humano. Existir, como sujeito, não pode ser uma série de eventos psíquicos, um conjunto segmentado de eventos – ser criança, ser adolescente, ser adulto, ser velho. Por ser um movimento contínuo, por isso mesmo, ele não pode ser eterno. Resta para o sujeito, que sou eu, que é você, ser temporal. Mesmo os conceitos de passado, presente e futuro não podem ser segmentados pois a única forma de conhecer, ou tentar explicar a relação do futuro com o presente, seria colocá-lo num mesmo continuum, estou sendo um com aquele que existe entre o presente e o passado. (MARTINS, 1998, p. 53).

As pessoas com 65 anos ou mais são produto do que foram ao longo da vida. Impossível entender o que são se não compreender o que foram antes (SETTERSEN, 2003). E, apesar das mudanças de enfoque que têm ocorrido nos últimos anos, quando se fala em envelhecimento imediatamente surge à mente a idéia de declínio das capacidades e crescente dependência. Mas faz-se necessário explicitar que o envelhecimento não precisa ser visto assim, como decadência, pois todos conhecem pessoas saudáveis com idade avançada, têm memória boa e mantêm seu papel social. Alguns exemplos fáceis são artistas, políticos e empresários, prova de que envelhecimento não é doença, ou sinônimo de decadência. Muitas pessoas têm a genética a seu favor, mas qualquer pessoa pode melhorar a qualidade de seu envelhecimento e incrementar seu bem-estar.

> Falar em bem-estar significa alcançar três objetivos básicos: amor ou companhia, boa situação financeira e saúde. O último objetivo – manter-se saudável e em forma – é imprescindível para desfrutar os anteriores. O estado de saúde depende de fatores como a herança genética e os hábitos alimentares e de higiene, além das influências ambientais, da exposição a acidentes e das atitudes em relação ao próprio corpo. Então, cultivar bons hábitos, alimentação adequada e variada, exercícios físicos em grupos da mesma geração, relações sociais e repouso, são chaves para se gozar de um bom estado de saúde em qualquer idade. Na velhice, por causa da involução fisiológica e da tendência à inatividade, é fundamental. (LAROUSSE DA TERCEIRA IDADE, 2003, p. 23).

Em muitos países, como Espanha e Estados Unidos, há a tendência de o idoso buscar um lugar agradável sem as exigências e preocupações cotidianas, permitindo um estilo de vida adequado e confortável. Ao contrário do senso comum, há lugares melhores que a residência anterior, entre outros motivos, por abrir a possibilidade de novos vínculos sociais. Esses centros podem ampliar a oferta de tarefas que não exigem esforço excessivo e trazem o prazer do fazer, com a prática de atividades controladas por profissionais, outros estímulos e possibilidades antes relegadas em favor de atividades cotidianas, muitas vezes repetitivas e não prazerosas.

E isso na visão objetiva linear e imediatista do processo. No sentido subjetivo do envelhecimento, essa mudança permite ampla ressignificação da percepção biopsicossocial do que é ser idoso no século XXI. O pensamento linear e cartesiano[4] diz que só existe uma realidade, e que esta já está dada. É o princípio do ou/ou. Ou se é jovem (e saudável) ou se é velho (e doente). Para o cartesianismo, sempre há o predomínio de um pensamento - o mais objetivo. É a base da ideologia que

[4] René Descartes entendia a natureza reduzida a um mecanicismo transformado em linguagem matemática, comparava os fenômenos naturais a um relógio. Assim, em seu pensamento mecanicista não havia espaço para o mistério, o humano, pois tudo se assemelhava ao funcionamento de uma máquina.

formata nosso modo de ver e pensar o mundo. Desse modo, fenômenos como a exclusão do indivíduo mais velho, são lógicos e inquestionáveis. Modelo inadequado para a nova cultura, pois há muito se sabe que não existe percepção totalmente objetiva. O que se percebe como real é uma estrutura que está constantemente em transformação. E o que chamamos de racional é resultado de nossa percepção subjetiva.

Por isso é preciso estar atento e aberto para rever constantemente os conceitos estabelecidos. Pode-se buscar o consenso de que cada fase da vida de qualquer pessoa exige cuidados específicos, de acordo com suas necessidades. A atenção que se dá a um recém-nascido é muito diferente da que necessita um idoso. Existem, contudo, algumas necessidades básicas que se mantêm na continuidade da vida, desde respirar, se alimentar, até ter atividades, abrigo e afeto. E essas necessidades devem variar conforme a modulação subjetiva de cada ser. Portanto, é possível manter padrões de observação e atendimento a um ser que envelhece, desde que se leve em conta a diversidade humana e as especificidades de cada ser.

Morar em um lugar onde essas necessidades são suficientemente supridas contribui para um bom estado de saúde física e psicológica. Uma instituição voltada para esta faixa etária precisa estar preparada para quem o envelhecimento não traz dependência, para aqueles que têm potencial de recuperação da saúde e da alegria de viver, com capacidade de ressocialização e recuperação de auto-estima. E também, respeitando a diversidade, para aqueles cujas perdas físicas e intelectuais impedem uma vida independente. As patologias específicas da maturidade têm que ser bem atendidas. Então, é importante pensar numa casa bem estruturada, em termos de pessoal e material clínico, para atender o idoso. Um lugar de acolhimento de suas características pessoais, fragilidades e necessidades. E que sua possível dependência, o processo de decadência física, agudo ou crônico, seja pronta e inteiramente acolhida e atendida.

O acolhimento deve buscar suprir o máximo de aspectos do ser, inclusive com suporte psicológico. Portanto, se o envelhecimento for examinado também pelo ponto de vista psicológico, podem ser repetidas algumas idéias de Marcelo Salgado, para quem viver é um estado de equilíbrio. Quando a vida é afetada por uma nova situação ocorre um desequilíbrio ao qual se deve responder, para que este não passe de transitório a permanente. Na velhice, o equilíbrio se torna mais difícil, pois as histórias particulares de vida acentuam as diferenças individuais, quer seja pela fixação de estratégias de

comportamento, quer pelas reivindicações e desejos pessoais. Também o entusiasmo e a motivação são menores nesta etapa de vida, dependerão das experiências vivenciais e das características comportamentais de cada indivíduo. Na verdade, pode-se dizer que os eventos da vida moldam a personalidade. Fazer esse exame de si mesmo em relação ao mundo e às opções de vida abrem a possibilidade de levar o indivíduo a nova dimensão em seu existir – o ato de ser, de estar vivo, teria prevalência sobre o acumular e o conquistar (SALGADO, 1991, p. 112).

Na velhice a pessoa faz uma espécie de acerto de contas consigo mesma. Dentro da psicologia analítica desenvolvida por Carl Gustav Jung, a segunda metade da vida é denominada metanóia, em que o indivíduo passa a ter a possibilidade de experimentar a consciência de si mesmo como parte de algo mais amplo. Fazemos parte de uma rede, de um coletivo do qual não podemos nos furtar (ARCURI, 2005, p. 50).

Para se adaptar a esta fase, será preciso superar angústias, decepções e resolver conflitos, na busca de alcançar um estado emocional harmonioso. Caso os conflitos não tenham sido resolvidos em fases anteriores, acabam transferidos para a velhice, ficando mais difíceis de serem solucionados. Dentro do processo de envelhecimento psicológico incluem-se as perdas intelectuais, mas estas nem sempre são a resposta final para o afastamento social da pessoa, pois ocorre também que em muitas circunstâncias as experiências anteriores não podem ser aplicadas e resolvidas nas situações atuais. Com toda experiência de vida, há uma inexperiência quanto à nova situação, um grande medo de não ser capaz, de errar, o que predispõe o idoso negativamente a receber novas informações (SALGADO, 1991, p. 115).

Existem exemplos de pessoas nesta fase da vida - com mais de sessenta anos - muito bem-sucedidas. Para muitos deles a velhice é vista como tempo rico em novas experiências, liberdade para novas ocupações, libertação de velhas responsabilidades.

Ao observar os resultados da pesquisa desenvolvida por Paul Baltes e Jacqui Smith (2002, p. 16), observa-se que a maioria dos idosos mantém intacto o nível de funcionamento intelectual para atividades cotidianas, ou seu desempenho intelectual, até aproximadamente setenta anos. Sobretudo a mente que envelhece tem considerável potencial para novas aprendizagens. Isso é especialmente verdadeiro para áreas como a linguagem e a especialização, em que as atividades mentais envolvem mais produtos da cultura e da experiência do que da competência básica do cérebro.

A proposta de uma nova cultura de envelhecimento é, respeitando-se as possibilidades e vontade de cada um, conseguir o melhor em termos de liberdade, conforto, autonomia e felicidade. Se não é mais possível, ou desejável, fazer as coisas que sempre construíram sua personalidade na fase adulta, faça outras. Sempre há alternativas interessantes se a pessoa não desiste.

A bilheteria. Vivemos em um país capitalista, com grandes diferenças sociais e regionais, e esse fundamento da nossa organização social e cultural não pode ser deixado de lado no desenvolvimento do presente trabalho. Nesses termos, tudo tem um custo. Enquanto a nova cultura não se estabelece nas áreas sociais, e enquanto as decisões das políticas sociais dos órgãos públicos se fixam no atendimento das necessidades mais básicas; o acolhimento das necessidades humanas, dos desejos e anseios do cidadão que envelhece, fica sob a responsabilidade do empreendedor privado. E é importante que o empreendedor tenha visão empresarial sem descuidar de sua responsabilidade social.

O empreendedor deve preocupar-se sempre em equilibrar seu orçamento, pois este estudo não trata de instituições gratuitas ou beneficentes. São serviços cobrados. Porém não se deve buscar a visão empresarial radical de maximizar lucros, mas cobrar preços razoáveis para a manutenção adequada do empreendimento. A nova cultura exige a percepção de missão social. O foco não deve ser lucro, mas a realização pessoal e felicidade de quem procura os serviços do empreendimento. Neste estudo, o exemplo que existe e está em funcionamento é um hotel-residência voltado para a população mais velha. O Solar Ville Garaude.

Até que essa cultura do empreendedorismo social se estabeleça nos diversos extratos sociais, e seja seguida não só pelo segmento privado, mas também pelas autoridades constituídas como governos, prefeituras e ONGs, os atores deste desafio precisam compreender e difundir o conceito de missão social das empresas.

Ponto importante para a compreensão deste trabalho é a diferença entre empreendedores sociais e de negócios. Para esclarecer sobre este ponto, a definição de Melo Neto ajuda a explicar de forma simples a transição do capitalismo clássico para uma sociedade mais acolhedora das diferenças, e por isso mesmo mais sustentável.

O empreendedor social é um tipo de empreendedor, só que com uma visão social. Por isso, tem grandes desafios. As diferenças ainda não estão bem estudadas nas teorias econômicas. Para o empreendedor social, a missão social é central, explícita. E isso afeta seu modo de perceber e avaliar o mercado e as oportunidades.

> Quando falamos de empreendedorismo social, estamos buscando um novo paradigma. O objetivo não é mais o negócio pelo negócio, que tem nas empresas, sobretudo nas grandes transnacionais e nas grandes instituições financeiras, o seu principal eixo de atuação. Trata-se, sim, do negócio do social, que tem na sociedade civil seu principal foco de atuação e na parceria envolvendo comunidade, governo e setor privado a sua estratégia-base. O desafio não é mais a busca incessante de lucro e do aumento da produtividade, a excelência na gestão e competitividade do negócio.[...] Não é tarefa fácil. É preciso mudar completamente. Criar um novo paradigma, capaz de nos fazer pensar diferente, não mais o negócio como um fim em si mesmo. É preciso repensar o negócio sob a ótica do social. Trata-se, portanto, de uma grande mudança de conceito. Cremos que os negócios já se transformaram, atingiram seu limite e precisam mudar. Desta forma, os negócios se "humanizaram" o suficiente, sob a ótica dos investidores sociais que mudaram a gestão de seus negócios. É a sociedade civil que deve agir. Fortalecer a cidadania, empreender-se, criar e sustentar seus próprios negócios e buscar o seu próprio desenvolvimento e auto-sustentação. (MELO NETO, 2002, p.16).

Para o empreendedor social o acúmulo de capital é apenas um meio para o fim desejado – a missão da empresa. Já para o empreendedor de negócios, a geração de riquezas é o valor central. A disciplina do mercado determina seu sucesso. O retorno financeiro determina se continuará ou sairá do mercado.

As leis de mercado funcionam razoavelmente bem para os empreendedores que visam somente ao lucro. Com a oferta de serviços de boa qualidade, uma empresa pode se manter capitalizada, se manter no mercado e ainda superar seus concorrentes. Essas leis já não funcionam tão bem para os empreendedores sociais, pois há outros valores em jogo - como calcular o valor adequado do ganho de satisfação, reconhecimento, alegria, companheirismo. Ou mesmo da diminuição do ritmo de perdas físicas e cognitivas. São benefícios pessoais e sociais difíceis de mensurar. Têm um aspecto subjetivo que não se enquadra nas leis de mercado.

Não há marcadores confiáveis para medir ganhos sociais, conquistas pessoais. A melhoria da saúde de um idoso pode se dever ao fim do inverno, ao tratamento recebido, a questões emocionais, a muitas variáveis.

Para ajudar a compreensão desse assunto fundamental há o texto de Gregory Dees, traduzido a partir de aula na Universidade de Stanford, USA:

> Qualquer definição de empreendedorismo social deve refletir a necessidade de um substituto para a disciplina de mercado que funciona para os negócios em geral. Os empreendedores sociais são agentes de mudança. São os reformadores e revolucionários descritos por Schumpeter, mas com uma clara missão social. São arrojados como o empreendedor deve ser, mas suas ações têm o potencial de estimular melhorias globais e sistêmicas em suas áreas de atuação. Mesmo que essa atuação seja localizada, sua abrangência é global.
> Para o empreendedor social, a missão é fundamental. Essa é a essência que o distingue. Gerar lucro, criar riquezas ou servir aos desejos de consumidores pode ser parte do modelo, mas são apenas meios para um fim social. Não são o fim propriamente dito.
> Os empreendedores sociais querem mais que um rápido acerto; querem melhorias duradouras para a sociedade onde atuam.
> Precisamos de empreendedores sociais para nos ajudar a encontrar novos caminhos em direção a melhorias sociais neste novo século. (DEES, 1995, p.03).

A instituição objeto deste estudo está engajada no esforço em direção a uma nova cultura para o novo século. Possui missão social clara e definida, além de arrojo no esforço de romper as barreiras do conhecido e estabelecido, na busca de formas inovadoras e criativas de administração e atendimento ao idoso.

Para fazer a ligação entre a informação geral, trazida até aqui, e a específica, onde está o clímax de nossa trama, convidamos o respeitável público a retomar seus assentos na platéia para o próximo ato.

O Palco

O enredo. Tudo o que está proposto neste estudo tem condições de existir na prática. A casa que serve como parâmetro para o trabalho possui a filosofia e a cultura necessárias para a mudança de paradigma de atendimento aos idosos no novo milênio. Os dados coletados na pesquisa de campo são dessa instituição, particular, localizada no município de Barueri, no bairro de Alphaville, Estado de São Paulo – o Solar Ville Garaude. Conta atualmente com 55 moradores e se propõe a ser mais uma casa de atividades e sociabilização que de "repouso". A instituição possui a certificação ISO 9001:2000[5] e busca dar atendimento interdisciplinar a seus moradores e à comunidade que a cerca, além de completo atendimento ao idoso ativo e amparo ao fragilizado e suas patologias.

O bairro onde se situa a instituição, Alphaville, fica no município de Barueri, localizado no que se convencionou chamar de Grande São Paulo – a capital do Estado e seu entorno urbano, com grande vínculo e intercomunicação com a urbe mãe. Dista 24 quilômetros da praça da Sé, e possui atualmente 35 mil habitantes aproximadamente. Sua condição sociocultural, segundo o Censo 2004, indica prevalência das classes média e alta no bairro, essencialmente residencial. Possui dois centros comerciais e todos os serviços de apoio às necessidades do bairro, dando-lhe aspecto autônomo em relação ao centro de Barueri e à cidade de São Paulo.

O empreendimento foco da pesquisa, Solar Ville Garaude, pode ser definido como hotel voltado para a terceira idade, mas não de caráter exclusivo, podendo atender outras faixas etárias próximas da maturidade. Inaugurado em 3 de junho de 1998, com estrutura vertical de sete pavimentos: O subsolo é a parte do prédio onde ficam, ao fundo, as garagens, e seu perfil é de serviços, lavanderia, refeitório de funcionários, ambientes para guarda do estoque, material de manutenção, sala de gerência, recepção e consultórios. Área aberta à visitação, mas onde os hóspedes não costumam ir.

O andar térreo é a área de convivência e sociabilização, com amplo salão, restaurante e jardins, além da área de lazer e fitness - com piscina coberta e aquecida, hidromassagem, sauna - ampla biblioteca, sala de laborterapia, cinema, local para palestras e karaokê. Possui, também salão de beleza e sala de fisioterapia. Dois elevadores, um panorâmico, fazem a ligação entre os pavimentos. A parte residencial é composta de cinco andares, com um total de 54 apartamentos. Essas unidades habitacionais foram pensadas para ocupação individual, todos com banheiro privativo.

ATO IV – *O palco*

[5] A Norma NBR ISO 9000 tem sido usada por muitas empresas como base para a Certificação de Sistema de Gestão da Qualidade. A família de normas ISO 9000 sofreu sua última revisão em dezembro de 2000. Dela resultou a NBR ISO 9001 – Sistemas de Gestão de Qualidade – e seus requisitos.

A maioria dos apartamentos é ocupada por uma só pessoa. Mas há casais, e algumas poucas unidades compartilhadas por pessoas que se tornaram amigas, e outras, ainda, que dividem o espaço com seus cuidadores.

Não há restrição de idade. Quem ainda não alcançou a faixa dos sessenta anos pode se hospedar no hotel, mas a média de idade gira em torno dos oitenta anos. A prevalência é de senhoras viúvas. Dos 55 moradores, 43 são do sexo feminino, e 12 do sexo masculino. São pessoas vindas de diversos lugares do Brasil, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e outros Estados. Há alguns estrangeiros, italianos, alemães e húngaros. Um morador tem 55 anos, e uma senhora está atualmente com cem anos.

A maior parte dos hóspedes goza de boa saúde, alguns chegaram bem, mas passaram à situação de dependentes com o tempo. No momento, a instituição possui duas alas definidas. A ala dos dependentes tem vinte e um moradores, sendo dez com processo de demência tipo Alzheimer, cinco portadores da doença de Parkinson, seis em cadeira de rodas, e quatro com seqüelas de acidente vascular cerebral, entre outras doenças típicas do envelhecimento, como a demência senil. A parte do hotel dedicada aos moradores independentes soma trinta e quatro pessoas, sendo que seis deles gozam de ampla autonomia e liberdade, inclusive com carro guardado na garagem.

O hotel não possui hóspede acamado, pois os casos mais graves são atendidos pela rede hospitalar. Todos os idosos do hotel têm convênio médico. A maior parte dos hóspedes, que se distribui pelos andares de moradia do hotel, tem diversos graus de perdas leves e moderadas, físicas e/ou cognitivas, mantendo, todavia, boa qualidade de independência funcional.

Para esclarecer melhor os dados aqui apresentados, encontra-se na página seguinte relatório tirado dos prontuários de enfermagem. A seguir, estão expostos gráficos dividindo por idade os moradores do Solar Ville Garaude. Na tabela 1, interessa observar a prevalência de idosos na faixa de 80 a 95 anos, (69,09%), definidos como idosos-velhos, ou quarta idade. Em seguida são mostrados gráficos de prevalência de doenças comumente ligadas ao envelhecimento, e que acometem moradores da instituição.

Relatório

Foram avaliados os prontuários de moradores em diferentes estágios. Os critérios de inclusão na pesquisa são: moradores que apresentam diagnósticos e idades diferenciadas, capacidade cognitiva preservada e suficiente para compreender e responder adequadamente às questões apresentadas.

São demonstradas abaixo as variáveis obtidas por idade e doenças. O nível de dependência, e exigência do serviço de enfermagem, são fatores determinantes para a necessidade de residir em ala específica para as limitações físicas.

Apresenta-se variação de idade na tabela 1.

(55 a 59 anos) - 01 morador
(60 a 64 anos) - 02 moradores
(65 a 69 anos) - 01morador
(70 a 74 anos) - 02 moradores
(75 a 79 anos) - 06 moradores
(80 a 84 anos) - 15 moradores
(85 a 89 anos) - 10 moradores
(90 a 94 anos) - 13 moradores
(95 a 100 anos) - 05 moradores

Os dados estatísticos da tabela 2 mostram as doenças mais freqüentes.

Acidente vascular cerebral – 10,91%
Hipertensão arterial - 27,27%
Depressão - 18,18%
Diabetes melitus – 7,27%
Insuficiência cardíaca congestiva – 23,64%
Doença pulmonar obstrutiva crônica – 9,9%
Doença de Alzheimer – 18,18%
Hipotiroidismo - 3,64%

VARIAÇÃO DE IDADE DE MORADORES QUE RESIDEM NO HOTEL.

Idade (anos)	Número de Hóspedes	Frequência Relativa %
55- 60	1	1,82
60 /-65	2	3,64
65 /-70	1	1,82
70 /-75	2	3,64
75 /-80	6	10,91
80 /-85	15	27,27
85 /-90	10	18,18
90 /-95	13	23,64
95 /-100	5	9,09
Σ	55	100,00%

Tabela1

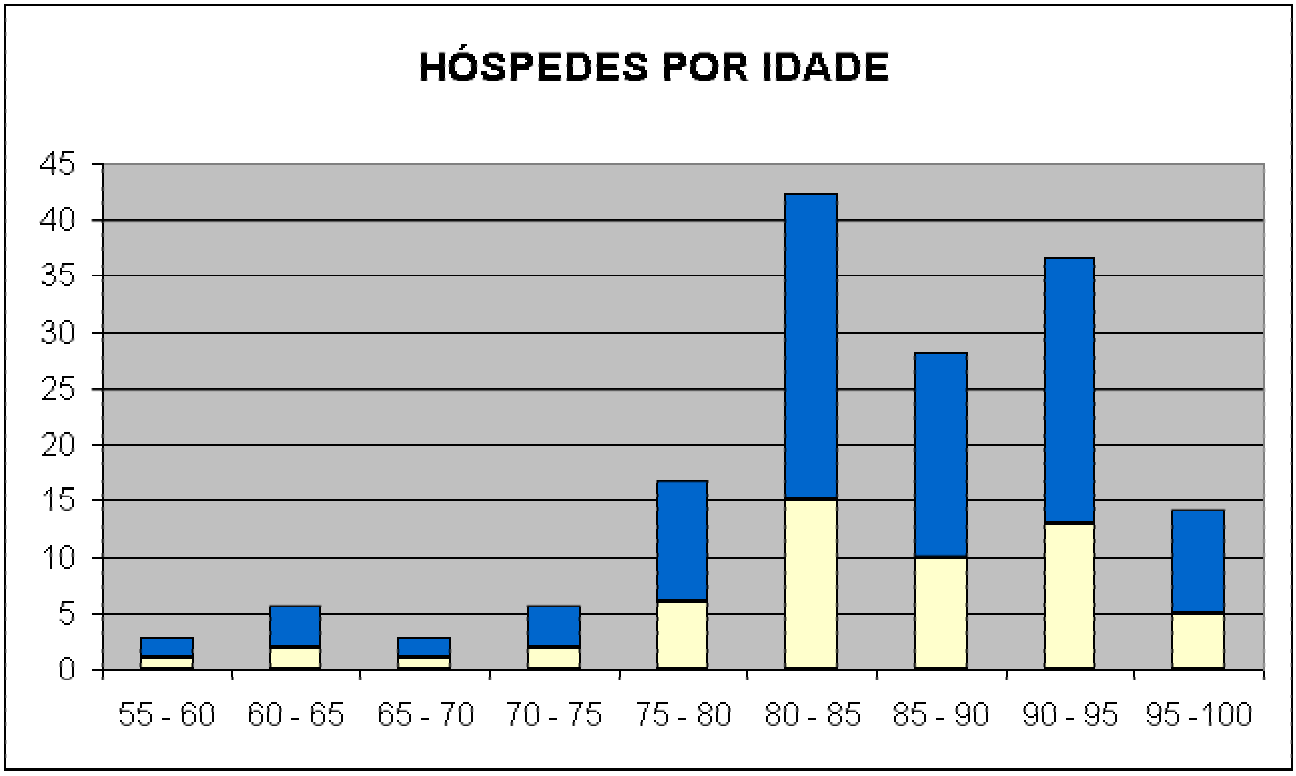


Gráfico 1

Fonte: Solar Ville Garaude- Barueri - SP.

De acordo com levantamento feito nos prontuários da instituição, as doenças que mais levam o idoso residente no hotel a situação de dependência são apresentadas na tabela a seguir:

DOENÇAS MAIS FREQÜENTES DE MORADORES QUE RESIDEM NO HOTEL.

Doenças mais freqüentes	Número de Hóspedes	Freqüência Relativa %
- Hipotiroidismo	2	3,64
- Diabetes melitus	4	7,27
- Acidente vascular cerebral	6	10,91
- Hipertensão Arterial	15	27,27
- Depressão	10	18,18
- Doença de Alzheimer	10	18,18
- Insuficiência cardíaca congestiva	13	23,64
- Doença pulmonar obstrutiva crônica	5	9,09

Tabela 2

As doenças que mais acometem os idosos residentes são: hipertensão arterial, insuficiência cardíaca, depressão e doença de Alzheimer. Para complementar e melhorar a compreensão dos resultados obtidos na pesquisa estatística desenvolvida nos prontuários médicos da instituição, apresenta-se o seguinte gráfico das doenças mais freqüentes (Gráfico 2):

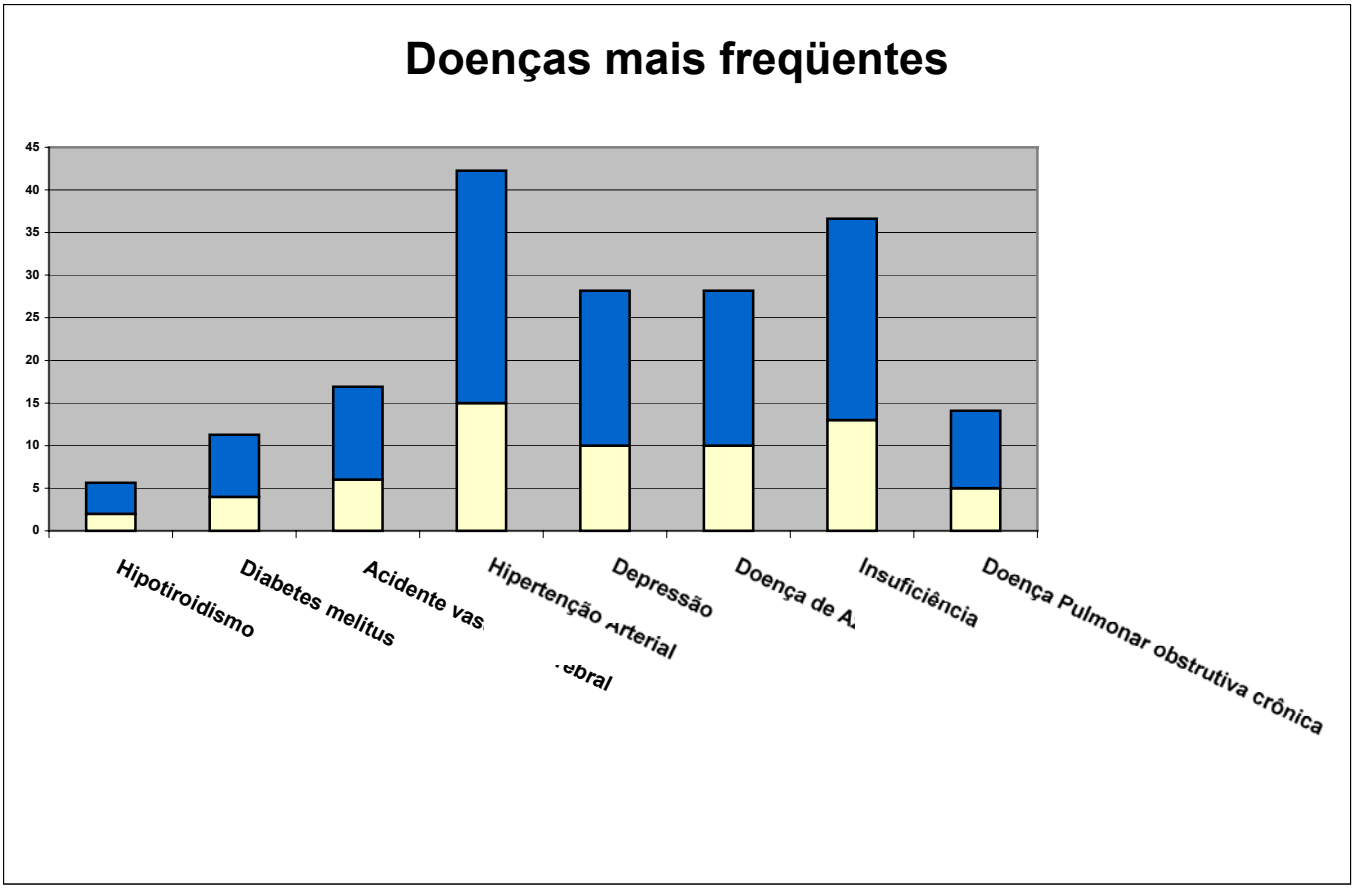


Gráfico 2

Os dados retirados deste gráfico são recorte do universo de doenças que acometem os idosos em geral, usando especificamente os moradores do Solar Ville Garaude, principalmente os hospedados na ala de dependentes. As informações são consoantes com dados estatísticos mais amplos, e comprovam o que a literatura vem assinalando a respeito das doenças que mais acometem a população que envelhece.

Detalhes artísticos. O projeto arquitetônico foi elaborado para atender às especificidades desta ampla faixa etária, que abrange a terceira idade, entre sessenta e setenta e cinco anos e a quarta idade. Diferencial que lhe confere uma série de vantagens sobre prédios adaptados. Os detalhes foram estudados para proporcionar bem-estar e segurança aos moradores. As inovações introduzidas na concepção do projeto, em quesitos como segurança, iluminação, cores e ventilação, buscam corresponder às necessidades do morador, dentro da filosofia proposta pelo empreendimento. A verticalização do espaço arquitetônico permite maior concentração e contato social entre hóspedes, funcionários e visitantes.

Espaço que merece comentário é o "átrio", por ser o ambiente que une todas as diferentes partes do prédio. Salão amplo, com pé direito alto, aberto aos cinco andares de apartamentos do prédio, propicia a todos intercomunicação que ajuda a evitar isolamento e sensação de solidão.

A instituição propõe, e busca, a liberdade. Liberdade de ir e vir, de credo religioso e de quaisquer manifestações culturais. O hotel possui espaço ecumênico onde podem ser realizados cultos de qualquer religião. A grande maioria dos moradores professa a religião católica, o que faz com que, na maioria das vezes o espaço seja usado como uma capela.

Não há restrição de horário de visitação, livre 24 horas para parentes e amigos; e das 9:oo horas às 19:oo horas para visitantes, sem necessidade de agendamento. Possui ampla área social na qual são organizadas atividades abertas à comunidade – festas, jantares, bingos, encontros. Todos os meses são feitos passeios a teatros, museus, parques e exposições de arte, dos quais não só os hóspedes, mas qualquer morador da comunidade pode participar. A casa possui van disponível para as atividades externas.

A área dedicada aos hóspedes não possui degraus, interna ou externamente. Esta concepção arquitetônica permite fácil locomoção das pessoas em qualquer situação, mesmo os encadeirados.

Alguns ambientes e espaços merecem atenção, como a biblioteca, local aconchegante, todo em madeira, com iluminação agradável que complementa o conforto oferecido pelas poltronas de leitura. Possui mesa de centro para facilitar a leitura de mais de dois mil títulos, além de jornais e revistas de grande circulação, assinados pelo hotel.

O salão de beleza também merece destaque: aberto ao público do bairro e funcionários, além dos hóspedes, é o lugar onde as notícias ganham contornos maiores, onde tudo se sabe. Ambiente alegre, descontraído, é o espaço ideal para se dar boas risadas, contar e ficar sabendo o que acontece de novo.

A sala de laborterapia é a área de terapia ocupacional, reuniões e alguns cursos. Possui um conjunto de mesas destacáveis, que dá ao ambiente a configuração que se desejar, aulas de Tai-Chi-Chuan, artesanato e reuniões com o psicólogo para as dinâmicas de grupo.

Bem ao lado da sala de laborterapia há o cinema, o "Cine-Solar". Com estrutura completa de home-theater, tratamento acústico e telão. Duas vezes por semana são apresentados filmes, lançamentos, clássicos, musicais, culturais ou documentários. Tem um completo sistema de data show para palestras, treinamento de funcionários e apresentações, além de um divertido Karaokê que conta hoje com mais de mil músicas.

Ainda no andar térreo, saindo da sala de atividades chega-se no grande salão, o "átrio", com pé direito que vai até o teto do prédio de sete andares cria a sensação de unidade com o todo. Nele temos um grande piano de cauda tocado por profissionais duas vezes por semana, e está disponível para quem quiser – e souber - tocá-lo. No outro extremo, temos a aconchegante sala da lareira, que é acesa por funcionários nas tardes frias. Indo em direção ao restaurante passamos pelo bar, em estilo pub inglês, muito charmoso. O restaurante é amplo e bem iluminado, no estilo self-service. O hóspede pode se servir de um cardápio variado, controlado por nutricionista, no balcão que se liga diretamente à cozinha, criando um ambiente integrado e residencial, sem perder o estilo. Os alimentos são colocados em réchaud, e ficam à disposição por duas horas, o que dá liberdade ao hóspede de descer para sua refeição por largo período. Não há pressa.

Se o restaurante estiver muito cheio, pois é aberto para as famílias dos hóspedes e comunidade, ou o dia estiver com um clima agradável, pode-se fazer a refeição no jardim de inverno anexo. Espaço arejado e agradável, todo envidraçado, fica ao lado do restaurante, junto ao jardim.

Não podemos deixar de visitar a sala de ginástica, com aparelhos adaptados e adequados aos idosos. Todos os dias há um professor à disposição. Junto da sala de ginástica fica a piscina, coberta e aquecida, onde são ministradas aulas de hidroginástica e terapias individuais com fisioterapeuta.

No mesmo ambiente existe uma pequena piscina tipo "jacuzzi", de hidromassagem com jatos de água quente, ideal para relaxar ou fazer exercícios de recuperação de membros e fisioterapia. Neste espaço há também uma sauna e chuveiro com ducha circular.

Tudo foi planejado para trazer segurança e conforto ao hóspede e ao visitante. A escolha do local para o empreendimento teve como motivação a ausência de empresas dessa natureza na região, local de moradia de um extrato social de alto padrão econômico e sociocultural.

Os diretores de cena. Toda semana há reunião entre o psicólogo e os idosos, quando lhes é dada oportunidade de explicitar seus desejos, expor questões, críticas, queixas, ou apenas contar histórias, do cotidiano ou de fatos marcantes de suas vidas pregressas. Os relatórios tirados desses encontros são levados à reunião interdisciplinar semanal, integrada pela equipe que está todos os dias à disposição dos hóspedes - médica, chefe de enfermagem, psicólogo, nutricionista, professor de ginástica, fonoaudióloga, fisioterapeuta.

O Solar possui ala destinada ao idoso frágil. Para essas pessoas mais dependentes de cuidados existe a equipe de enfermeiras, auxiliares de enfermagem, e grupo de cuidadores, que oferecem atendimento 24 horas por dia. Esses senhores e senhoras não são de forma alguma relegados, participando das atividades na medida de suas possibilidades. Não há nenhum hóspede acamado. Em caso de intercorrências graves, a pessoa é encaminhada para a internação hospitalar. O hotel acolhe e busca dar o melhor atendimento ao idoso frágil, mas o perfil da casa não é de clínica médica. Todos os residentes têm acompanhamento de enfermagem, prescrição médica diária e prontuário interdisciplinar. Esses documentos são constantemente renovados e estão disponíveis em um sistema computadorizado para todos os profissionais.

A intenção dos idealizadores da casa foi cobrir um vazio no campo do atendimento ao idoso no Brasil. Após uma busca por lugares de moradia para idosos, nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, constatou-se não haver nos grandes centros urbanos lugar adequado para o envelhecimento ativo[6] e prazeroso da população idosa, um hotel residência voltado para a terceira idade.

[6] Envelhecimento ativo é um termo cunhado no âmbito da Organização Mundial de Saúde, e parte do fundamento de que é um processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas.

Partindo da premissa de que manter a autonomia e independência possíveis durante o processo de envelhecimento é projeto fundamental para qualquer indivíduo, os idealizadores da casa procuraram construir um local de hospedagem que propiciasse condições de bem-estar físico, psíquico e social, de acordo com as necessidades, desejos, capacidades e sua história de vida e, ao mesmo tempo, proteção, segurança e cuidados adequados.

Os arquitetos procuraram respeitar as regras, procedimentos legais, e parâmetros de segurança para o idoso frágil – piso antiderrapante, corrimão, barras de apoio nos banheiros, portas amplas e ambientes adequados a cadeiras de rodas, - oferecendo também beleza, funcionalidade e conforto. A iluminação natural entra por uma área do telhado em fibra de carbono translúcido. As cores do ambiente interno são claras e alegres, com muita vegetação, dentro e fora da estrutura de moradia. O jardim é plano, para facilitar o percurso para encadeirados ou pessoas de passo curto, com lago de carpas, fontes, viveiro de pássaros e caramanchão de plantas trepadeiras diversas, que florescem durante grande parte do ano. Os jardins emolduram a casa, tornando-a bucólica e aprazível.

Fator que embasa a importância inovadora da instituição é ter desenvolvido os parâmetros relacionados acima antes mesmo da aprovação do Estatuto do Idoso, e de grande parte das reuniões internacionais sobre envelhecimento. Foi pensada em 1993, projetada em 1995 e inaugurada em 1998.

O Solar Ville Garaude é bom exemplo da cultura que está surgindo: a busca pela mais plena integração e ampliação de possibilidades de socialização e atendimento digno. A nova visão do envelhecimento, principalmente se for incluido ao estudo o idoso velho, com setenta e cinco anos ou mais. Nessa idade a capacidade intelectual e funcional pode estar ou não completamente mantida, mas a capacidade de expressão do "eu" está prejudicada pela pressão social, que dificulta a aceitação de perdas intelectuais e físicas naturais. Importa observar que o surgimento dessa nova filosofia de atendimento não se restringe ao ato de fazer - a atividade em si. Muito mais ampla é a expansão das possibilidades humanas que daí surgem, com melhoria da qualidade da vida, saúde, auto-estima, e a possibilidade de contribuir da forma que lhe for possível, e interessante, para a sociedade que o cerca. Não inovar apenas pelo fazer mecânico e linear, mas pela reformulação do 'ser no mundo', permitindo a ressignificação de sua existência.

A terapia ocupacional ajuda a lembrar que não importa a atividade em si, mas o quanto isso serve de crescimento para a pessoa, e o significado disso para cada um. O limiar dessa nova cultura não se encaminha apenas para se manter vivo e ativo, mas se sentir feliz em qualquer fase da vida, com a certeza de estar realizando algo, sendo útil.

O intuito é apresentar várias possibilidades de auto-expressão e dar liberdade de escolha. As atividades oferecidas são:

Cursos de ioga, tai chi chuan, pintura em tela, artesanato, canto coral, aula de voz com a fonoaudióloga, dança de salão, ginástica, hidroginástica, musicoterapia. As atividades são abertas à população do bairro, o que cria a possibilidade de novos relacionamentos. Há sempre passeios culturais e atividades externas. Busca-se não diminuir a importância do encontro com a família, convidada para todas as festas e eventos, sem restrição de horário ou data. E os encontros intergeracionais, pois as crianças são bem-vindas e alegram o ambiente, dentro do limite de tolerância dessa energia por parte dos idosos. Para servir como exemplo deste procedimento pode-se usar as visitas monitoradas de alunos de uma escola do bairro, que periodicamente vêm fazer trabalhos escolares e visitas aos moradores do Solar.

Morar, com toda sua carga subjetiva e simbólica, passa a ter o significado de se relacionar, estar junto de pessoas da mesma faixa etária e interesses. Manter-se sociável, cercado de estímulos, e só se recolher nos momentos que sentir necessidade, na medida e limite da sua vontade.

Uma vez a cada duas semanas os moradores, principalmente as senhoras que foram donas de casa por muito tempo, são chamadas a uma reunião com a nutricionista para discutir o cardápio e fazer sugestões e críticas aos pratos oferecidos pela cozinha. Oferecem receitas e eventualmente participam de sua elaboração. É mais uma idéia simples que visa manter o idoso sujeito de sua vontade, e não objeto da vontade de outros. É a busca de continuar se sentindo não só vivo, mas ativo e presente na sociedade. Deve sentir que a sociedade não quer excluí-lo, mesmo com as perdas e o cansaço causados por sua longa caminhada na vida. Assim, mesmo que a morte seja presença próxima - encontrada no amigo e no parente que se vão, e nas próprias percepções de finitude – sente-se pleno, dentro de suas possibilidades.

Quando ocorre óbito entre moradores, os amigos são convidados a participar das homenagens e

do adeus. É feita missa na capela da instituição, e facilitada a ida ao cemitério. A morte não é escondida ou negada, pois também faz parte da vida, e é um momento de reflexão. A instituição não deve proteger o idoso da angústia desse momento, mas considerar que deve ser enfrentada e vivida, porque é a sua experiência como ser humano finito.

Os idealizadores e os profissionais envolvidos no projeto de moradia e atendimento oferecido pelo Solar Ville Garaude percebem, no cotidiano, que muitos planos e propostas não funcionam a contento e devem reavaliar e renovar-se constantemente. Mas há um fator poderoso, que faz com que a aventura do novo enfrente resistências - as pessoas em geral, e os idosos em particular, temem as novidades. O que é criativo e diferente tende a ser assimilado lentamente, visto com desconfiança, como uma invasão perigosa ao que é tradicional, conhecido, seguro. Mesmo que os profissionais tragam novidades – novas tecnologias, novos modos de pensar ou de fazer algo – o idoso tende a se aferrar à sua experiência, "sua" poltrona, seu espaço. Cotidianamente observa-se, por exemplo, no restaurante do hotel-residência, local que não possui lugares determinados, e que as pessoas podem tomar assento onde desejarem. No entanto, alguns residentes se habituam a sentar sempre no mesmo lugar e ficam muito bravos quando este está ocupado. Insistem que aquela cadeira, aquela mesa, é dele, lhe pertence.

Mesmo para criar novos laços de amizade existe resistência. Parece que os comportamentos adquiridos em fases anteriores tendem a se cristalizar, e o saudável esforço de quebra de rotinas - um saxofonista, os Doutores Da Alegria, ou uma inversão de horários, por exemplo - são mal recebidos a princípio, e assimilados aos poucos.

Muitas de nossas atitudes podem ser vistas como obsoletas, mas gostamos delas. Porque nos identificamos, nos reconhecemos nesses modos de lidar com o mundo. Tendemos a nos apegar à rotina, mesmo que existam novidades que facilitem ou sejam mais práticas. Temos medo do novo e tendemos a nos acomodar. A flexibilidade e o movimento exigem disposição e esforço.

A instituição se apresenta, com isso, em pleno movimento. Estruturas ainda presas ao tipo tradicional de atendimento e convivência coexistindo com propostas bem-sucedidas da busca pelo novo.

Os personagens principais. Foram feitas entrevistas com dez idosos, de ambos os sexos, com sessenta anos ou mais, para coletar depoimentos de pessoas que se hospedaram na instituição por

vontade própria. A maioria tem a disposição de morar no hotel por longo período. Em alguns casos, já se estende por mais de sete anos. Como o pesquisador trabalha na instituição, fez uso também da observação participante e do diário de campo, estando, assim, o mais próximo possível, sem perder a capacidade de análise dos dados coletados. Segundo Gil (1989, p.109), a observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do pesquisador na vida da comunidade; o observador assume até certo ponto o papel de membro do grupo. O método de procedimento escolhido é o de estudo de caso. Esta opção se justifica pela possibilidade de acesso ao campo de pesquisa e confiança da importância do objeto pesquisado para o contexto cultural.

Por trabalhar diariamente no local, o pesquisador observa e estuda a vida cotidiana dos sujeitos, com ampla apreensão dos fenômenos que constituem sua realidade objetiva e subjetiva, como desejos, carências e vivências pessoais.

Macedo (2000, p. 148), ao explicar o estudo de caso, deixa claro que quando o pesquisador opta por esse método deve estar consciente que o conhecimento não é dado pronto. Conquistar o entendimento de espaço social é conquista lenta e prazerosa. Algo que se vai construindo, fazendo e refazendo, em busca de novas percepções e respostas, conforme a pesquisa evolui. No estudo de caso importa valorizar o contexto, a realidade observada de modo profundo e refinado. Por ser uma observação ativa, estabelecem-se planos de inter-relações efetivas entre o pesquisado e o pesquisador. Surge grande variedade de dados em vários momentos e situações. Conforme Pais (2003, p. 70), este tipo de pesquisa cultiva o pressuposto de que a realidade pode ser vista e construída sob diferentes perspectivas, e por isso apresenta flexibilidade para os pontos de vista e ações presentes na situação estudada.

O estudo de caso é estratégia de pesquisa que prepara o pesquisador para lidar com descobertas inesperadas. Exige constante correção de rota à luz dos descobrimentos. Como explica Macedo (2000, p. 150), ao mencionar que a fecundidade dos resultados dependerá muito do tipo de acesso ao campo de pesquisa conquistado. O maior acesso facilita o processo dos sujeitos se deixarem observar, principalmente pela construção de vínculos anteriores e confiança mútua. Essa relação favorece a disponibilidade das pessoas para fornecer informações.

Os dez personagens principais do nosso enredo precisam ser apresentados. Transcrevemos sucinta biografia de cada um deles. Para proteger a identidade, foram criados nomes fictícios:

1- Don'Ana é italiana de nascimento e criação. É viúva, seu marido era piloto, lutou na guerra, e se acidentou alguns anos depois da guerra. Quando fazia um vôo de instrução, seu aprendiz cometeu um erro, seu avião caiu e ele faleceu. Ela tinha trinta e poucos anos na época, mas não se casou novamente. Teve dois filhos, sendo que a filha mais nova faleceu vítima de câncer em 1994, na Itália. Seu filho, Guido, veio para o Brasil a trabalho e se encantou com o país. Casou-se com uma baiana e teve um casal de filhos. Don'Ana sempre teve uma vida muito ativa, era Marchand de artes na Itália e trabalhava para um museu em Milão. Quando se aposentou, veio para o Brasil para ver o filho e netos e não voltou mais, isso já há quinze anos. Fala com forte sotaque. Está atualmente com 83 anos, e continua muito ativa. É muito participativa, e tem o "cargo" de receber as pessoas que vêm visitar o hotel, e mostrá-lo, com explicações detalhadas. O hotel tem por filosofia manter as pessoas ativas, e Don'Ana se sente bem e alegre ao assumir compromissos. Tem personalidade forte, é exigente, mas se dá bem com todos.

2- Hamlet , hoje com 65 anos, nasceu no município de São Paulo, mas morou por muitos anos no interior do Estado, sendo que se criou em Americana. Diz que o interior de São Paulo é muito bonito. Considera que é mais humano morar em cidades menores. Diz que com quatro anos ia a pé para o jardim de infância, e que isso faz muita diferença porque seria impensável em São Paulo. Casou-se com vinte cinco anos, é casado, já há quarenta anos. Ela vem visitá-lo toda semana. Não moram juntos, por uma certa incompatibilidade de gênios, e porque ele se aposentou da Light, onde era diretor de recursos humanos. Sua aposentadoria se deu após um AVC, que causou uma hemiplegia à esquerda, que apesar de não o impedir de andar, traz algumas necessidades de ajuda nas atividades de vida diária. Ele passou a ficar em casa, mas diz que em casa não tinha o apoio que precisava, e quis vir para uma instituição. Ela não quis deixar sua casa. Continuam casados, mas moram separado. Tem dois filhos que atualmente têm trinta e nove e trinta e sete anos, e que moram em São Paulo. É católico, mas gosta das igrejas evangélicas, e freqüentava cultos. É muito culto e inteligente, adora "bater papo" e contar sobre seus estudos e sua filosofia, se diz aberto, na vida e no trabalho, diz que fez todos os cursos possíveis, para aprender sempre. Afirma ser muito feliz, sempre foi feliz.

3- Jasão, está com 80 anos, é separado da sua esposa. Há vários anos morava sozinho. Tem dois filhos, e duas filhas e nunca quis morar com eles. Sempre morou só em São Paulo. Com o avançar da idade preferiu não morar mais sozinho. Morar num lugar onde tivesse mais gente mais companhia.

Separou-se da sua esposa em 1980, e passou a morar em um apartamento perto do Ibirapuera, por oito anos. Após uma fase difícil, de depressão, reconciliou-se, e voltou a morar com sua mulher, mas continuaram as brigas, "era um inferno". Quando se aposentou de seu emprego de contador das lojas do Mappin, foi morar num sítio em Itatiba, até que um dia caiu e quebrou o fêmur. Teve de ficar de cama ou com cadeira de rodas por quatro meses. Percebeu que não podia mais morar sozinho. Mas não queria morar com parentes. Não tinha mais condição de morar só, aquele esquema de cuidar de casa, empregados, supermercado, conta de luz, de telefone... Percebeu que não tinha mais disposição nem idade para se preocupar com isso. Foi então que resolveu morar no Solar Ville Garaude. Está na instituição há um ano e meio. Afirma que está passando por um momento bom, mas diz também que sofre de depressão há muito tempo, mas que agora está bem.

4- Romeu nasceu em 1917, em São Paulo. Filho de imigrantes portugueses eram oito irmãos, todos nascidos no Brasil. Diz ter-se criado à beira do rio Tietê, na capital. Casou com sua vizinha, filha de alemães, com quem viveu por cinqüenta anos, até seu falecimento. Tiveram seis filhos, três homens e três mulheres, dois já falecidos, dois que moram fora do país, e dois que o visitam sempre. Tem atualmente quatro netos, todos morando em São Paulo. Se diz católico praticante, indo à missa toda semana. Começou a vida adulta vendendo meias e gravatas na rua. Passou a trabalhar num estacionamento, no centro da cidade e acabou, com muito esforço, comprando o estacionamento, depois comprou mais um, na região da 25 de Março, e com o rendimento criou os filhos. Hoje, quem toca o negócio é o filho.

5- Dulcinéa nasceu em São Paulo, capital, em 1918, no dia 7 de janeiro. E passou sua infância no interior do Estado. Foi criada pelos avós, numa fazenda, em Nova Europa, perto de Ibitinga. Lá fez os primeiros anos da escola e só veio de volta para São Paulo com dez anos, para estudar em escolas mais "puxadas". Casou-se aos dezenove anos, um casamento infeliz, sem filhos que terminou em três anos. Conheceu, então, Naupliu, com quem veio a casar aos 28 anos, tiveram três filhos e viveram juntos por mais de cinqüenta anos. Depois que ficou viúva, viveu ainda alguns meses só, e depois resolveu morar num hotel para idosos. Está, atualmente, com 88 anos.

6- Dom Giovanni nasceu em São Paulo, capital, em quatro de outubro de 1928. Criou-se na cidade de São Paulo e viveu alguns anos em Ribeirão Preto, na casa da avó, quando adolescente. Sua família é de Mogi das Cruzes, onde fez o ginásio. Uma curiosidade que quer registrar, é que sua avó só

falava italiano, e como morou com ela, aprendeu a falar a língua. E lá, em Mogi, conheceu sua esposa, com quem teve dois filhos homens. É viúvo, sua esposa faleceu dois meses antes de completarem 50 anos de casados. Seu primeiro emprego foi de telegrafista, e depois passou a lecionar. Foi professor de química e matemática, no Colégio Dante Alighieri e no Mackenzie. Depois entrou para a rede estadual de ensino, como professor de ciências, onde lecionou por 18 anos. Depois de casado, fez um curso de Administração de empresas, na FGV, e foi trabalhar na fábrica de Azulejos Incepa. Mais tarde trabalhou nas Fundições Tupy. Sempre foi muito esforçado, acumulando empregos; e como professor, muito exigente.

7- La Violetera é uma senhora lúcida e simpática. Nasceu na Espanha, e está atualmente com 83 anos. Gosta muito de conversar, conta que passou a infância numa pequena comunidade no norte do País, e passou pelas vicissitudes da guerra civil espanhola. Sofreu um ferimento e teve de ser hospitalizada. Explica que os soldados passavam por sua pequena cidade e causavam prejuízos, roubavam, entravam nas casas, abusavam do povo. A guerra terminou em 1939 e ela se casou alguns anos depois, em 1947. Há 18 anos resolveu vir morar no Brasil. Naquela época, já estava casada e com quatro filhos, três moças e um rapaz, sendo duas irmãs gêmeas (uma das filhas morreu de câncer há alguns anos). Já tinha alguns parentes que moravam aqui e insistiram para o casal vir. Venderam a casa que tinham lá e vieram. Aqui em São Paulo, com muitas dificuldades financeiras e de adaptação ao novo estilo de vida, seu marido montou um negócio, sendo que os filhos estudavam e ajudavam a cuidar da casa comercial. Foram melhorando de vida, criou os filhos e passou a gostar do seu novo país que chama de sua nova pátria. Agora só vai à Espanha para visitar a família. Há alguns anos ficou viúva e, com os filhos já casados, resolveu mudar de sua casa para o hotel. Já mora aqui há três anos.

8- Suzy é natural da cidade de São Paulo, na Barra Funda, e morou por muitos anos na rua Lopes Chaves, a rua em que, segundo ela, morava Mario de Andrade. Seus pais, quando casaram já eram viúvos, cada um já tinha um filho. Tiveram, juntos, mais quatro filhos - eram seis irmãos. Três meninos e três meninas. Sempre morou em São Paulo, primeiramente na rua Angélica, depois na rua Jaguaribe, e por muito tempo numa chácara na Estrada Santa Inês. Com 14 anos fez um teste e passou para um emprego de datilógrafa na Estrada de Ferro Sorocabana, onde trabalhou no Departamento de Pessoal, por 22 anos. Teve colite ulcerosa que levou a aposentadoria. Diz que se curou com homeopatia, já aposentada.

Quando tinha 20 anos casou-se com um homem de 40 anos, advogado, promotor público, com quem conviveu por 32 anos, até sua morte, aos 72 anos. Ela é espírita convicta e descobriu um talento tardio para pintura, a que se dedica diariamente, aos 87 anos.

9- Genevieve está atualmente com 72 anos. É muito ativa, participativa, gosta de passear, tem seu carro na garagem do hotel, e o usa todos os dias. Vem de uma família muito pobre. Viviam num cortiço, muito arrumadinho e limpo, perto da avenida do Estado, na cidade de São Paulo, onde nasceu. Ela, aos 8 anos de idade, lavava louça para os vizinhos para ganhar dinheiro. Seu pai era vidraceiro. Durante a guerra na Europa, com a falta de lentes para óculos de grau, pois as exportações para o Brasil haviam cessado, ele passou a fazer lentes. Com isso, ganhou dinheiro, ampliou a vidraçaria, e ainda a diversificou começando a fazer lustres. Depois montou uma fábrica grande, na região do Ipiranga, que funciona até hoje, dirigida por um irmão dela. Eram em cinco irmãos, quatro homens, e ela. Casou-se aos dezenove anos, e teve dois filhos. Divorciou-se depois de trinta e dois anos de casamento; dois anos depois ele faleceu, de enfarte.

10- Julieta nasceu no interior do Estado de São Paulo, Piracicaba, onde ainda moram alguns parentes. Veio para a cidade de São Paulo aos dezeseis anos. Casou-se aos dezenove, e viveu com o marido por trinta anos, até que este veio a falecer, por complicações de um enfisema pulmonar, pois fumava muito, aos cinqüenta e dois anos. Teve apenas um filho. Depois do falecimento do marido, passou quatorze anos "morando com nora". Tem uma relação muito boa com a nora, mas diz que só se ambas fossem "santas" para dar certo morarem tanto tempo juntas. Depois de quatorze anos de viúva, aos sessenta e três anos, encontrou um novo amor, segundo ela "por milagre". Viveu com o segundo marido por dezoito anos até que ele faleceu, vítima de um derrame cerebral. Ela estava viúva novamente. Tem três netos e cinco bisnetos. Há três anos decidiu mudar do seu apartamento para o hotel, onde se diz muito bem e feliz.

Os depoimentos, com o termo de consentimento livre e esclarecido lido e assinado, sobre sua história de vida e como percebem a vida antes e depois da mudança para a instituição, são foco desta pesquisa com abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2003, p.21), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, aprofundando na subjetividade do entrevistado, sem preocupação específica em medir o tamanho do que se quer pesquisar.

O critério utilizado para selecionar estes sujeitos foi a preservação cognitiva mínima suficiente para entender as solicitações feitas. Para isso foi pedida a opinião da médica responsável pelo local sobre a existência, ou não, de doenças degenerativas do sistema nervoso central; bem como fazer avaliação do estado de humor cotidiano, queixas, impressões sobre o estado geral e possível quadro depressivo. O pesquisador pôde utilizar o recurso do prontuário médico, arquivado na sala da enfermagem. No qual é possível fazer pesquisa documental, examinando as fichas de cada participante do estudo.

As entrevistas foram gravadas e transcritas pelo próprio pesquisador, a fim de manter a fidedignidade das falas. Posteriormente foram devolvidas aos sujeitos para lerem as respostas e rediscuti-las de modo a ampliar o entendimento sobre a percepção que têm de sua vida atual. E, também, aprovar o uso na pesquisa.

Por fim, foi feita a comparação dos resultados com a intenção inicial: avaliar se é possível haver instituições de longa permanência para idosos que, contrariamente aos paradigmas institucionais tradicionais, sejam estimulantes, alegres e permitam boa passagem por essa fase da vida. E como são, ou podem vir a ser essas instituições.

Os textos

Quero descansar desses afazeres todos, quero sossego. Quero viver a minha vida, porque até agora eu vivi sempre a vida de vocês, agora quero viver a minha vida. (A. G. B.)

As falas. A entrevista, feita sob a égide de pesquisa qualitativa, com observação participante, foi realizada com o uso de duas perguntas simples, com a finalidade de estimular o sujeito da pesquisa a se expressar o mais livremente possível numa entrevista aberta:

a) O que o motivou a deixar sua casa e morar em uma instituição de longa permanência para idosos?
b) O que mais gosta e o que menos gosta na instituição em que está hospedado?

Em geral se observa no discurso propiciado pela questão apresentada, preocupação com a solidão. A maioria sentia solidão em casa e procurou uma forma de resolvê-la vindo para o hotel. Mas a distância da família, e a perda das relações sociais criadas na vizinhança, passam a pesar após a decisão. Há também a preocupação com os cuidados – a falta de recursos em casa, em contraponto à atenção integral recebida na instituição. Porém, se observa uma sensação de perda de autonomia após a mudança.

Há motivação financeira que aparece em algumas respostas – viver sozinho em casas que se tornaram grandes pela falta de ocupantes e altos custos de manutenção. A alternativa mais natural, morar com filhos e parentes, ou não parecia atraente e não quiseram tentar, ou após tentar, concluíram que não estava dando certo por conta de dificuldades de adaptação, de relacionamento, e até pela percepção da continuidade da solidão. Aparece a questão dos bloqueios físicos: casas com escadas e ambientes inadequados para o idoso.

São os comentários e percepções pessoais mais freqüentes. Surgem expressões ligadas a aspectos físicos, tangíveis, da mudança. Outros são mais subjetivos, ligados ao mundo das sensações. Em geral se observa sentimento de satisfação e acerto com a escolha. Poucas são as queixas e muitos os elogios à nova moradia, levando o observador a crer na validade dessa forma de atendimento ao idoso.

Outro aspecto relevante é a percepção de conforto e liberdade que se observa nas respostas. Demonstra que uma das opções feitas pelo empreendimento deu certo o fato de os moradores e hóspedes não estarem separados do pessoal de serviço. A liberdade de entrar em qualquer local e encontrar os funcionários constantemente cria convivência caseira. Eles podem se sentir mais em casa, desenvolvendo elos afetivos entre moradores e funcionários.

Durante as entrevistas foram percebidas algumas sutilezas no discurso dos moradores. O claro sentimento de solidão, mesmo morando em casa ou com parentes. A sensação de insegurança no convívio no ambiente tenso das grandes cidades, com todos os seus problemas. Tudo isso somado ao medo de não ser prontamente atendido em caso de necessidade. Os discursos captam o desconforto com as lidas da casa e da progressiva fragilidade, decorrentes do avanço da idade. Tudo isso, compõe um painel claro dos motivos que levam alguém a desistir de morar só - ou com familiar que trabalha e não está de fato à disposição - e ir para instituição de longa permanência para idosos.

O material se presta à elaboração de interpretações mais profundas. Para nos ajudar no embasamento teórico da montagem da pesquisa e análise da fala dos idosos, recorremos a Umberto Eco, quando discute algumas questões importantes para o desenvolvimento e análise adequados da pesquisa. Afirma antes de tudo a impossibilidade de fornecer regras fixas para a atividade do pesquisador. Mas há alguns guias:

> O primeiro guia, e mais importante, é a extensão que se confere ao problema, e permitir o detalhamento do projeto. É de suma importância que o espaço seja franqueado ao pesquisador, em todos os níveis; e que a pessoa seja totalmente franca e honesta com o pesquisador. Certos assuntos demandam conhecimento empírico a respeito deles. É preciso que se conheça um determinado assunto por dentro para que se possam criar eventos críticos que levem os entrevistados a se disporem a revelar fatos. (Eco, 1997, p. 167).

O pesquisador, por trabalhar na instituição, tem conhecimento empírico do ambiente a ser pesquisado, o que aumenta as chances de um resultado de maior fidedignidade. De qualquer forma, cabe argumentar, parafraseando Sergio de Luna, que as análises aqui feitas não pretendem criar a expectativa de chegar à verdade dos fatos, nem à eliminação da variabilidade ou da subjetividade.

> Em vários momentos insisti na idéia de que o processo de pesquisa é dinâmico. Cada procedimento tem suas peculiaridades. E somam-se outros fatores de consideração decorrentes da situação sob investigação. Questionários podem ser aplicados em forma de questões abertas, mas estas precisam ter uma formulação clara e simples. E sua eficiência ainda dependerá de indivíduos razoavelmente bem articulados. (Luna, 2002, p.124).

A variabilidade e a subjetividade de opiniões estão presentes na pesquisa. Para contemplar estes fatores, o pesquisador optou por questões abertas e de formulação mais simples possível. Nos discursos, não só dos atores principais, cuja transcrição das entrevistas está em anexo, mas também nas falas cotidianas dos atores coadjuvantes - os moradores do hotel – buscou-se selecionar algumas variáveis, para com isso analisar os conteúdos apresentados espontaneamente.

Nas entrevistas (em anexo) foram criados pseudônimos para proteger a identidade. Para privilegiar alguns pontos específicos que ajudam a ilustrar com mais clareza a proposta deste trabalho, definida nos capítulos anteriores, fazemos um recorte de alguns discursos, tanto das entrevistas, quanto das falas cotidianas dos outros residentes, que não os entrevistados, tiradas do dia-a-dia da instituição. Estes últimos, por abranger um universo mais amplo, serão identificados pelas iniciais de seus nomes.

Durante o desenvolvimento do trabalho, foram feitas digressões teóricas e gerais dos discursos dos hóspedes. Busca-se agora o próprio texto, a fala a partir de seu autor. Este material será interpretado com o intuito de embasar o estofo teórico precedente. Os pontos pinçados dos discursos, entre tantos, são os que permitem manter e apoiar a base teórica do trabalho, sem prejuízo de outras interpretações posteriores - pois sempre há o que desenvolver a partir de um estudo, e essa é a beleza da ciência: estar sempre aberta à crítica, à revisão, em constante transformação e evolução.

Um passeio pelas falas dos atores deste ensaio pode melhora a compreensão, apontando e valorizando pontos importantes dos discursos:

Solidão

O problema que mais parece afetar o processo de envelhecimento e a tomada de decisão deste grupo é a solidão:

Me sentia só, porque meu filho trabalha muito e eu ficava sozinha.
(A. M. R. P.)

O difícil na minha idade é que os amigos, todos já se foram. Ficamos sós. A gente pode fazer novos amigos, claro, mas aqueles que eram companheiros... de toda uma vida... fazem falta. (J. A. M.)

Toda moeda tem dois lados. Eu gostaria de estar com a minha família, na minha casa. Mas na minha casa o senhor não vê a família, eles não estão... (F. M. F.)

Eu tinha, no Rio [de Janeiro], um grupo de jogo. Toda quarta era na casa de um. Por muito tempo. Éramos muito amigos. Não sobrou um! Ou morreu, ou não pode jogar mais. Pronto, fiquei só. E agora, com esse problema nos olhos, nem eu posso jogar mais.
(D. S. D. H.)

Já há vários anos eu morava sozinho. Eu tenho filhos, filhas e nunca quis morar com os filhos. Eu sempre morei sozinho, desde que me separei. Mas com o avançar da idade, resolvi não morar mais sozinho. (J. A.)

Eu vim para cá porque fiquei viúvo e me senti sozinho. E como eu não tenho ninguém, fui me informar onde eu poderia ficar bem.
(A. M. G.)

...estou sozinho. O duro é a solidão. Se eu tenho solidão aqui, tenho em qualquer lugar. Solidão. E aqui também sinto solidão, mas o senhor sempre nos leva a algum lugar, tem as coisas para fazer, é animado. Mas o senhor sabe, eu não participo de nada, não gosto de muitas coisas. (A. M. G.)

Devagar foram indo todos, ficou só eu e minha irmã caçula, que mora em São Paulo. Aí, comecei a ficar com medo de morar sozinha. Aconteceu de a empregada da minha vizinha sufocar a patroa, uma senhora de idade, com o travesseiro. E fez isso só para roubar. Fiquei com medo. (A. O. F.)

Fui muito feliz, sabe? Tinha uma turma, que se conhecia desde a infância, do "Des Oiseaux". Era chamada a turma das meninas, e continuou sendo – as meninas – todas avós, já. Tomávamos chá ou jantávamos todo mês. Agora? Uma não pode, outras já morreram, tem uma que está de cadeira de rodas. Acabou. Eu também, com a doença de S. [marido], não fui mais. Só fico com ele. (M. N. M. C.)

Insegurança

Nas expressões que envolvem o sentimento de solidão pode-se inferir, em vários momentos, o aparecimento do medo. Medo não só da solidão, mas também da violência, sensação de insegurança que tende a aumentar com a idade. Para demonstrar com mais facilidade esta combinação que traz tanto sofrimento, de medo que leva à solidão, em um processo que se retroalimenta, foram pinçados alguns relatos:

> *...fui ficando velha e mais insegura. Com medo de sair, eu saía, claro, mas você sabe, a gente é alvo preferencial, não pode correr atrás. Aqui eu sinto mais segurança. (M. A. M. S.)*
>
> *Aqui não tem problema, viajo tranqüila, porque não preciso nem trancar o quarto. (J. B.)*
>
> *...nos jornais só se lê notícia triste. Nem vejo mais o jornal da TV. Só tem tragédia. A gente acaba ficando desconfiada até de andar na rua, assim sozinha. Só saia com meus netos, coitados, não têm tempo. Não dá mais, né. (A. M. R. P.)*

Acessibilidade

Outro fator importante para a tomada de decisão pela mudança para um hotel com estruturas adaptadas para a maturidade são as dificuldades com a parte física das casas, os bloqueios e "armadilhas" da arquitetura inadequada para o idoso:

> *No sítio eu ficava longe das outras pessoas. E aquele monte de escadas, e os cachorros, Deus meu. Para ver as pessoas tinha que chamar um táxi, tudo lá na Cantareira, é longe. (A. M. R. P.)*
>
> *...comecei a ter certa dificuldade de fazer as coisas que sempre fiz. Sempre fui muito independente e resolvi tudo o que precisei na vida. Mas ultimamente estava com problema nas pernas. Aí comecei a ficar muito fechado em casa, afastado de todos. (W. L.)*

Fiquei sozinha, tinha tudo perto, mas eu achava cansativo, um perigo. Ainda mais à noite, e se eu passasse mal, já pensou. (A. O. F.)

Lá a casa tem muita escada, e eu cuidava de tudo, fazia compras, cuidava da empregada, fazia tudo, ela [sua filha] só dava o dinheiro e ia trabalhar. Então era um tal de sobe e desce escada. Conclusão: fiquei ruim do joelho. (...) os médicos falaram para mim, que eu não podia continuar subindo e descendo escadas desse jeito, e sempre que fosse andar, procurar lugares planos, sem subidas e descidas. (A. G. B.)

Administração da casa

Além dos bloqueios físicos, se depreende cansaço em relação à lida diária causado pelo processo de envelhecimento e perdas físicas naturais:

... e tem outra coisa, eu estava cansada, cansada de lidar com empregada e essas coisas. Ir aqui e lá, e supermercado, cansei. (A. G. B.)

Quero descansar desses afazeres todos, sossego. Quero viver a minha vida, porque até agora eu vivi sempre a vida de vocês, agora quero viver a minha vida. (A. G. B.)

Mas com tudo isso, fui feliz, vivi minha vida bem, criei meus filhos, que estão bem. Agora quero tranqüilidade, sem incomodar ninguém. E também que não me incomodem! Todos vêm me visitar, e é ótimo, mas quero ficar com minhas amigas aqui. Sabe quando nos cansamos de lutas. (B. I. G.)

...aquele esquema de cuidar de uma casa, é empregado, supermercado, conta de luz, de telefone. Não estou mais em idade de estar me preocupando com isso. (J. A.)

Fragilidade

O processo de envelhecimento, algumas vezes é acompanhado de declínio físico, e também com algumas patologias que prejudicam o desempenho diário da pessoa. Percebe-se nas entrevistas que essas questões participam da tomada de decisão pela mudança de moradia:

Eu era muito ativa, fazia tudo em casa. Mas com esta prótese [de colo de fêmur] não dá. Dói, e eu fico cansada. (A. M. R. P.)

Eu fiquei com muita tontura, imagino que foi porque comi funghi seco, foi fervido, e pode ser venenoso se não cozinhar bem, no calor. (F. M. F.)

...Eu devorava leitura, tantos livros. (...) Agora não consigo ler nem de óculos. Mudei de vários oftalmologistas, e todos disseram que não tem solução. (F. M. F.)

...até que um dia caí e quebrei o fêmur, tive de ficar de cama e depois de cadeira de rodas por quatro meses. Não podia mais morar sozinho, e não queria morar com parente, não tinha mais condição de morar só.
(J. A.)

Já não caminho direito. Depois do tombo sem importância, eles foram lá [os netos], e tiraram todos os tapetes. Ficou chão. Aí puseram esta televisão lá no meu quarto, pra eu ficar deitada. (N. M. L.)

Não ter a quem recorrer

Sensação aparentemente angustiante que se recorta das falas, é a fragilidade associada à solidão; passar mal, ou ter uma "crise" e não ter a quem recorrer:

Já faz trinta anos que tenho pressão alta. Depois que fiquei viúva, morei um tempo sozinha. Mas ela [sua filha] ficou preocupada, vai que eu tenha uma crise, qualquer coisa, e não tem ninguém por perto.
(A. G. B.)

Quando eu morava no apartamento, eu tive uma crise, meu marido não estava, não tinha ninguém, a vizinha também não estava. Pois eu estava tão ruim que chamei o zelador, e foi ele que me levou para o hospital. (A. G. B.)

Levantei para ir no banheiro, e, não sei, tonteei, não achei mais a cama e caí. Fiquei lá. Gritando para a empregada. Não conseguia levantar, e ninguém me ouvia. Fiquei lá. (M. L. F. B.)

Decisão pela mudança

Então, analisando os textos expostos, temos a base para discutir, a partir da expressão verbal dos hóspedes, a tomada de decisão pela mudança. O começo da busca por um novo modo de morar:

> *Minha filha está casada, e está muito bem, graças a Deus. Meu filho mora fora, vem só de vez em quando. Quando A. adoeceu, não tinha sentido continuar no apartamento. Já tinha desmanchado a casa e ido para o apartamento. Aí decidi vir para cá, melhor. Lá não dava mais. (J. A. M.)*
>
> *...foi minha esposa que tomou a decisão, depois de consultar médicos. (...) assim, conversando com médicos e tudo, resolveu me trazer para cá. Ela tinha um paciente que estava fazendo mestrado e fez estágio aqui. Recomendou para minha mulher e ela passou para mim. Eu não gosto de mudanças, mas se é para o bem geral da nação, vamos lá. (F. M. F.)*
>
> *Sabe o que é, eu gosto de movimento. Depois que o G. se foi, os filhos todos morando fora, ficou sossegado demais! É bom ter bastante gente, coisas para fazer, distrai. Em casa eu estava virando uma velha. Não fazia mais nada, não queria nada. Estava ficando triste. (M. G. A.)*

A tomada de decisão

Alguns relatos apontam para uma terceira pessoa participando da decisão, outros em conjunto com parentes, e outros ainda por decisão firmemente pessoal:

> *Não estou mais em idade de ficar me preocupando com isso. Foi daí que resolvi vir para cá. Já estou aqui há um ano e meio. Estou bem. Eu sofro de depressão já de muito tempo, mas agora estou bem. (J. A.)*
>
> *Primeiro, eu vim para cá porque fiquei viúvo, e me sentia sozinho. E como eu não tinha ninguém, fui me informar onde poderia ficar bem.*
> *(A. M. G.)*
>
> *Não, não, fui eu quem quis! Foi vontade minha. E está bom. Minha filha, quer dizer, uma das minhas filhas, vem me visitar de vez em quando, a outra vem menos. Meu filho vem pouco, estou falando do gordo, o senhor conhece. (A. M. G.)*
>
> *Eu vim visitar aqui e gostei, tem umas coisas muito boas, tem conforto, tem mais segurança, porque eu viajo muito, gosto de viajar e ficar fora uns tempos. Aqui não tem problema, vou tranqüila. (J. B. A.)*

Foi então que descobrimos aqui. Vim para visitar e já quis logo ficar, gostei de tudo. ( ) tanta atividade, tem a aula de pintura, que eu gosto tanto. (A. O. F.)

Sentir-se constrangido

Surge, em alguns discursos, a sensação de estar atrapalhando,incomodando. E também sentir-se incomodado com valores e modos modernos que não os agradam. Dados que corroboram a discussão deste estudo sobre a sensação de não se sentir tão bem em morar com seus parentes. E até se perceber como estorvo para a família:

Então, com essas crises, assim, fiquei meio insegura. Me sinto mal, não sei o que fazer, ainda atrapalho os outros. (A. G. B.)

Lá na casa eu não tinha o que fazer, ocupava o quarto, eu queria ajudar. Mas eu sabia que estava incomodando, eles não falavam nada, mas eu sabia. (A. M. R. P.)

A pior fase que passei com M. L .[nora] foi o tempo que passei na casa deles. Ela achou que eu ia morar lá com eles. Nunca quis isso, e dizia pra ela que era só por um tempo, até eu melhorar e achar um lugar. Agora ela acalmou, está tudo bem, o senhor vê, ela vem me visitar, almoça aí. (D. S. D. H.)

... não quero atrapalhar, e ainda tem essas escadas. E depois outra, o J. [genro] quer viajar, e tudo, e você tem que ir com ele. (A. G. B.)

E agora não quero incomodar ninguém. E também que não me incomodem! Eu sou observadora, e percebo as muitas mudanças de costume e jeito, e não quero isso para mim. (Não gosto do) jeito que meus filhos criam os meus netos. Não, é muito diferente, não quero me meter, que vivam como queiram. Eu vivo do meu jeito. (B. I. G.)

A mudança

Depois da transferência para a nova moradia, e do primeiro impacto, amadurece uma opinião de como é morar numa residência para idosos. Todos demonstram satisfação com a mudança. Porém, se para alguns é conquista (de liberdade, por exemplo), para outros significa perda.

Mas se disser que estou voltando para casa e vou me sentir bem, não acredito, porque já me acostumei aqui. Aqui tem as atividades, e tem a biblioteca também. (F. M. F.)

Aí, eu disse não, não estou bem assim, e comecei a procurar um lugar melhor, um jeito melhor de passar a velhice. Foi uma pena ter parado de trabalhar, mas... é assim. Eu gostaria de voltar a fazer minhas coisas, de tomar decisão. O que eu mais sinto falta é de não ser mais dono de nada. Se quero alguma coisa, não levanto e vou procurar, resolver. Não, eu peço para alguém. Isso é muito ruim. Sinto falta de ser dono das minhas coisas. (W. L.)

... não posso mais ficar em casa, nem quero. Lá eu estava muito pior, pior mesmo, muito deprimido, desanimado. Estou melhor. (W. L.)

Eu tinha toda a liberdade e perdi. Claro, ninguém me proíbe de nada. Meus filhos vêm na hora que querem, meus amigos vêm, de vez em quando. Aqui é meio longe, as pessoas acabam dando um telefonema e não vêm. Não é a mesma coisa que morar nos Jardins. Mas também sei que já não consigo fazer tudo o que fazia. De resto é tudo bom. Eu estou sendo bem sincero, mas estou gostando de tudo aqui. E entendo que não dá para ter tudo. (W. L.)

Eu faço o que quero aqui. Saio quando quero. Eu dou satisfação, aviso que vou na minha filha, vou no supe mercado ou em algum lugar. (A. G. B.)

Resultado da mudança

Em geral a percepção é de que estão bem, dentro de sua condição atual de vida. Para algumas pessoas, melhor que antes. Há observações que amparam a premissa teórica deste estudo:

...melhor que aqui não tem em nenhum lugar. Falo com o coração na mão, com sinceridade porque não sou falsa. Com sinceridade, melhor que aqui não tem. (A. M. R. P.)

O melhor é o ambiente, e o ambiente é formado da arquitetura, das pessoas com quem a gente faz amizade; não conhece, mas vai ficando junto até que acaba tendo denominador comum, isso para mim é muito gostoso. Até com os funcionários eu me dou bem e fiz amigos, o que tem de muito bom são os funcionários, muito gentis, não tenho reclamação deles. (F. M. F.)

O que me agrada muito aqui, o que acho muito bom é o tratamento que recebo aqui. Os funcionários, toda a equipe, a direção, todo mundo que trabalha aqui tem muita atenção comigo, isso me agrada muito. Isso é o principal. O pior, bom, acho que nada, não sei. Pra mim ta tudo bom aqui. (J. A.)

...o pessoal é ótimo. Olha, se você quer saber, o melhor que eu fiz foi sair de casa e vir morar aqui. (J. B. A.)

> *Eu acho tudo bom. Não tem nada que eu ache pior, ruim. Os remédios são dados certinho* na hora. *E a gente pode estar onde for que as moças acham a gente e dão o remédio, esteja no quarto, no cinema, ou lá embaixo. Tudo funciona bem. (A. O. F.)*

O custo da mudança

Para apoiar a hipótese de que não é uma alternativa dispendiosa para pessoas idosas que conseguiram ao longo da vida juntar um patrimônio compatível com a condição socioeconômica de classe média. Eis alguns relatos:

> *Eu estava no prédio da [rua] Mamoré. Muito bom, grande. Mas sozinha, meu marido faleceu. Fiquei dois meses com empregada; pagava mil reais de condomínio por mês! Mais todo o resto das contas, né? O que é que eu estou fazendo aqui, sozinha! (D. O. J)*
>
> *... só de me livrar do condomínio, hiii (risos), luz, e tudo. E ainda aluguei lá [o apartamento], pronto. Estou no lucro. Melhor assim. E meu filho ajuda sempre, também. (M. S. O.)*
>
> *A casa era boa. Mas ficou grande, os filhos foram cuidar da vida. Mudamos pra este apartamento pequeno, e mesmo assim era gasto pra todo o lado. Muito chato, dava trabalho e gasto demais! (A. G. B)*
>
> *Meus filhos são ótimos, temos uma relação muito boa, e eles chegaram a pôr até quatro acompanhantes, era muito, e era caro! (W. L.)*

A partir desses relatos pode-se observar que o idoso busca melhores formas de viver essa fase de vida. Procuram conforto, segurança e dignidade. Porém é fase complexa, que não permite soluções fáceis. Se por um lado o idoso busca melhor condição, de outro lado perde alguns fundamentos que estruturavam sua identidade. A mudança para um hotel causa grandes mudanças interiores. Os sentimentos ambivalentes – liberdade/perda de autonomia - ganhos e perdas em vários aspectos de seu cotidiano.

Frases como "a gente pode estar onde for que as moças acham a gente e dão o remédio, esteja no quarto, no cinema, ou lá embaixo. Tudo funciona bem" (A. O. F.); e, "o que mais sinto falta é de não

ser mais dono de nada. Se quero alguma coisa, não levanto e vou resolver. Não, eu peço para alguém. Isso é muito ruim. Sinto falta de ser dono das minhas coisas" (W. L.); expressam com clareza a ambigüidade de sentimentos, sobre um mesmo aspecto da realidade. A busca por conforto e a perda de poder decisório.

Como esclarece Baltes (2006), é preciso enfatizar que, como a maioria dos fenômenos humanos, o envelhecimento constitui-se de mudanças evolutivas, e não fixadas em idade cronológica. Que é apenas marcador temporal do envelhecimento. Essas mudanças, consideradas expressões do envelhecimento, são produtos dinâmicos e sujeitos a variação. Um mesmo evento pode ser percebido por alguém de forma positiva, enquanto outro o vê como perda.

No estudo de caso pesquisado, capta-se a sensação geral de satisfação por parte dos idosos moradores do local. Consideram-se "bem", e em muitas falas, "melhor que antes".

Cena final

Convém não dissociar a velhice da vida em si – a velhice é, em suma, a cena final desta peça que é a existência.
Cícero

O novo milênio, que está se firmando nesta primeira década, chegou em um contexto histórico de profundas modificações sociais, políticas e econômicas que teve sua aceleração em meados do século XX. Hoje vive-se um ciclo histórico sem precedentes em outras eras do processo de desenvolvimento da humanidade. Ser humano vive mais tempo. há inovações em todas as áreas do conhecimento humano – ciências humanas, tecnológica, biomédica. Tudo isso determina novos comportamentos e idéias, que exigem novas soluções e criatividade por parte dos atores desta cena agitada e efervescente.

Nesse contexto de mudanças é que ocorre o aumento significativo da população idosa. Percebe-se progressivo envelhecimento da população, primeiramente nos países mais ricos em recursos sociais e de saúde, e de modo tardio e ainda mais rapidamente, entre países ditos emergentes, como o Brasil.

A imagem que se tem do idoso, principalmente nos países em processo de desenvolvimento, vem carregada de preconceitos e baixa aceitação. Vinculada a um declínio generalizado, físico e intelectual, é associada à improdutividade e desvalorização. O idoso, no Brasil, sofre do estigma da degenerescência, pareado com a perda e a doença. No entanto, ao mesmo tempo em que perdura o preconceito, é inegável a presença de fortes tendências modernizantes demonstradas por estudiosos preocupados com o assunto. Com o aumento da população idosa e sua presença crescente na mídia e no cotidiano da sociedade, sua visibilidade aumentou. A sociedade começa a considerar o idoso, respeitando sua dignidade. Está se abrindo espaço para discutir e melhorar a condição de vida do indivíduo que envelhece. Afinal, não se pode continuar negando espaço ao contingente populacional que mais cresce no mundo.

Este trabalho oferece uma revisão da perspectiva obsoleta do envelhecimento, e procura desenvolver uma proposta de atendimento integral a essa crescente população. Diante da realidade, positiva ou negativa, não resta alternativa a não ser aceitá-la e atendê-la. Todo esforço de mudança começa com estudo e compreensão do processo em sua real dimensão.

Sugere-se revisão na prestação de serviços e oferta de produtos, que atenda aos desejos desse grupo de cidadãos que envelhece. Há necessidade de mais casas especializadas, que tenham um entendimento sistêmico e amplo e ofereçam serviços de melhor qualidade e hospitalidade adequada ao perfil desse grupo.

Que a pesquisa sirva de alerta aos empreendedores. Há um público, hoje, que anseia por um atendimento de boa qualidade, voltado para a atenção integral de suas necessidades físicas, mentais e sociais. E o princípio de que se deve ficar em casa sob quaisquer circunstâncias está sendo firmemente discutido, e revisto. A partir da pesquisa aqui realizada, pode-se perceber que é possível ser feliz em uma instituição voltada para esta faixa etária, com os desejos acolhidos e sensação de bem-estar.

Neste estudo o termo instituição representa o local de transferência da vida doméstica anterior para uma instituição de longa permanência para idosos com enfoque novo, onde a pessoa possa ampliar seu espaço e vida, sem interdição ou coação de sua vontade autônoma, mesmo em situação de dependência. A instituição como espaço onde há a preocupação com o bem-estar e a felicidade da pessoa que a procura de livre vontade. Já que a família na sociedade atual, em muitos casos, não pode mais desempenhar o papel de hospedeira e anfitriã do idoso, este precisa buscar, e encontrar, atenção e cuidados para uma existência satisfatória. De modo que a pessoa possa continuar, na medida do possível, sentindo-se sujeito de sua própria vida.

A pesquisa também interroga o conceito de dependência, compreendido a partir das falas dos sujeitos como uma construção social, que tem sustentado políticas e práticas sociais voltadas às pessoas idosas, mas que também tem reforçado a imagem negativa dessa etapa da existência humana, comumente associada a perdas. Na gênese do conceito de dependência entra a noção de incapacidade, desenvolvida a partir dos conceitos das ciências médicas, de risco e perda da autonomia, ambos associados ao envelhecimento e com efeitos estigmatizantes. (QUARESMA, 2003).

Apesar do recorrente conceito instituído socialmente de incapacidade, dependência e improdutividade associado ao envelhecimento, observa-se que o idoso, graças ao avanço da medicina e das condições socioculturais, possui boas possibilidades de, contrariando o conceito arraigado, viver esta fase da vida com qualidade. Percebe-se, no contexto geral da sociedade, a busca pela valorização da pessoa idosa, o indivíduo "de idade", qualquer que seja essa idade. Este trabalho interroga conceitos e

preconceitos para refletir e repercutir a idéia de que o idoso, hoje, tem mais autonomia e condições mais sadias de integração social do que em qualquer outra época da história.

> Outros dados positivos sobre manifestações de velhice vêm de trabalhos que comparam coortes com base no seu desempenho geral. Várias pesquisas recentes sobre plasticidade cognitiva mostram que os idosos que hoje têm 70 anos são comparáveis aos que tinham sessenta e cinco há trinta anos. Isso sugere que nos últimos trinta anos os idosos ganharam aproximadamente cinco "anos bons de vida". Há também dados preliminares feitos a partir de levantamentos nacionais realizados nos EUA, indicando que os americanos de modo geral, que hoje têm sessenta e cinco anos ou mais, apresentam menos incapacidades físicas e cognitivas (competência para o funcionamento na vida diária) que coortes anteriores da mesma faixa etária. (BALTES, 2006 p. 14).

Certamente percebe-se que em virtude do desgaste físico gradativo ao longo de, por exemplo, oitenta anos, torna-se necessária atenção especial às fragilidades. A pessoa nessa idade já se enquadra no conceito de "idoso velho" definido por Baltes (2006). Para essa fase é ainda mais importante a valorização da auto-estima, assim como a preocupação com dieta balanceada, assistência de nutricionista, atividades físicas adequadas. Há a recuperação de relação social com incentivos à convivência em grupos, troca de opiniões - que devem ser atentamente ouvidas - de modo que a pessoa se abra a novas possibilidades, novos aprendizados e novas formas de se ver, de se representar e existir no palco da vida. E a vida só fecha a cortina no final do último ato.

Os atos que constituem o espetáculo da vida só existem em um jogo de interdependências "com as quais e através das quais a pessoa faz sua própria história" (QUARESMA, 2003, p. 39). Portanto, os motivos que levam as pessoas idosas a deixar sua casa e buscar um hotel-residência são decorrentes da vivência dessas experiências que se apresentam sempre, durante toda a vida, como uma relação de dependência mútua com os indivíduos que as cercam. A dependência é, então, inerente à existência humana, numa dialética permanente face à autonomia, como afirmação de si.

> A dependência constitui, assim, fundamento do sujeito, e da coesão social, pelo que, neste sentido, ela é essencial e estruturante da história de vida, condicionando os capitais econômico, cultural, simbólico com que contamos na velhice. (QUARESMA, 2003).

Portanto, a necessidade de cuidados e de apoios contidos nos motivos dados pelos idosos para a decisão de mudança de moradia, em muitos casos, expressa situações de dependência e revela déficits, rupturas e transformações no processo de adaptação da própria existência dos sujeitos da pesquisa.

O idoso de bem com a vida é aquele que, mesmo com perdas e fragilidades, se sente considerado, sujeito de si. Sua experiência e cultura, acumuladas ao longo da vida, são aproveitadas e transmitidas em trocas relacionais, um jogo de interdependências criativo, rico de conhecimentos e opiniões. O idoso, ao se desprender da carga de compromissos profissionais, passa a dispor de tempo livre, que deveria ser aproveitado para realizar aquilo que antes não tinha tempo de fazer.

Com a visão de aproveitar a vida "como ela vem", o idoso deve ser estimulado a aceitar a velhice como uma fase de sua existência, como qualquer outra. Livre das pressões de criação de filhos e da luta pela sobrevivência e sucesso, pode realizar antigos sonhos e desejos adiados. Se ao idoso não for mais possível fazer algumas coisas de que gostava e se acostumou, que passe a fazer outras, sem se fixar num passado idealizado que no confronto com o presente recebe contornos de excelência, "aquele tempo é que era bom". A tendência ao recuo para um passado de mais dignidade e respeito, no confronto com a realidade atual, traz sofrimento e desistência.

Considerações finais:

Esta pesquisa, realizada como estudo de caso no hotel-residência para idosos Solar Ville Garaude, dá palavra a um público que exprime da forma possível, sua experiência vivida no seu contexto particular. Sua vivência em um ambiente preparado para oferecer hospitalidade e serviços de apoio. À partir dos resultados da pesquisa, considera-se que a filosofia de atendimento desenvolvida pelos diretores da instituição se mostra adequada às expectativas e necessidades dos hóspedes. Observando os resultados sob a ótica da revisão teórica, pode-se afirmar que está dentro da perspectiva da teia de interdependências sociais, econômicas e relacionais, nas quais as fragilidades se expressam e podem ser acolhidas. Com o intuito de ir adiante dos resultados, a intenção deste estudo também é servir de formatação e modelo para novos empreendimentos e serviços similares.

Confirma-se o pressuposto da existência de tendência de mudança cultural para aceitar a transferência de moradia, da doméstica para a de serviços, sem sentimento de perda, por parte da família

e do idoso. A pesquisa de campo demonstra também a existência de um grupo de pessoas que se dispõe a deixar sua casa e morar em um hotel-residência, sem prejuízos funcionais que tornem a decisão forçosa, mas por vontade própria, autônoma e livre. E outras que tomam a decisão a partir de dificuldades de autonomia cotidianas que se apresentam e evoluem no continuum da existência.

A inspiração em experimentos estrangeiros de sucesso, que nortearam a implementação do Solar Ville Garaude, sanciona a participação da sociedade brasileira na tendência global de surgimento de empreendimentos com missão social, adequados ao atendimento integral ao idoso, entendendo-o na perspectiva do ser que envelhece e não unicamente nos parâmetros de patologias.

A transformação social iniciada no século XX e acelerada neste milênio gerou a impossibilidade da família em acolher adequadamente o idoso, como acontecia na estrutura familiar tradicional, seja em razão do encolhimento e novos arranjos dos núcleos familiares, ou do novo papel profissional e social da mulher. Deve ser primordial levar em conta a autonomia da vontade do sujeito que envelhece na tomada de decisão, pois ele é o verdadeiro autor e ator desse espetáculo - a sua própria vida.

Notas do autor:

Não pretende-se abranger o espectro do amplo e complexo tecido social do país, mas contribuir para a construção do conhecimento gerontológico. O Solar Ville Garaude é instituição que se mantém do pagamento de mensalidades de seus ocupantes, e não pode abrir mão, para manter a alta qualidade dos serviços e apoios oferecidos. Neste estudo foi levada em conta a filosofia da empresa, de preços adequados, retorno da maior parte dos ganhos do investimento no empreendimento, sem a pretensão de grandes lucros. O fundamento foi conferido nas entrevistas com os sujeitos da pesquisa – a oferta de serviço satisfatório a preço justo.

Pode-se afirmar que os resultados obtidos contemplam as propostas iniciais, pois possibilitaram a identificação e caracterização das necessidades e expectativas dos potenciais usuários deste tipo de estrutura de atendimento. Resultou da pesquisa, também, a confirmação de que os moradores foram atendidos como esperavam e demonstram satisfação com a decisão de mudança, especialmente pela possibilidade da construção de laços relacionais significantes que possam dar novo sentido à vida de cada residente.

Pretende-se que este estudo sirva de base para futuras ampliações na investigação de serviços e apoios - hospitais, centros de convivência e outros - preocupados com atendimento mais adequado a este grupo etário focando sempre no jogo de interdependências e relações.

Este ensaio terá significado maior se servir de base para o desenvolvimento e implementação de serviços e apoios prestados às pessoas idosas não restritos aos bens e serviços materiais e médicos, mas voltados ao bem-estar e felicidade. E que sejam ampliados, de igual maneira, ao conforto da família e aos apoios relacionais que fundamentam a existência do ser humano.

BIBLIOGRAFIA:

BALTES, P. B.; JAQUI S. "Os Dilemas da Quarta Idade" *in Revista da Terceira Idade* Vol. 17, N° 36, S. Paulo: SESC, 2006.

BEAUVOIR, S. *A Velhice* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BORN, T. *Quem Vai Cuidar de Mim Quando Eu Ficar Velha*? Revista Kairós - n°4, ano 2, S. Paulo: Educ, 2002.

BORN, T. "A Qualidade Dos Cuidados ao Idoso Institucionalizado" *in Tratado de Geriatria e Gerontologia*, Freitas, Py, Néri, Cançado, Rocha, p. 81, Rio de Janeiro: Guanabara, 2002.

CAMARGO, L. O. L. *Os Domínios da Hospitalidade* S. Paulo: Thomson, 2003.

CAMARGO, L.O.L. *Lazer, Teoria e Prática – A População Idosa Como Mercado* S. Paulo: Manole, 2005.

CÍCERO. *Saber Envelhecer* S. Paulo: L&PM Editores, 1997.

CORTES, C. *Longevidade* S. Paulo: Revista Época, nº 408, p. 52, Globo, 2006.

CÔRTE, B.; MERCADANTE, E. F.; ARCURI, I. G. (Org) *Velhice, Envelhecimento, complex(idade*) S. Paulo: Vetor, 2005.

CÔRTE, B.; MERCADANTE, E. F.; ARCURI, I. G. (Org) *Envelhecimento e Velhice: Um Guia Para a Vida* S. Paulo: Vetor, 2006.

CORTELLETTTI, A. I.; CASARA, M. B.; HERÉDIRA, V.B. (Org*) O idoso asilado – um estudo gerontológico* Rio Grande do Sul: Educs/Edupucrs, 2004.

DAGNINO, E. (Org). *Anos 90: Política e Sociedade no Brasil* S. Paulo: Brasiliense, 1994.

DEES, J. G. *O que é Empreendedorismo Social* Text from class in: Graduate School of Bussines, Sanford University, USA, 2005.

ECO, U. *Como Se faz Uma Tese.* S. Paulo: Perspectiva, 1997.

FERRARI, M. A. *Instituições que abrigam Idosos.* S. Paulo: Vetor, 1991.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir.* Petrópolis: Vozes, 1998.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder.* S. Paulo: Graal, 2003.

FREUD, S. *Obras completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro: Delta 1959.

GEERTZ, C. *A interpretação das cultura*s. Rio de Janeiro: LTC,1989.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social.* S. Paulo: Atlas, 1987.

GOFFMAN, E . *Manicômios, prisões e conventos*. S. Paulo: Perspectiva, 1974.

GOFFMAN, E. *The Presentation of Self in Everyday Life* London: Allen Lane, 1969.

HAYFLICK, L. *Como e Por Que Envelhecemos.* S. Paulo: Campus, 1996.

HELMAN, C. G. *Culture, Health & Illnes.* London: Reed E. P. Publishing Ltd, 2000.

IZQUIERDO, I. O *apaixonante Estudo da Memória*. S. Paulo: Revista do Incor, 1999.

JAPIASSU, H. "Alguns Instrumentos Conceituais" *In: Introdução ao pensamento epistemológico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. A. *Metodologia científica* S. Paulo: Atlas, 1983.

LEITE, J. C. T. "O sujeito na Velhice: Corpo, Imagem e Desejo" Artigo *in Portal Do Envelhecimento*, S. Paulo: PUCSP, 2006.

LESSING, D. *O Diário de Uma Boa Vizinha*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

LUNA, S. V. *Planejamento de Pesquisa: Uma Introdução*. S. Paulo: Educ, 2002.

MARTINS, J. "Não Somos Kronos, Somos Kairós" *in Revista Kairós*, ano1, n° 1, S. Paulo: Educ, 1998.

MINAYO, M. C. (Org). *O Desafio do Conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde*. S. Paulo Hucitec, 2000.

MORIN, E. *Epistemologia da Complexidade*. Porto Alegre: Sulina, 1999.

PIAGET, J. *Biology and Knowledge*. University of Chicago, 1971.

QUARESMA M. L. et all (org). *O Sentido das idades da vida – interrogar a Solidão e a Dependência.* Lisboa: Cesdet, 2003.

*S*ALGADO, M. *Velhice, Uma Nova Questão Social*. S. Paulo, SESC, 1991.

SAMUELS, A. e col. *Dicionário Crítico de Análise Junguiana* Rio de Janeiro: Imago, 1998.

SANT'ANA, D. B. *Corpos de Passagem*. S. Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SCHNITMAN, D. F. *Novos Paradigmas, Culturas e Subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SETTERSEN, R. A . *A teoria do curso da vida*. Nova Iorque: Baywood, 2003.

VERAS, R. *Terceira Idade – alternativas para uma sociedade em transição*. Rio de Janeiro: UNAti, 1999.

Perguntas utilizadas para entrevista:

1ª - O que o motivou a deixar sua casa e morar numa instituição para idosos?

2ª - O que mais gosta, e o que menos gosta na instituição em que está hospedado?

Termo de consentimento Livre e esclarecido

Resolução 196 de Outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre normas para realização de pesquisas com Seres Humanos.

Eu, _____-autorizo minha participação na Pesquisa **INSTITUIÇÕES PARA IDOSOS: UMA NOVA CULTURA,** realizado por Paulo Greven, aluno do Curso de Mestrado em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

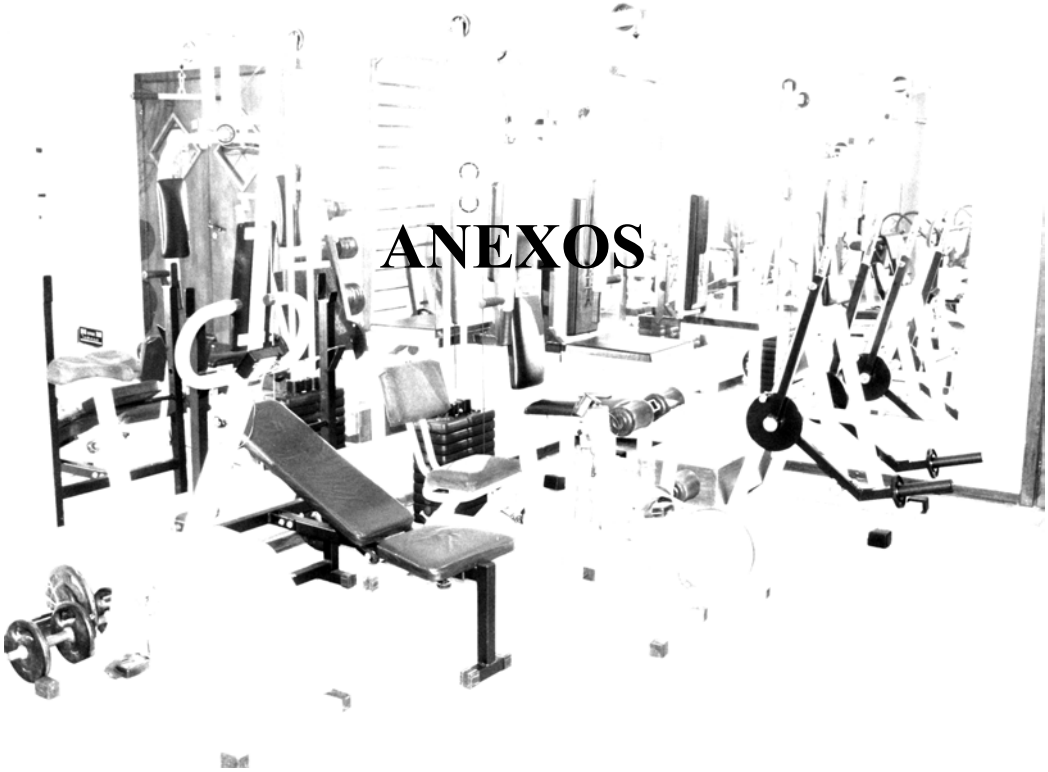
Declaro ter sido orientado(a) sobre os procedimentos da pesquisa, bem como das suas finalidades. Estou ciente de que a pesquisa poderá ser publicada para fins científicos e que o autor garante o sigilo das pessoas envolvidas para que estas não sejam identificadas.

Estou ciente também, que posso abandonar a pesquisa a qualquer momento e que isso não me acarretará nenhuma forma de punição ou me trará qualquer tipo de ônus.

Tenho o direito de receber as contribuições da pesquisa após sua conclusão.

_____

São Paulo, _____ de _____ de 2005.



ANEXOS

Sujeito 1

Don'Ana

Italiana de nascimento e criação. É viúva, seu marido foi piloto e lutou na segunda guerra. Se acidentou alguns anos depois da guerra. Quando fazia um vôo de instrução, seu aprendiz cometeu um erro, seu avião caiu e ele faleceu. Ela tinha trinta e poucos anos na época,mas não se casou novamente. Teve dois filhos, sendo que a filha mais nova faleceu vítima de câncer em 1994, na Itália. Seu filho, Guido, veio para o Brasil a trabalho e se encantou com o país. Casou-se com uma baiana e teve um casal de filhos. Don'Ana sempre teve uma vida muito ativa, era Marchand de artes na Itália e trabalhava para um museu em Milão. Quando se aposentou, veio para o Brasil para ver o filho e netos e não voltou mais, isso já há quinze anos. Fala com forte sotaque. Está atualmente com 83 anos, e continua muito ativa. É muito participativa, e tem o "cargo" de receber as pessoas que vêm visitar o hotel, e mostrá-lo, com explicações detalhadas. O hotel tem por filosofia manter as pessoas ativas, e Don'Ana se sente bem e alegre ao assumir compromissos. Tem personalidade forte, é exigente, mas se dá bem com todos.

O que a levou a sair de sua casa e vir morar numa ILPI?

Me sentia muito só porque meu filho trabalha muito, viaja muito e eu ficava sozinha. Descobri este lugar, falei com meu filho, ele me compreendeu, vim visitar, gostei e estou morando aqui.

Onde a srª morava antes?

Na Serra da Cantareira, num sítio maravilhoso. No sítio eu ficava longe das outras pessoas. E aquele monte de escadas, e os cachorros, Deus meu. Muito sozinha, acostumada em Itália, ande conhecia muita gente e trabalhava, não é. Era marchand'arte, e trabalhava no museu, em Milão. Aqui no Brasil ficou tudo longe, para ver as pessoas, tinha que chamar um táxi, tudo, lá na Cantareira é longe, não é. E o Guido está sempre fora, em outros países, se esforça muito. Eu me preocupo com ele, trabalha muito, viaja sempre, está muito cansado, preocupado. Mas vem sempre, não é. Ou telefona. Senão eu vou lá para visitar. Só visitar, porque morar lá, não.

O que a srª acha que tem de melhor e de pior aqui na instituição.

Pior não tem nada, melhor que aqui não tem em nenhum lugar. Falo com o coração na mão com sinceridade porque não sou falsa. Com sinceridade, melhor que aqui não tem.
Só de não estar mais sozinha, desde que cheguei encontrei essa gente, e agora que estou com muita amizade aqui, muita atividade e muita coisa maravilhosa – música ao vivo duas vezes por semana, temos o bingo. Pense só, eu nunca joguei bingo na minha vida inteira, e agora (ri) não perco por nada, às vezes deixo de sair porque tem o bingo. Muita coisa aqui que eu nem sabia que existia. Está tudo bom, de verdade.

Sujeito 2

Hamlet – 65 anos.

Nasceu no município de São Paulo, mas morou muitos anos no interior do estado, sendo que se criou em Americana, diz que o interior de São Paulo é muito bonito. Considera que é mais humano morar em cidades menores. Diz que com quatro anos ia a pé para o jardim de infância, e que isso faz muita diferença porque isso seria impensável em São Paulo. Casou com vinte cinco anos, é casado, já há quarenta anos. Ela vem visitá-lo toda semana. Não moram juntos, por uma certa incompatibilidade de gênios, e porque ele se aposentou da Light, onde era diretor de recursos humanos. Sua aposentadoria se deu após um AVC que causou uma hemiplegia à esquerda, que apesar de não o impedir de andar, traz algumas necessidades de ajuda nas atividades de vida diária. Ele passou a ficar em casa, mas diz que em casa não tinha o apoio que precisava, e quis vir para uma instituição. Ela não quis deixar sua casa. Continuam casados, mas moram separado. Tem dois filhos que atualmente têm trinta e nove e trinta e sete anos, e que moram em São Paulo. É católico, mas gosta das igrejas evangélicas, e freqüentava cultos. É muito culto e inteligente, adora "bater papo" e contar sobre seus estudos e sua filosofia, se diz aberto, na vida e no trabalho, diz que fez todos os cursos possíveis, para aprender sempre. Se diz muito feliz, que sempre foi feliz.

O que o levou a sair da sua casa e vir morar no Solar?

O que me levou a vir aqui foi o seguinte, foi minha esposa que tomou a decisão depois de consultar médicos. Eu fiquei com muita tontura, imagino que foi porque comi funghi seco, foi fervido, e pode ser venenoso se não cozinha bem no calor. E eu fiquei com muita tontura, em casa não tinha recursos para cuidar de mim, minha esposa trabalha na clínica dela e não tem tempo. Assim, conversando com médicos e tudo, resolveu me trazer para cá. Ele tinha uma paciente que estava fazendo mestrado e fez estágio aqui. Recomendou para minha mulher e ela passou para mim, eu não gosto de mudanças, mas se é para o bem geral da nação, vamos lá. Toda moeda tem dois lados, eu gostaria de estar com a minha família, na minha casa. Na minha casa o senhor não vê a família, eles não estão, e tem tantos livros... eu devorava leitura, tantos livros. Na minha casa tinha as minhas coisas, que eu chamo de coisificados porque não eram livros eram pessoas. E disso sinto falta. Mas se disser que estou voltando pra casa e vou me sentir bem, não acredito, porque já me acostumei aqui.E aqui têm as atividades e tem a biblioteca, também.

E o Sr. usa a biblioteca, pega livros?

Não, porque não consigo ler nem com óculos. Mudei de vários oftalmologistas, e todos disseram que não tem solução.

O que o senhor acha que tem de melhor e de pior aqui?

O melhor é o ambiente, e o ambiente é formado da arquitetura, das pessoas com quem a gente faz amizade; não conhece, mas vai ficando junto até que acaba tendo denominador comum, isso para mim é muito gostoso. Até com os funcionários eu me dou bem e fiz amigos, o que tem de muito bom são os funcionários, muito gentis, não tenho reclamação deles.

Sujeito 3

Jasão

Eu estou com 80 anos, e estou separado da minha esposa. Já há vários anos eu morava sozinho. Eu tenho filhos, filhas e nunca quis morar com filhos. Eu sempre morei sozinho em São Paulo. Com o avançar da idade eu achei melhor não morar mais sozinho. Morar num lugar onde tivesse mais gente mais companhia, entendeu? Eu me separei em 1980, e morei num apartamento perto do Ibirapuera, por oito anos. Aí resolvi voltar a morar com minha mulher, mas nós só brigávamos, era um inferno. Quando me aposentei do Mappin, fui morar num sítio em Itatiba, até que um dia caí e quebrei o fêmur, tive que ficar de cama ou com cadeira de rodas por quatro meses. Não podia mais morar sozinho e não queria morar com parente, não tinha mais condição de morar só, aquele esquema de cuidar de uma casa, é empregado, super mercado, conta de luz, de telefone. Não estou mais com idade de estar me preocupando com isso. Foi daí que eu resolvi vir para cá. Já estou aqui há um ano e meio. E estou bem. Eu sofro de depressão já de muito tempo, mas agora estou bem.

Paulo - O que o sr. acha que tem de melhor e de pior aqui, num sentido amplo, não só de serviço mas também num sentido mais amplo, humano, de bem estar.

O que me agrada muito aqui, o que acho muito bom é o tratamento que recebo aqui. Os funcionários toda equipe, a direção, todo mundo que trabalha aqui tem muita atenção comigo, isso me agrada muito. Isso é o principal. O pior, bom, acho que nada, não sei. Pra mim ta tudo bom aqui.

Eu tenho contato diário com minha família, por telefone, visitas, temos contato todo fim de semana, não chego a sentir falta. Eu, quando posso dou uma passada na casa deles e tenho contato permanente. Mesmo minha mulher, você vê que ela vem me ver de vez em quando, a gente conversa, se dá bem. Ela é muito belicosa, não dá pra ficar muito tempo junto mas nos damos bem. É melhor assim.

Sujeito 4

Romeu

Nasceu em 1917, em São Paulo. Filho de imigrantes portugueses eram oito irmãos, todos nascidos no Brasil. Diz ter-se criado à beira do rio Tietê, na capital. Casou com sua vizinha, filha de alemães, com quem viveu por cinqüenta anos, até seu falecimento. Tiveram seis filhos, três homens e três mulheres, dois já falecidos, dois que moram fora do país, e dois que o visitam sempre. Tem atualmente quatro netos, todos morando em São Paulo. Se diz católico praticante, indo à missa toda semana. Começou a vida adulta vendendo meias e gravatas na rua. Passou a trabalhar num estacionamento, no centro da cidade e acabou, com muito esforço, comprando o estacionamento, depois comprou mais um, na região da 25 de Março, e com o rendimento criou os filhos. Hoje, quem toca os negócio é o filho.

Entrevista:

Primeiro, eu vim para cá porque fiquei viúvo, e me senti sozinho. E como eu não tinha ninguém, fui me

informar onde poderia ficar bem. Então minha filha me informou desta casa, e eu vim para cá. Estou contente, já faz seis anos, e estou satisfeito. Minha filha que me mostrou, e gostei.

Paulo – Mas o senhor veio porque foi uma vontade da sua filha, ou sua?

Não, não, fui eu que quis. Foi vontade minha. E está bom. Minha filha, quer dizer, uma das minhas filhas, vem me visitar de vez em quando, a outra vem menos. Meu filho vem pouco, muito pouco, estou falando do gordo, o sr. conhece.

Paulo – Como o sr. se sente aqui, está bem? Será que o sr. estaria melhor na sua casa?

Não, estou satisfeito, aqui, estou sozinho. O duro é a solidão. Se eu tenho solidão aqui, é porque tenho em qualquer lugar. Solidão. E aqui também sinto solidão, mas o senhor sempre nos leva a algum lugar, tem as coisas para fazer, é animado. Mas o senhor sabe, eu não participo de nada, não gosto de muita coisa.

Paulo – E aqui, na instituição, o que o senhor acha que tem de melhor e o que tem de pior.

Ah, bom o que tem de melhor...tem qualquer coisa, não sei se tem coisa melhor do que isso. Porque vai ter coisa melhor do que nós temos, acho que é impossível. Agora, de pior, não tem nada. Que possa melhorar ou que eu tenha queixa, não, não tem.

Sujeito 5

Dulcinéa

Nasceu em São Paulo, capital, em 1918, no dia 7 de janeiro. E passou sua infância no interior do estado. Foi criada pelos avós, numa fazenda, em Nova Europa, perto de Ibitinga. Lá fez os primeiros anos da escola e só veio de volta para São Paulo com dez anos, para estudar em escolas mais "puxadas". Casou aos dezenove anos, um casamento infeliz, sem filhos que terminou em três anos. Conheceu, então, Naupliu, com quem veio a casar aos 28 anos, tiveram três filhos e viveram juntos por mais de cinqüenta anos. Depois que ficou viúva, viveu ainda alguns meses só, e depois resolveu morar num hotel para idosos. Está, atualmente com 88 anos.

Entrevista:

Eu estava no prédio da (rua) Mamoré. Muito bom, grande. Mas sozinha, meu marido faleceu. Fiquei dois meses com empregada; pagava mil reais de condomínio, por mês! Mais todo o resto das contas, né? "O que é que eu estou fazendo aqui, sozinha!" Aí resolvi procurar uma solução, boa né. E descobri aqui, porque morar com filho e neto não dá certo. Gosto de ter meu cantinho, o senhor já viu como eu gosto de ficar quieta, sossego. Só vou onde quero, se não, não gosto que me incomodem.

As filhas tinham suas obrigações. Tive três meninas e um menino. Tem o neto mais velho, que chamo de filho também – o Fernando, filho da Lígia (filha mais velha). A Silvia mora no Guarujá, difícil sair de lá. Já o Junior, Naupliu, que é o nome do pai, mora em Londres, está muito bem, sempre que vem, vem ver a velhinha (risos). Já mora lá há vinte anos!

Paulo – Do que a senhora mais gosta e do que menos gosta na instituição.

Gosto de tudo. Não penso em ir para outro lugar. Só saio se me mandarem embora. Vai me mandar embora porque sou chata? Às vezes sou mesmo, né. Quando vejo alguma coisa errada, reclamo. Reclamo, mesmo!

Sempre fui assim, meu marido era advogado, e prestou concurso para procurador do Estado. Aí eu fiquei viúva, ele faleceu dia nove de dezembro. Em 1999. Em abril vim para cá, e estou aqui.

Ah, e do que não gosto, é de fofoca. Aqui tem, viu? Tenho horror, e às vezes ouço. Por isso não converso com muita gente, muita fofoca. E às vezes é para o mal, não me sinto bem, não gosto. Evito até de sentar na mesa dessas fofoqueiras. Aprendi muito com o senhor Pedro, aqui, fico vendo como ele trata as pessoas. Pensa que não? Eu vejo como ele trata a esposa, a mulher dele, sempre tranqüilo, firme; tenho admiração pelo seu Pedro. Queria dar um presente para ele, gosto de dar presentes, mas não gosto que lembrem do meu aniversário, não gosto de ganhar presentes. Eu gosto de sossego e tenho poucas amigas mesmo, sou assim.

Sujeito 6

Dom Giovanni

Nasceu em São Paulo, capital, em 4 de outubro de 1928. Criou-se na cidade de São Paulo e viveu alguns anos em Ribeirão Preto, na casa da avó, quando adolescente. Sua família é de Mogi das Cruzes, onde fez o ginásio.

Uma curiosidade que quer registrar, é que sua avó só falava italiano. Como morou com ela, aprendeu a falar a língua. E lá, em Mogi conheceu sua esposa, com quem teve dois filhos homens. É viúvo, sua esposa faleceu dois meses antes de completarem 50 anos de casados.

Seu primeiro emprego foi de telegrafista, e depois passou a lecionar. Foi professor de química e matemática, no Colégio Dante Alighieri, no Mackenzie. Depois entrou para a rede estadual de ensino, como professor de ciências, onde lecionou por 18 anos. Depois de casado, fez um curso de Administração de Empresas, na FGV, e foi trabalhar na fábrica de Azulejos Incepa, mais tarde trabalhou nas Fundições Tupy. Diz que sempre foi muito esforçado, acumulando empregos; e como professor, muito exigente.

Entrevista:

Eu morava de aluguel, e tinha certa dificuldade de fazer as coisas, que sempre fiz. Sempre fui muito independente e resolvi tudo o que precisei na vida. Mas ultimamente estava com este problema nas pernas (usa uma prótese de colo de fêmur). Parei de trabalhar, era professor, já lhe contei. Aí, eu comecei a ficar muito fechado em casa, afastado de todos. Meus filhos são ótimos, temos uma relação boa, e eles chegaram a pôr até quatro acompanhantes, era muito, e era caro! Aí, eu disse não, não estou bem assim, e comecei a procurar um lugar melhor, um jeito melhor de passar a velhice. Foi uma pena eu ter parado de trabalhar, mas... é assim. Eu gostaria de voltar a fazer as minhas coisas, de tomar decisão.

O que eu mais sinto falta é de não ser mais dono de nada. Se quero alguma coisa, não levanto e vou procurar, resolver, não, eu peço para alguém. Isso é muito ruim. Sinto falta de ser dono das minhas coisas.

Paulo – O sr. gostaria de voltar para casa?

Claro, tudo era muito bom, eu fazia o que queria.

Paulo – Mas não digo voltar como era antes, mas sim, na condição que o senhor está hoje. Hoje, o senhor gostaria de ir para casa?

Muito bem colocado. Isso muda tudo, eu não posso mais ficar em casa, nem quero. Lá eu estava muito pior, pior mesmo, muito deprimido, desanimado, estou melhor.

Paulo – E o que o senhor vê de pior e de melhor aqui.

O pior aqui eu já lhe disse, é a sensação de que nada é meu. Até pra sair tenho que dizer aonde vou. Ta certo é a administração, eu não posso sumir de repente, mas não gosto que as pessoa façam tudo. Eu tinha toda a liberdade, entende?

Paulo – E o senhor sente que perdeu essa liberdade aqui na instituição?

Perdi. Claro que ninguém me proíbe de nada. Meus filhos vêm na hora que querem meus amigos vêm de vez em quando. Aqui é meio longe, as pessoas acabam dando um telefonema, e não vêm. Não é a mesma coisa que morar nos Jardins. Mas eu sei que também não consigo fazer tudo o que fazia. De resto é tudo muito bom. Eu estou sendo bem sincero, mas estou gostando muito de tudo (aqui) e entendo que não dá para ter tudo.

Sujeito 7

Julieta

É de Piracicaba, onde ainda moram alguns parentes. Veio para São Paulo aos dezeseis anos. Casou-se aos dezenove, e viveu com o marido por trinta anos até que este veio a falecer, por complicações de um enfisema pulmonar, pois fumava muito, aos cinqüenta e dois anos. Teve apenas um filho. Depois do falecimento do marido, passou quatorze anos "morando com nora". Ela e a nora se dão muito bem, mas diz que só se ambas fossem santas para dar certo morarem tanto tempo juntas e dar certo. Depois de quatorze anos de viúva, encontrou um novo amor, segundo ela "por milagre". Viveu com o segundo marido por dezoito anos até que ele faleceu, vítima de um derrame cerebral. Ela estava viúva novamente. Está agora com três netos e cinco bisnetos. Há três anos decidiu mudar do seu apartamento para o hotel, onde se diz muito bem e feliz.

Entrevista:

Eu morava em São Paulo, num apartamento grande, bom, mas morava longe do meu filho.
O primeiro motivo porque eu quis vir para cá, foi ficar perto do meu filho, da família. Eu vim visitar aqui e gostei, tem umas coisas muito boas, tem conforto, tem mais segurança, porque eu viajo muito, gosto de viajar, e ficar fora por tempos. Aqui não tem problema, vou tranqüila porque não preciso nem fechar o quarto, tem um que vem limpar, tem outro que traz um lanche, quando eu quero, tem as aulinhas, as atividades, a gente passeia, tudo organizado, é bom. Liberdade. Tenho muito mais liberdade de fazer o que quero. E tem, também, que eu não preciso ter empregada, faxineira, hiii, tanto gasto. Aqui é mais tranqüilo. É isso.

Paulo – E o que a senhora acha que tem de melhor e de pior aqui.

Tudo é bom, não saberia dizer o que tem de pior porque o pessoal é ótimo. Olha, se você quer saber, o melhor que eu fiz foi sair de casa e vir morar aqui.

Sujeito 8

La Violetera

Essa simpaticíssima senhora nasceu na Espanha, está atualmente com 83 anos. Gosta muito de conversar, e conta que passou a infância numa pequena comunidade no norte do país, e passou pelas vicissitudes da guerra civil espanhola, dizendo inclusive que sofreu um ferimento e teve de ser hospitalizada. Explica que os soldados passavam por sua pequena cidade e causavam prejuízos, roubavam, entravam nas casas, abusavam do povo. A guerra terminou em 1939 e ela se casou em 1947.

Há 18 anos resolveu vir morar no Brasil. Nessa época já era casada e com quatro filhos, três moças e um rapaz, sendo duas irmãs gêmeas (uma das filhas morreu de câncer há alguns anos). Já tinha alguns parentes que moravam aqui e insistiram para o casal vir. Venderam a casa que tinham lá e vieram.

Aqui, com muitas dificuldades financeiras e de adaptação ao novo estilo de vida, seu marido montou um negócio, sendo que os filhos estudavam e ajudavam a cuidar da casa comercial. Foram melhorando de vida, criou os filhos e passou a gostar do seu novo país que chama de sua nova pátria. Agora só vai à Espanha para visitar a família. Atualmente está com 84 anos, e há alguns anos ficou viúva e, com os filhos já casados. Resolveu mudar de sua casa para o hotel, já mora aqui há três anos.

Entrevista:

Depois de tudo o que passei nesta vida, você acha que eu ia incomodar meus filhos. Deixa eles viverem sua vida. Eu vivo a minha, muito bem, sem mais transtornos. Tive uma vida muito sacrificada. Em três anos e meio, tive quatro filhos, claro, as últimas eram gêmeas, e foi por causa delas que vim para o Brasil. Não tínhamos como cuidar deles, eu não fui ao colégio, não tinha como, e viemos. Não foi fácil nem para mim nem para meus filhos, aqui no Brasil. Trabalhei muito, e teve um tempo em que meu marido teve depressão. Tive de cuidar de tudo, os filhos na escola, sorte que dois conseguiram bolsa. Além de cuidar da loja, passei a dar aulas de tricô e crochê. Foi quando conheci muitas senhoras que me

ajudaram muito. Mas com tudo isso, fui feliz, vivi minha vida bem. Os filhos, bem, e agora quero tranqüilidade, sem incomodar ninguém. E também que não me incomodem! Todos vêm me visitar, e é ótimo, mas quero ficar com minhas amigas daqui. Sabe quando nos cansamos de lutas. Eu sou observadora, e percebo as muitas mudanças de costumes e jeito, das pessoas, e não quero isso para mim. O jeito que meus filhos criam os meus netos. Não, é muito diferente, não quero me meter, que vivam como queiram, e eu vivo do meu jeito e assim fica tudo bem. Os tempos são outros tudo é diferente da minha época de mocidade, lá na Espanha. Eu estou muito bem aqui.

Paulo – E o quê, aqui no Solar, a senhora vê de melhor e de pior.

Nada. Não sou de me queixar. Se tenho algo a dizer, falo logo, não fico pelos cantos reclamando. Sou espanhola, se resolve tudo na hora sem querer saber com quem tem que falar! Sempre fui assim. Mas com tudo, gosto muito da gente daqui. Moças boas, que atendem. E depois, tudo o que passei... a guerra, fome, a morte, assim, perto. Não posso me queixar. Tudo bem.

Sujeito 9

Suzy

Nasceu na cidade de São Paulo, na Barra Funda, e morou por muitos anos na rua Lopes Chaves, a rua em que, segundo ela, morava Mario de Andrade. Seus pais, quando casaram já eram viúvos, cada um já tinha um filho. Tiveram, juntos, mais quatro filhos - eram seis irmãos. Três meninos e três meninas.

Sempre morou em São Paulo, primeiro na rua Angélica, depois na rua Jaguaribe, e por muito tempo numa chácara na Estrada Santa Inês. Com 14 anos fez um teste e passou para um emprego de datilógrafa na "Estrada de Ferro Sorocabana", onde trabalhou no Departamento de Pessoal, por 22 anos. Teve colite ulcerosa que a levou à aposentadoria. Diz que se curou com homeopatia, já aposentada.

Quando tinha 20 anos casou com um homem de 40 anos, advogado, promotor público, com quem conviveu por 32 anos, até sua morte, aos 72 anos. Ela é espírita convicta e descobriu um talento tardio para pintura, a que se dedica diariamente.

Entrevista:

Minha família, foi morrendo todo mundo. Primeiro morreu minha mãe, depois, durante a revolução de 32, meu pai ficou tão aborrecido, achando que a gente ia passar fome, e meu irmão foi lutar, como voluntário, era tanto desespero que se matou com um tiro. Nós estávamos acolhendo gente que fugia das balas, lá em casa, já tinha umas vinte pessoas, quando ele se matou. Depois meu outro irmão pegou tuberculose, porque dormia no mato, molhado, os soldados não tinham comida, ficou fraco e morreu. Devagar foram indo todos, ficou só eu e minha irmã caçula, que mora em São Paulo. Aí, comecei a ficar com medo de morar sozinha. Morava num lugar muito bom, com tudo perto, mercado, tudo. Mas aconteceu de a empregada da minha vizinha, veja só, sufocou a patroa, uma senhora de idade, com um travesseiro. E fez isso só para roubar. Pegaram ela, claro. Mas eu fiquei com medo. E se a moça que trabalhava em casa fizesse alguma coisa comigo. O Alfonso (filho) mora longe, é muito carinhoso comigo, mas não pode ficar o tempo todo cuidando de mim. Fiquei sozinha, tinha tudo perto, mas eu

achava um perigo, ainda mais à noite, e se eu passasse mal, já pensou. Então eu conversei com o Alfonso para vermos um lugar que fosse bom, e foi aí que achamos a casa onde fui morar, em Atibaia, um lugar bonito, grande. Era uma casa para viciados, mas como dava muito trabalho, ele trocou para terceira idade. Fui bem lá, um lugar muito bonito, mas me sentia triste. Quando chegava a tardinha era uma coisa horrível, eu me sentia tão triste, não tinha essas distrações e alegria que tem aqui. Era parado, sabe. Aí o Alfonso resolveu procurar outro lugar para mim, já que eu não queria ficar mais lá. Foi então que descobrimos aqui. Vim para visitar e já quis ficar, gostei de tudo. Tinha até aquela senhora que ia fazer cem anos, que não lembro o nome, e que ficou muito minha amiga. E o doutor Pedro que sempre se preocupa tanto com tudo, e tanta atividade, tem a aula de pintura, que eu gosto tanto. Não tenho ido nas últimas aulas porque não estou bem do estômago. Sempre me tratei com homeopatia, é ótimo, e logo vou estar boa e volto para a aula de pintura.

Paulo - E o que a senhora acha que tem de melhor e de pior aqui na instituição.

Eu acho tudo bom. Não tem nada que eu ache pior, ruim. Os remédios são dados certinho na hora. E a gente pode estar onde for que as moças acham a gente e dão o remédio, esteja no quarto, no cinema, ou lá embaixo. Tudo funciona bem.

Sujeito 10

Genevieve

Está atualmente com 72 anos. É muito ativa, participativa, gosta de passear, tem seu carro na garagem do hotel, e o usa todos os dias. Vem de uma família muito pobre.
Viviam num cortiço, muito arrumadinho e limpo, perto da av. do Estado, na cidade de S. Paulo, onde nasceu. Ela, aos oito anos de idade, lavava louça para os vizinhos para ganhar dinheiro. Seu pai era vidraceiro. Durante a guerra na Europa, com a falta de lentes para óculos de grau, pois as exportações para o Brasil haviam cessado, ele passou a fazer lentes. Com isso, ganhou dinheiro, ampliou a vidraçaria, e ainda diversificou começando a fazer lustres. Depois montou uma fábrica grande, na região do Ipiranga, que funciona até hoje, dirigida por um irmão dela. Eram em cinco, quatro homens , e ela. Casou com 19 anos e teve dois filhos, Pedro e Débora. Divorciou-se depois de 32 anos de casamento; dois anos depois ele faleceu, de enfarte.

Entrevista:

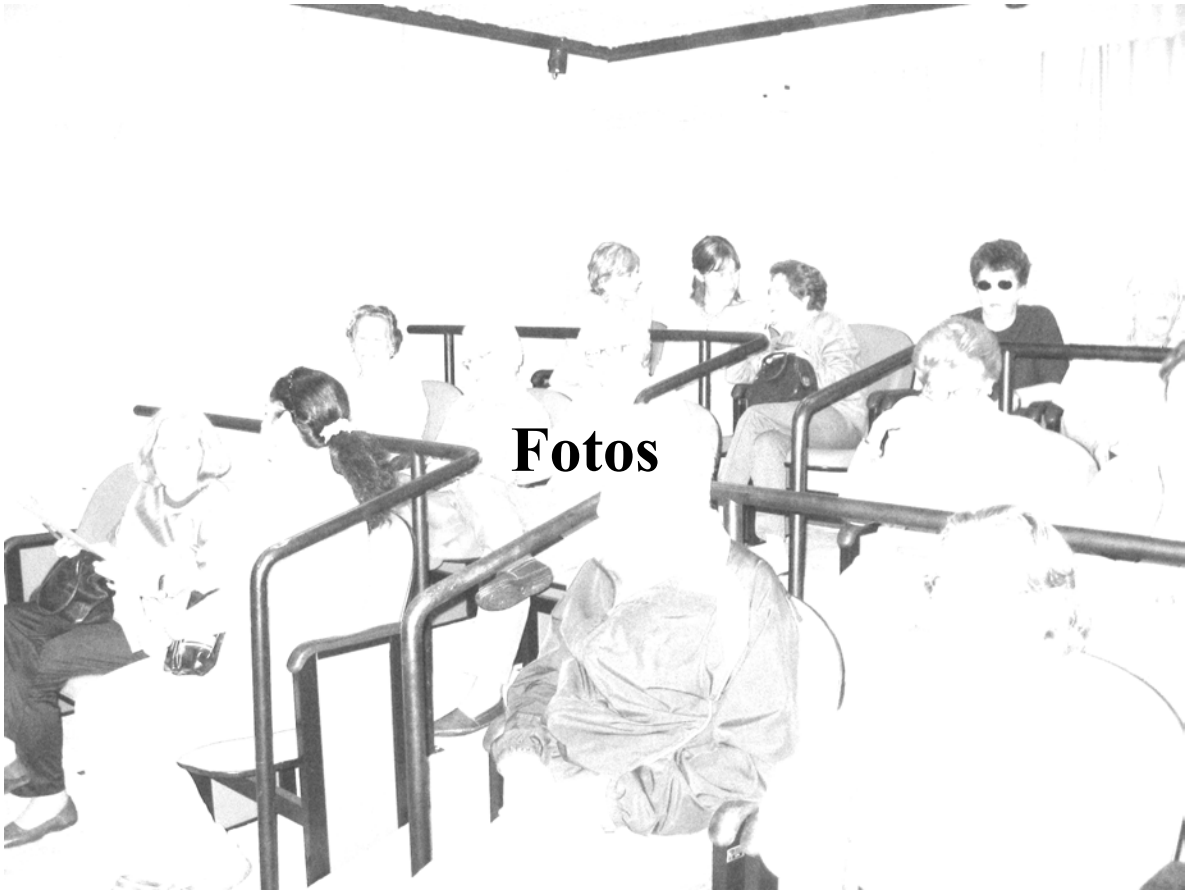
Eu quis vir morar aqui porque antes eu morava com a minha filha, e ela ia sempre pro Rio, e às vezes eu ia com ela. Mas eu sofro de pressão alta, e lá no Rio, eu tinha sempre crise de pressão, aí eu comecei a não querer ir mais, esse negócio de avião pra lá e pra cá, eu não estava gostando. Aí eu comecei a vir passar uns dias aqui no Solar. Um fim de semana, depois passei uma semana. E eu gostei. Morava com minha filha ali, no quatro (residencial 4, Alphaville), desde que fiquei viúva, morei com ela uns doze anos. Já faz trinta anos que tenho pressão alta, e morei um tempo sozinha, mas ela ficou com medo, vai que eu tenha uma crise, qualquer coisa e não tem ninguém por perto. Ela falou, “você não vai mais morar só”. Minha mãe morava comigo, mas ela faleceu. Então ela falou assim, “vem morar comigo”. Então eu desmontei o apartamento, aluguei e fui morar com ela. Depois de sair do quatro, ela foi morar no Tamboré. Lá a casa tem muita escada, e eu que cuidava de tudo, fazia compras, cuidava da empregada, fazia tudo, ela só dava o dinheiro, e ia trabalhar. Então, era um tal de sobe e desce escada.

Conclusão: fiquei ruim do joelho. Fiquei ruim mesmo, não conseguia andar. Fui até no médico, não conseguia andar mais. Aí fiz um tratamento de injeções, tudo direitinho, mas o moço dizia, "sua cartilagem está acabada, está batendo um osso no outro". Bom, fiz um tratamento longo, que fazia depois parava, pra recuperar a cartilagem. Depois, mandou fazer fisioterapia, que eu fazia aqui mesmo em Alphaville. Foi aí que eles falaram para mim que eu não podia continuar subindo e descendo escadas desse jeito, e sempre que eu fosse andar, procurar lugares que não tivessem subidas e descidas.

Aí eu percebi, também, que o meu genro queria viajar, passear, e ela (a filha) dizia que não queria, mas ela não queria dizer que não queria me deixar sozinha. E não viajava! E eu, não queria atrapalhar, sabe. E tem outra coisa, eu estava cansada, cansada de lidar com empregada e essas coisas. Ir aqui e lá e super mercado, cansei. Aí eu falei para ela que eu queria vir morar aqui. Ela não queria que eu viesse. Mas por que você quer ir para lá. E eu dizia, "não quero atrapalhar, e ainda, aqui tem essas escadas. E depois outra, o Jorge quer viajar, e tudo, e você tem que ir com ele. Tudo bem que eu vá pro Solar quando vocês viajam, mas já duas vezes que eu quis vir aqui e não tinha vaga". Aí eu falei também com meu filho, que não queria. Ele achava que aqui era tipo um asilo, sabe. Mas aí ele veio aqui, e gostou, achou um quartão bom, bastante espaço. Gostou, mas ficou me perguntando, - você quer mesmo?. "Quero. Quero descansar desses afazeres todos, sossego. Quero viver a minha vida, porque até agora eu vivi sempre a vida de vocês, agora quero viver a minha vida". Então eles concordaram, me abraçaram, concordaram, mas ta lá o meu quarto, minha filha não desmanchou, ta lá igual como eu deixei, mas eu não quero voltar, não quero mesmo.Eu vou lá, ela vem aqui, passo o natal. Ela quer que eu vá no carnaval, mas não sei se vou, não estou com muita vontade. É no Rio, e sempre que vou, fico com pressão alta, lá. Da última vez eles ficaram com aquela preocupação, nem se divertiram. Quando eu fui no casamento, então, tive que ficar num sofá, lá bem quietinha até que a pressão baixou. Eu tento ficar quieta, não digo que estou ruim, mas depois fui ficando pior, e fiquei ruim, e dá trabalho. Isso que às vezes, mesmo que tome remédio e a pressão baixe, fico no outro dia ruim. Por isso, vou pensar se vou pro carnaval com eles. Se eu estiver bem boa eu vou, se não, fico aqui que é bom também.

Paulo – O que a senhora acha que tem de melhor e de pior aqui. Qual o defeito principal que a senhora vê na instituição.

Eu acho bom, estou melhor aqui. Porque, lá eu ficava mesmo era com a empregada, quando chegava à noite minha filha ficava com o marido, e eu ficava meio assim, sabe. Aqui não, eu desço à noite para jantar e tenho gente para conversar. Fiz amizades, gosto de todo mundo aqui, tem uns que me dou menos que outros, mas gosto. Gosto do pessoal que trabalha aqui. Não adianta, eu gosto daqui. E não tenho nada de ruim pra falar, não. Se eu tenho que reclamar, eu reclamo, já falei isso pra você. Se quero alguma coisa vou lá e falo com o Luiz (o administrador), e eles resolvem. Todos me tratam muito bem, e eu não tenho queixa de nenhum empregado daqui. Nunca ninguém me respondeu mal ou me tratou mal. Então o que eu posso falar. Eu faço o que eu quero, saio. Eu dou satisfação, aviso que vou na minha filha, vou no mercado ou em algum lugar. Sempre que eu saio, eu falo com as meninas lá em baixo (Recepção). Eu me sinto segura aqui. Quando eu fiquei com aquela crise, todo mundo correu (sofreu uma crise de hipertensão há uma semana). Quando eu morava no apartamento, eu tive uma crise, meu marido não estava, não tinha ninguém, a vizinha também não estava, pois eu estava tão ruim que chamei o zelador, e ele que me levou para o hospital. Então, com essas crises, assim, eu me tornei meio insegura. Me sinto mal, não sei o que fazer, e ainda atrapalho os outros. Por isso não posso reclamar, e você sabe que se eu tenho uma reclamação, eu falo. Mas eu passei mal, deixei até a porta aberta e as moças vinham sempre me tratam muito bem, sinto mais segurança. Eu gosto daqui, além disso tem sempre coisas pra gente se distrair – é passeio, palestra dança, tem a doutora todo dia, vocês sempre aí. Se eu falar mal vou estar mentindo.



Fotos

Esta é a estrutura física do projeto apresentado ao longo deste trabalho.

Prédio de sete andares, com 54 apartamentos. Com área verde em toda a sua volta, e varandas para a rua tranqüila do bairro de Alphaville. Um lago, e a bela vista de um bosque.

Na parte inferior da foto se observa a entrada da garagem, onde os hóspedes podem guardar o carro. Um estacionamento na frente, para visitas, e a entrada principal, onde se vê o toldo.

Aqui uma visão do "átrio" o salão principal no térreo, ponto de encontro e sociabilização, com o piano ao fundo.

O evento fotografado é uma apresentação do "Coral do Solar", cuja maestrina é a professora Iracema, que se vê à direita da foto, com o violão. As aulas e ensaios acontecem toda semana, às segundas-feiras, com a participação das senhoras moradoras e algumas senhoras do bairro. O coral se apresenta em datas festivas e quando é convidado para se apresentar em eventos da comunidade, nas escolas ou em eventos da prefeitura de Barueri. Em geral tem em torno de doze integrantes.

Os jardins foram preocupação especial do empreendimento, pela necessidade de oferecer ao hóspede um espaço de encontro com a natureza e a beleza das flores e plantas. Este é o jardim dos fundos, onde há um lago com carpas, um viveiro de pássaros, e várias alamedas e ambientes, além de chafarizes e também uma pequena cachoeira.

Tudo adequado também ao idoso frágil - nenhum degrau, e rampas suaves para pessoas de passo curto ou encadeirados.

O cinema, com tratamento acústico e sistema de som.

Este espaço tem aparelho e microfones para karaokê, que ocorre uma vez por semana; retroprojetor para filmes apresentados duas vezes na semana, e conta com computador em rede e sistema data show para palestras e cursos. É um espaço onde se pode realizar reuniões, treinamento de funcionários, e a qualquer momento que se necessitar desses recursos.

Outro ângulo do "Cine Solar".

Além dos clássicos ou lançamentos, são apresentados neste espaço filmes musicais e shows internacionais. Periodicamente são feitas palestras, das quais participam não só os hóspedes, mas também moradores do bairro. Esta foto foi tirada durante uma palestra do ciclo anual.

O Solar possui piscina coberta e aquecida, que mantém sempre, em dias frios ou quentes, a mesma temperatura; além de uma hidromassagem, vista à esquerda da foto, para atendimentos de fisioterapia, tudo dentro da área de ginástica.

Aí são dadas aulas de hidroginástica em grupo e hidroterapia, individual. São feitas também sessões de watsu, terapia japonesa de relaxamento muito procurada.

Outra visão do salão principal, o "átrio", em audição musical. O hotel oferece música ao vivo duas vezes por semana, no horário do chá da tarde.

Ao fundo se vê a sala da lareira, voltada para o jardim.

E à esquerda, exposição dos quadros feitos pelas alunas da aula de pintura. Ao final de cada ano são expostos os trabalhos de artesanato, pintura e todas as obras produzidas no ano. Os visitantes podem adquirir as peças expostas, o que dá um sentido de valor ao que é produzido pelos alunos.

Outro evento no espaço do átrio, à noite.

Pelo menos quatro vezes por ano há jantares temáticos, com convidados, para que o ambiente se mantenha sempre alegre e agradável.

Sala de fisioterapia. Com todos os requisitos necessários ao bom atendimento.

O Solar conta hoje com duas fisioterapeutas que atendem aos hóspedes e pacientes do bairro.

O Solar tem um acordo de cooperação com a prefeitura. Com isso, a orquestra do município se apresenta quatro vezes por ano em suas dependências.

Na foto, a apresentação do Quarteto de Sopro de Barueri.

Aqui, parte da sala de ginástica, com alguns dos aparelhos adaptados para a terceira idade.

Exemplo de utilização do espaço do cinema para treinamento do pessoal de serviço. A filosofia de educação continuada dos funcionários é seguida pela instituição.

Sentado no chão, acompanhando o curso, vemos Pedro Garaude Junior, proprietário do empreendimento.

A busca para ter sempre gente e movimento é uma constante. Aí está sendo comemorado um aniversário.

Nesta foto, de parte do andar térreo, pode-se observar ao fundo o restaurante e à direita o bar. E, em pé, ao fundo, junto com dois auxiliares da equipe de enfermagem, a enfermeira chefe, Vera.

Esta é uma visão superior do "átrio" e da sala da lareira, visualizam-se com clareza a altura do pé direito, e os corredores dos andares de moradia.

Integração total do espaço.

Apartamento padrão, como é entregue ao hóspede. Em geral os moradores fazem várias mudanças, trazendo seus móveis e colocando prateleiras e quadros. Com isso se consegue ambiente personalizado.

A biblioteca, com a mesa central, parte das prateleiras de livros, e teto de madeira. Aí costumam vir principalmente os senhores, pela manhã, ler os jornais e conversar.

Todos os andares possuem ampla varanda. Voltadas para o norte, são ambientes agradáveis e ensolarados no inverno. E a bela vista do bairro de Alphaville.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo